

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARIANA SIMÕES PIMENTEL GOMES

**PROCEDIMENTOS
PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO
DAS LUTAS: Contextos e
possibilidades**

Campinas
2008

MARIANA SIMÕES PIMENTEL GOMES

**PROCEDIMENTOS
PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO
DAS LUTAS: Contextos e
possibilidades**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de Educação
Física da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de
Mestre em Educação Física.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

G585p	<p>Gomes, Mariana Simões Pimentel. Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades / Mariana Simões Pimentel Gomes. -- Campinas, SP: [s.n], 2008.</p> <p>Orientador: José Júlio Gavião de Almeida. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.</p> <p>1. Luta-Estudo e ensino. 2. Luta. 3. Esporte-Pedagogia. 4. Esporte para deficientes. 5. Educação Física para deficientes. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p> <p>(dilsa/fef)</p>
-------	--

Título em inglês: Pedagogical procedures for the martial arts teaching.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Martial arts-Study and teaching; Martial arts; Sport-Pedagogy; Sport for disabled; Physical Education for disabled.

Área de Concentração: Atividade Física, Adaptação e Saúde.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Alcides José Scaglia. Edison Duarte. José Júlio Gavião de Almeida.

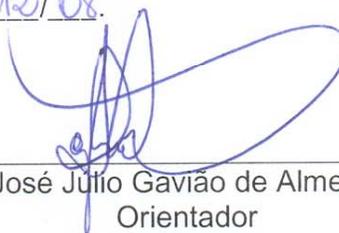
Data da defesa: 19/12/2008.

MARIANA SIMÕES PIMENTEL GOMES

**PROCEDIMENTOS
PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO
DAS LUTAS: contextos e
possibilidades**

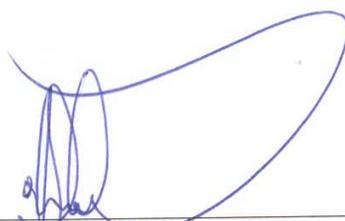
Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação de Mestrado defendida por
Mariana Simões Pimentel Gomes e
aprovada pela Comissão Julgadora em:

19/12/08.

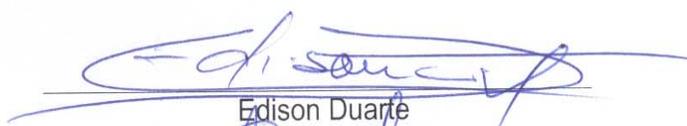


José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

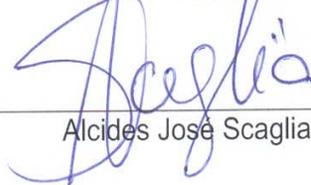
Campinas
2008

COMISSÃO JULGADORA

José Julio Gavião de Almeida
Orientador



Edison Duarte



Alcides José Scaglia

Dedicatória

Àqueles que lutam

Porque buscam o entusiasmo, a vivacidade, o sorriso, o suor, a taquicardia

Porque sonham com o sucesso, o retorno, a resposta, a vitória, a energia,

Porque sentem a mágoa, o fracasso, o relento, a tristeza, a nostalgia,

Lutam pela vida, pelo prazer de sentir prazer, pelo sangue que corre nas veias,

Por motivos, tendências, emoções e pensamentos,

Lutam pelo que acreditam, pelo que sonham, pelo que sentem,

Àqueles que lutam...

Porque encontram prazer no simples prazer de sempre lutar.

Agradecimentos

Àqueles que brilham como o sol na minha vida,
Que me dão energia, intensidade e cor,
Inspirando-me a discutir, refletir, fazer melhor,
Àqueles cujo brilho me faz brilharem os olhos todos os dias,
Cuja ausência me deixa incompleta,
Àqueles que estão sempre ao meu lado, a minha frente, ou me carregando no colo,
Àqueles cuja presença é um motivo para sorrir,
Cujos conselhos são sempre guardados,
Àqueles que me fazem sentir ímpar enquanto são meus pares,
Àqueles que enxergam além do que vêem os olhos e me ensinam a fazê-lo,
Àqueles que estiveram comigo quando o sol nasceu e se pôs,
Quando o céu estava azul, cinza ou colorido,
Àqueles do sangue, do nascimento, do crescimento, do amadurecimento,
Àqueles que me cuidaram e me ensinaram a viver,
Àquele que é meu herói, irmão, companheiro, confidente, pai,
Àquele que é meu sol, mesmo quando está escuro,
Àqueles da família, da infância, da escola, da academia,
Àqueles da faculdade, da sala de aula, dos corredores, meus professores,
Àqueles do trabalho, do descanso, das horas vagas, de todo o mundo,
Àqueles que continuam até hoje, de todas as horas, do coração,
Da vida toda,
Àqueles cujos pedaços carrego comigo e cuja existência faz de mim alguém
constantemente feliz.

GOMES, Mariana S. P. *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades*. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Resumo

Pensar no fenômeno Lutas geralmente nos remete a um conjunto de modalidades, cada uma com sua história, filosofia e características específicas. Considerando as Lutas como um conhecimento complexo e legítimo da Educação Física, acreditamos que o ensino fragmentado em modalidades na iniciação tende a restringir o universo de possibilidades inerentes aos conteúdos deste conhecimento, deixando de contemplar alguns contextos e personagens da pedagogia do esporte, tais como as pessoas com deficiência. Desta forma, este estudo buscou compreender e propor novos procedimentos pedagógicos acerca do ensino das Lutas. Para o alcance de tal objetivo, utilizamos a entrevista semi-estruturada, coletando dados junto a quatro professores de Educação Física e mestres nas modalidades Judô, Jiu Jitsu, Taekwondo, Karate, Kendo e Esgrima. Após a transcrição das entrevistas, elas foram analisadas pela Análise de Enunciação, uma das técnicas da Análise de Conteúdo. Percebemos então, que as Lutas dispõem de princípios condicionais (contato proposital, fusão ataque/defesa, oponente/alvo, imprevisibilidade e regras) determinantes para a compreensão e leitura da dinâmica interna de qualquer prática de Luta, que solicitam o pensamento tático e a criação de técnicas para solução dos problemas num combate. Assim, pôde-se classificar (grupos de aproximação) e conceituar as Lutas como um conhecimento da Educação Física, passível de ser ensinado na educação formal e não formal, de maneira global, antecedendo o estágio especializado. Os dados demonstram que a prática das Lutas por pessoas com deficiência se dá em modalidades específicas (como o Judô e a Esgrima) e tende a despertar o potencial criativo tanto do aluno como do professor no processo de ensino- aprendizagem, embora alguns alunos se adaptem melhor aos movimentos de determinadas modalidades. Consideramos que a partir do método aqui proposto, pode iniciar-se o ensino das Lutas com ênfase nas “razões do fazer”, significando ainda mais o aprendizado e permitindo que ele seja explorado nos diversos contextos (clubes, academias, escolas) e pelos mais diferentes personagens (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência).

Palavras-Chave: Luta-Estudo e ensino; Luta; Esporte-Pedagogia; Esporte para deficientes; Educação Física para deficientes.

GOMES, Mariana S. P. *Pedagogical procedures for the Martial Arts teaching: contexts and possibilities* 2008. 139f Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Abstract

Thinking of the martial Arts phenomenon usually leads us to a group of modalities, each one with its own history, philosophy and specific characteristics. Considering Martial Arts as a complex knowledge, legitimate of the physical education (P.E.) contend, we believe that the shattered teaching into modalities in the initiation process, leads to the restriction of the universe of possibilities Martial Arts can offer, not contemplating some of the Sports Pedagogy contexts and personages, such as people with disabilities. So, this study sought to comprehend and propose new pedagogical procedures around the Martial Arts teaching. For that we used semi structured interviews, collecting data from four P.E. teachers and masters in the modalities: Judo, Jiu Jitsu, Taekwondo, Karate and Fencing. After the transcription, they were analyzed by the Enunciation technique, one of the Contend Analysis techniques. We realized that the Martial Arts have conditional principles (intentional contact, attack/defense fusion, opponent/target, unpredictability and rules) determinant for the understanding and reading of a combat's internal dynamic of any Martial Arts manifestation, which demands the tactical thinking and the technique creation for problem resolutions in a combat. This way, we could classify (approximation groups) and define Martial Arts as a P.E. knowledge, possible to be taught in the formal and non formal education, through a global method, preceding the specialized stage. The data show that the Martial Arts practice by people with disabilities happens in specific modalities (such as Judo and Wheelchair fencing) and leads to develop the students' creative potential as much as the teachers' in the teaching/learning process, however some students may better adapt to the movements of some modalities. We consider that from the method proposed in this study, it is possible to start the Martial Arts teaching emphasizing the "doing reasons", signifying the learning even more and permitting it to be explored in all contexts (gyms, clubs, schools) by the most different personages (children, adults, elderly, people with disability).

Keywords: Martial arts-Study and teaching; Martial arts; Sport-Pedagogy; Sport for disabled; Physical Education for disabled

Lista de Figuras

Fig. A.1 – Aspectos norteadores da pesquisa.....	22
Fig. 1.1 – Proposta de Classificação dos Esportes de Luta.....	37
Fig. 1.2 – Classificação dos esportes de luta.....	38
Fig. 1.3 – Classificação segundo o critério ação motora.....	39
Fig. 1.4 – Tipos de Luta.....	41
Fig. 1.5 – Os grupos de aproximação das Lutas.....	48
Fig. 1.6 – Sistema de interações das Lutas.....	51
Fig. 2.1 – As Lutas no contexto esportivo.....	55
Fig. 2.2 – O ensino das Lutas.....	67
Fig. 2.3 – Atividade de contato contínuo com cordas.....	68
Fig. 2.4 – Atividade de contato contínuo com cordas em trio.....	69
Fig. 2.5 – Atividade de contato intermitente.....	70
Fig. 2.6 – Atividade em espaço diversificado.....	71
Fig. 2.7 – Atividade com implemento.....	73
Fig. 3.1 – O ensino das Lutas para pessoas com deficiência.....	85
Fig. 4.1 – Diário aula I.....	90
Fig. 4.2 – Diário aula II.....	90
Fig. 4.3 – Diário aula III.....	91
Fig. 4.4 – Diário aula IV.....	93
Fig. 4.5 – Diário aula V.....	95
Fig. 5.1 – A árvore da pesquisa.....	100

Sumário

APRESENTAÇÃO	19
A.1) INTRODUÇÃO.....	21
A.2) A PESQUISADORA E SUA “LUTA”	22
A.3) OS CAMINHOS METODOLÓGICOS	25
A.4) O PLANO DE REDAÇÃO	29
CAPÍTULO I	
<i>CLASSIFICAÇÕES E PRINCÍPIOS COMUNS DAS LUTAS</i>	33
1.1) INTRODUÇÃO	35
1.2) AS LUTAS E SUAS CLASSIFICAÇÕES	36
1.3) OS PRINCÍPIOS CONDICIONAIS	42
1.4) DAS ESPECIFICIDADES AOS PRINCÍPIOS COMUNS	44
CAPÍTULO II	
<i>A PEDAGOGIA DAS LUTAS</i>	53
2.1) INTRODUÇÃO	55
2.2) PEDAGOGIA DO ESPORTE E AS LUTAS	56
2.3) A INICIAÇÃO NAS LUTAS	58
2.4) ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA AS LUTAS	61
2.5) POR UM ENSINO GLOBAL DAS LUTAS	66
CAPÍTULO III	
<i>A PRÁTICA DAS LUTAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	75
3.1) INTRODUÇÃO	77
3.2) AS MODALIDADES DE LUTA E O PARADOXO DA DEFICIÊNCIA.....	78
3.3) IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA.....	81
3.4) CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIVÊNCIA DAS LUTAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	83
DIÁRIOS DE UMA SONHADORA... PROFESSORA	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	103
ANEXO.....	109
APÊNDICES	113
APÊNDICE A: Transcrição das entrevistas	115
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	139

Apresentação

A.1) INTRODUÇÃO

As Lutas¹ estão extremamente difundidas nos clubes e academias (educação-não formal), fragmentadas em modalidades que tendem a preservar suas origens e formar alunos, atletas e mestres, que procuram estas instituições em diferentes idades. Características como a tradição, disciplina, filosofia, inerentes às Lutas, costumam ser o maior atrativo para os alunos que buscam uma determinada modalidade. Além disso, a popularidade de algumas Lutas aumenta cada vez mais o interesse de crianças, homens, mulheres, idosos e grupos com necessidades especiais, tais como de pessoas com deficiência, por essas práticas milenares.

Desta forma, a transmissão deste conhecimento é baseada nas especificidades de cada luta, ensinando aos alunos movimentos determinados, que em geral carregam consigo toda a cultura e história da modalidade.

Enxergando a Educação Física como uma área de conhecimento que deve interferir no desenvolvimento das “artes do corpo”, e considerando as inúmeras manifestações de Luta como um conhecimento possível e pertencente a essa área, este estudo objetiva compreender e propor novos procedimentos pedagógicos acerca do ensino das Lutas na iniciação, levando em conta os diferentes personagens e cenários da pedagogia do esporte.

Para isso, o texto, baseado na experiência de vida da pesquisadora e nas manifestações de Luta, tenta dialogar com os entrevistados e com os autores que definem, classificam e discorrem sobre métodos de ensino das Lutas, bem como com os autores que estudam pedagogia do esporte e esporte para pessoas com deficiência.

Assim, a figura a seguir (A.1) contextualiza os três capítulos/artigos que desenham este estudo. Primeiramente é necessário compreender, definir e classificar as Lutas no panorama esportivo. Em seguida, é preciso entender os métodos de ensino, apontando para procedimentos pedagógicos, no processo de ensino-aprendizagem das Lutas, para diferentes contextos e personagens. Finalmente, após pensar no ensino global das Lutas a ênfase no ensino

¹ A escolha da nomenclatura será abordada no primeiro capítulo; entretanto, o texto pretende tratar do fenômeno “Luta” e suas manifestações, seja como arte marcial ou esporte de combate. Utilizamos a letra maiúscula quando nos referimos ao fenômeno, e a todas as possíveis modalidades. Quando luta for sinônimo de combate ou se referir a uma única modalidade, aparecerá em minúscula.

será dada às pessoas com deficiência (personagens da pedagogia do esporte), direcionando para possíveis estratégias no processo.



Fig. A.1 – Aspectos norteadores da pesquisa. Adaptado de Morato (2007)

A.2) A PESQUISADORA E SUA “LUTA”

Escrever é uma arte. Para que alguém pudesse ser entendido, escutado, notado, desde as civilizações mais antigas a escrita tem sido uma ferramenta, uma arma, um marco, que registra e permite às futuras gerações imaginar, inferir, concluir o que já se passou.

Para escrever utilizamos nossas idéias, estudos, experiências, nossos sentidos. Para dar sentido ao que escrevemos usamos nossas aflições, inquietações, dúvidas, aliadas às possíveis certezas, constatações, conclusões momentâneas e conhecimento.

A escrita deste texto expressa diferentes etapas de outra arte: a arte de estudar. O deslumbramento é sua fase inicial, quando se enxergam as possibilidades de respostas para as diferentes questões levantadas, despertando novas dúvidas. Mergulhar no tema escolhido é o próximo passo e a tentativa de entender de tudo um pouco pode trazer à tona uma outra arte: a de se confundir. Entretanto, esses embaraços que se verificam a princípio dissipam-se à medida em que o artista amadurece, ocasião em que os contornos de sua arte se tornam mais nítidos.

A experiência é outra arte que somada às anteriores pode transformar a linearidade dos processos em situações complexas. Para escrever este texto com arte, para falar de arte e das artes, foi necessário que o pesquisador fosse, além de artista, arteiro. Nessas páginas

encontram-se o fruto da experiência, do amadurecimento, da confusão, da descoberta, da escrita e do artista.

Falar ou escrever sobre a arte de ensinar pode ser fascinante, principalmente quando respiramos aquilo que ensinamos. Assim, o tema aqui discutido mescla a arte de ensinar, a de aprender, a de ser diferente, com a arte marcial².

Meu envolvimento com uma arte nova, mística, “não popular” na época, me motivou a seguir os passos de meu pai (praticante de Jiu Jitsu). Assim, mergulhei no mar das Lutas, praticando modalidades que se complementavam (Judô e Jiu Jitsu), o que seria suficiente para me despertar uma série de inquietações acerca deste universo misterioso.

A arte geralmente nos remete à preservação de determinado estilo, costume, prática, tradição. Ela pode ser plástica, oriental, ocidental, marcial. Na tentativa de conservar o conceito de arte marcial, o ensino geralmente traz métodos preconizados desde o surgimento da modalidade ministrada, com algumas modificações. Tais formas de ensino acabam desconsiderando fatores como a cultura, idade e contexto social dos alunos, fazendo de algumas modalidades de luta a arte de doutrinar um grupo de pessoas desde a sua infância, ao longo de toda a sua vida de praticante.

Incontestavelmente, o envolvimento com uma determinada manifestação de Luta é encantador e fascinante e pode induzir os educadores físicos a enfatizar a tradição em detrimento da exploração dos movimentos presentes, não apenas em uma arte marcial, mas nas atividades de combate, na luta pela luta, no conhecimento da Educação Física.

Assim, unindo as primeiras experiências teóricas³ com a experiência prática desenvolvida e aprendida com um tradicional mestre de Judô e Jiu Jitsu⁴, o caminho para a escrita deste texto que une as artes (escrever, estudar, ensinar, lutar), começou a ser traçado.

No final do ano 2003 passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada (atual GEPEAMA) e estabeleci os primeiros contatos com o professor que, futuramente, seria meu orientador. No início do ano seguinte, através dele, fui convidada a auxiliar a equipe técnica da seleção brasileira de judô paraolímpico durante a preparação para as paraolimpíadas de Atenas (2004).

² Referimo-nos aqui a todas as manifestações de Luta e não somente às marciais (que preparavam para a guerra)

³ Entrada na Faculdade de Educação Física (FEF-UNICAMP) no ano de 2001

⁴ Aluna do Prof. Ms. Odair Borges desde 1995

A partir de então entrava em contato com atletas com deficiência visual (D.V.) e com toda a equipe que liderava os treinamentos. De muito perto pude perceber as facilidades e necessidades que tinham aqueles atletas, dentro e fora dos tatames. Esse entrosamento me instigou a realizar minha primeira pesquisa acadêmica (iniciação científica) que tentou observar, analisar e trazer sugestões para o treinamento dos atletas paraolímpicos⁵.

Neste mesmo ano a seleção feminina paraolímpica obteve as primeiras medalhas para o Brasil na história do Judô feminino brasileiro nos Jogos olímpicos e paraolímpicos. E por estar envolvida com a equipe tive outras razões e inspirações para realizar mais uma pesquisa. Esta se baseou na observação de questões sociais de diferentes seleções femininas, fazendo um paralelo entre desempenho e situação social dos países⁶.

A participação em congressos e em discussões acadêmicas sobre a temática “Lutas”⁷ foi despertando algumas reflexões que um pouco mais adiante, após o término do curso de graduação, foram as motivações que me induziram a ingressar no curso de mestrado.

Como professora de “artes marciais” para crianças, fui compelida a rever as idéias que tinha sobre o ensino dessas práticas, quer fossem para pessoas com D.V., para crianças, ou qualquer aluno.

A plena participação acadêmica (projeto de extensão “Escolinha de Lutas”, apoio didático na disciplina de graduação cuja temática eram as Lutas⁸, aulas na universidade e discussões em grupos de estudos) proporcionou o amadurecimento tanto das idéias para uma dissertação de mestrado, quanto da própria pesquisadora.

Em 2007 recebi um grande presente da universidade: a possibilidade de estudar oito meses numa faculdade na Espanha, com a finalidade de completar minha pesquisa de mestrado⁹. Conhecer uma nova estrutura, outros docentes, colegas de classe, bem como vivenciar e respirar diariamente uma nova cultura me fez refletir sobre outra arte: a arte de valorizar. Não somente essa oportunidade única e ímpar, mas também olhar com novas lentes a FEF-UNICAMP, perceber o quanto somos evoluídos, organizados, estruturados e, sobretudo

⁵ Vide Gomes (2005).

⁶ Vide Gomes (2006).

⁷ Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Cultura (GEPEFIC-LUTAS) coordenado pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio.

⁸ MH 312-Pedagogia do movimento V- Lutas

⁹ Bolsa Santander de Mobilidade internacional (Set/2007 – Maio/2008).

preparados academicamente para discutir e dialogar em igualdade de condições com uma instituição análoga de um país desenvolvido e com tradição em pesquisas na Educação Física.

Neste período cursei duas disciplinas¹⁰ que me forneceram novas bibliografias, presentes neste texto, e que puderam contribuir grandiosamente para essa reflexão.

Desta forma, mantivemos a idéia inicial de trazer para essa dissertação uma discussão sobre o ensino das manifestações de Luta para diferentes contextos e personagens da pedagogia do esporte.

A.3) OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Identificamos a Pesquisa Qualitativa descrita por Thomas & Nelson (2002) como a metodologia mais adequada para este tipo de estudo, pois esta visa observar, compreender e dar significado para o fenômeno estudado, além de enfatizar a essência dos fenômenos, primando pelo processo em detrimento do produto.

Para esses autores, a pesquisa qualitativa busca entender o significado de uma experiência para os participantes num determinado local, e de que maneira os componentes se combinam para formar um todo (THOMAS & NELSON, 2002).

Sujeitos

Na pesquisa qualitativa, a seleção dos sujeitos é feita considerando o lugar de onde se observa e o que se quer observar. Selecionam-se os sujeitos de forma proposital, considerando características pré-determinadas, buscando uma amostra entre aqueles que possam nos ensinar o máximo (THOMAS & NELSON; 2002).

A determinação do número de sujeitos depende da qualidade das informações a serem obtidas. Coletamos dados de quatro professores/mestres das modalidades: Judô, Jiu Jitsu, Taekwondo, Karatê, Kendo e Esgrima, tendo como pré-requisito a graduação em um curso de Educação Física.

¹⁰ “Habilidades de lucha” y “Judo y su didáctica”

Por questões éticas utilizadas em pesquisa, os nomes dos sujeitos serão mantidos em sigilo, e os mesmos estarão cientes disso e de que os dados por eles relatados terão uso exclusivo para o estudo ¹¹.

Abaixo é apresentada uma breve descrição dos sujeitos/colaboradores:

PROF I	Graduado e mestre em Educação Física, praticante de Judô há 57 anos e de Jiu Jitsu há 44, professor das duas modalidades.
PROF II	Graduado e mestre em Educação Física, professor/praticante de Karatê há 20 anos.
PROF III	Graduado e doutorando em Educação Física, professor/praticante de Esgrima há 28 anos.
PROF IV	Graduado em Educação Física, professor/praticante de Taekwondo e Kendo (há 26 anos).

Local de coleta de dados

O local e data das entrevistas foram definidos após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas¹² da UNICAMP e de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Alguns foram entrevistados em suas próprias academias ou locais de aula e outros na FEF-UNICAMP, após atividades acadêmicas na área de Lutas e promovidas pela faculdade.

Forma de coleta de dados

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista semi-estruturada, pois ela se apresenta como o principal meio para a conquista de nossos objetivos. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas literalmente para análise.

Esse tipo de entrevista parte de certos questionamentos básicos que interessam à pesquisa e são apoiados num referencial teórico que as orienta. Hipóteses vão surgindo na

¹¹ Vide Apêndice : Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

¹² Parecer de número 108/2007

medida em que as respostas do informante são recebidas e oferecem amplo campo de novas interrogativas a serem investigadas. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências, dentro do foco principal visado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. Assim, a entrevista semi-estruturada permite ao entrevistado esclarecer os pontos propostos, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado.

O roteiro básico utilizado apresenta-se a seguir:

Apresentação:

Há quantos anos você está envolvido com essa modalidade?

Você já praticou outra modalidade de Luta antes dessa?

Perguntas:

1. Você acredita que a modalidade que você ensina tem algo em comum com outras modalidades de lutas?
2. Quais são as habilidades e princípios iniciais que você ensina para uma pessoa que vai começar a praticar “sua” modalidade?
3. E o que você considera primordial para ser ensinado durante a iniciação?
4. No que se refere à distância entre os oponentes, como você definiria sua modalidade?
5. Essa modalidade possui “formas” ou seqüências de movimentos como o *Kata*¹³? Eles são ensinados na iniciação? De que maneira?
6. Descreva uma aula sua na iniciação da modalidade
7. Pensando na diversidade humana, nas diferentes pessoas que procuram a sua academia, você já teve algum aluno com deficiência?

Projeto piloto

O projeto piloto é essencial para a preparação adequada do pesquisador e para possível correção de falhas metodológicas do projeto (THOMAS & NELSON, 2002).

Nesse caminho, o estudo piloto foi realizado com dois professores das modalidades Capoeira e Taekwondo, na FEF-UNICAMP, formados em Educação Física e envolvidos com a disciplina de graduação, ministrada pelo orientador deste estudo¹⁴, da qual esta pesquisadora já participa como monitora desde 2004.

¹³ *Kata* em japonês significa seqüência de técnicas formais.

¹⁴ MH-312 : Pedagogia do Movimento V - Lutas

Apesar da entrevista semi-estruturada ter sido usada em uma das pesquisas de iniciação científica (GOMES, 2006), o estudo piloto contribuiu para a aproximação com a nova tecnologia dos gravadores¹⁵ e com a verificação da coerência entre o roteiro básico seguido e os objetivos do estudo.

Análise dos dados

Os dados obtidos pelas entrevistas foram analisados através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Tal conceito é definido por Bardin como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (p.42).

A Análise de Conteúdo segue três etapas para a concretização do processo:

1ª) pré-análise – estratégias para a coleta dos dados e a organização do material para posterior análise;

2ª) exploração do material e tratamento dos resultados – codificação, classificação e categorização dos dados, na busca por sínteses de dados coincidentes, divergentes e neutros, localizados nas mensagens;

3ª) inferência e interpretação – aprofundamento da análise da etapa anterior, desvendando o conteúdo latente dos dados manifestos.

Tendo como base a afirmação de Bardin (1977, p.31) de que não existe o “ponto-a-vestir” em análise de conteúdo, sendo necessária a reinvenção e adequação das técnicas de análise aos objetivos pretendidos, optou-se neste estudo, pela Análise de Enunciação. Segundo a autora, essa técnica aplica-se particularmente bem aos discursos obtidos pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas (MORATO, 2007).

A Análise de Enunciação concebe o discurso como palavra em ato. Não considera o material de estudo como um simples dado, mas como algo transcendente a isso. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, onde são produzidos sentidos e são operadas transformações.

¹⁵ Gravador de voz estilo MP4 marca Ingo

As entrevistas entram em diálogo com o referencial teórico para auxiliar o processo cíclico de dedução e indução elaborado pelo pesquisador. A cada leitura, a cada análise surgem hipóteses que sugerem novas interpretações, num fluxo constante de reflexões. Assim, os discursos/entrevistas deixam de ser produtos e tornam-se fatores fundamentais do processo.

Esse tipo de análise é complementar à análise temática, que “[...] recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos” (BARDIN, 1977, p.175). Após a verificação das temáticas recorrentes, cada discurso é analisado em sua singularidade dentro dos diferentes indicadores (temas) e do sentido atribuído a eles por cada interlocutor.

Cada pergunta gerou um conjunto de temáticas próprias, fruto de aspectos latentes encontrados nos discursos dos interlocutores. Os temas encontrados em uma pergunta poderiam se repetir para outras perguntas.

Após uma primeira análise de todos os discursos (entrevistas) para a determinação das temáticas, realizou-se a inferência individual e interpretação das temáticas enunciadas, agora não mais por entrevistado, mas por agrupamento das perguntas. Com isso, se pôde notar a similaridade entre algumas temáticas. Tais temáticas similares foram agrupadas de acordo com os aspectos norteadores da pesquisa, apontando para os capítulos/artigos e assim foram analisadas coletivamente¹⁶.

Todas as análises foram suportadas pelo referencial teórico, estabelecendo-se um diálogo para as proposições da dissertação e seu plano de redação¹⁷.

A.4) O PLANO DE REDAÇÃO

Em vista dos novos paradigmas da ciência e de uma nova ordem estabelecida nos programas de pós-graduação, Thomas & Nelson (2002) reforçam a necessidade de se utilizar um formato de teses e dissertações direcionadas a publicação. Para tais autores parece mais

¹⁶ As análises coletivas estão disponíveis no Apêndice B: Inferências coletivas

¹⁷ As análises inferenciais estão disponíveis no Apêndice A: Análises Inferenciais.

lógico preparar as teses e dissertações em formato e estilo apropriados para submissão a um periódico ou revista científica.

Na mesma linha, este pressuposto também tem sido adotado por alguns docentes do Programa de Pós Graduação da FEF-UNICAMP, o que contribuiu com sugestões para uma estratégia de redação desta pesquisa na mesma direção.

Seguindo a reflexão dos autores supracitados, o plano de redação foi composto por:

- Essa *apresentação*, para detalhar os caminhos percorridos no processo da dissertação;
- Três *capítulos/artigos*, cada um referente a um dos aspectos norteadores da pesquisa expostos na Fig. A.1;
- E dois capítulos finais de fechamento e encadeamento de idéias dos capítulos/artigos.

Com as proposições oriundas do processo de análise das entrevistas, os capítulos/artigos foram construídos com o auxílio de “vinhetas narrativas”, que podem ser citações diretas de entrevistas ou tomadas de nota de campo, com o objetivo de ilustrar os leitores com as asserções do pesquisador. Pois a “[...] vinheta captura a atenção do leitor, ajudando o pesquisador a dizer o que queria” (THOMAS & NELSON, 2002, p. 328). A escolha por essa forma de redação tem por objetivo tornar o texto acessível também fora do ambiente acadêmico.

O Capítulo I – *CLASSIFICAÇÕES E PRINCÍPIOS COMUNS DAS LUTAS* – procura compreender como as diferentes manifestações do fenômeno Lutas podem ser organizadas de acordo com os princípios comuns que as regem, com o intuito de contribuir para a estruturação pedagógica deste conhecimento na área da educação física. As temáticas utilizadas para a elaboração deste capítulo foram:

<i>Características comuns</i>
<i>Formas</i>
<i>Habilidades específicas</i>

O Capítulo 2 – *A PEDAGOGIA DAS LUTAS* – Parte dos estudos sobre pedagogia do esporte para discutir o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento Lutas

propondo novos procedimentos pedagógicos em diferentes contextos e para diferentes personagens.

Aspectos culturais

Método de Ensino

Transferência

O Capítulo 3 – *A PRÁTICA DAS LUTAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA* – discute a visão dos entrevistados sobre a prática das modalidades de luta por pessoas com deficiência, dialogando com os procedimentos pedagógicos propostos nos capítulos anteriores. Temáticas utilizadas para a elaboração do capítulo:

Potencial criativo

Adaptações

Antes do capítulo de *CONSIDERAÇÕES FINAIS* propomos um texto complementar que justifica a conclusão da dissertação através das experiências pessoais da pesquisadora, conectando a teoria e a prática.

O último capítulo, por fim, procura ressaltar a conexão entre os três *capítulos/artigos*, entrelaçando as interações entre eles. Embora tratados separadamente, os artigos mantêm grande correlação entre si; fruto da idéia central dessa dissertação.

Capítulo I
*CLASSIFICAÇÕES E PRINCÍPIOS
COMUNS DAS LUTAS*

“O ontem é história, o futuro é mistério
e o hoje é uma dádiva, por isso que se chama presente”

Provérbio chinês

1.1) INTRODUÇÃO

Constantemente presente na bagagem cultural de diferentes civilizações no decorrer dos séculos, a Luta já foi reconhecida como rito, prática religiosa, preparação para a guerra, jogo, exercício físico, entre outros diversos significados que já lhe foram atribuídos. A maioria dos relatos de povos antigos conta com distintas manifestações de atividades de luta, que expressavam seus costumes e tradições, delineando sua história, fosse ela ocidental ou oriental (ESPARTERO, 1999).

Dentre estas manifestações, destacam-se as práticas esportivizadas e mais difundidas ao longo da história do homem, que perduram até os dias atuais. Patrimônio cultural de diferentes povos, praticadas por razões distintas, mas com uma essência em comum, o que é capaz de tornar essas práticas um conhecimento a ser estudado, compreendido e desmistificado.

A escolha de um termo para tratar dessas atividades pode ser subjetiva dependendo do entendimento do pesquisador e de onde ele deseja chegar com o seu emprego. Arte Marcial, Esportes de Combate, Luta, Lutas. No contexto esportivo-educacional, no qual se fundamenta a escrita deste texto, os termos *Luta/Lutas* contemplam as intenções e anseios da pesquisa.

Presentes nos diversos cenários da pedagogia do esporte (PAES, 2002), praticadas pelos seus diferentes personagens, as Lutas trazem para o mundo da educação física parcelas de tradição, religião, cultura, filosofia, rituais, disciplina, além de aspectos relacionados ao corpo, movimento, passíveis de serem transmitidos, preservados e reorganizados no decorrer de suas atividades milenares.

Desta forma, este capítulo procura compreender como as diferentes manifestações do fenômeno Lutas podem ser organizadas de acordo com os princípios comuns que as regem, com o intuito de contribuir para a estruturação pedagógica deste conhecimento na área da educação física.

1.2) AS LUTAS E SUAS CLASSIFICAÇÕES

Por abrangerem uma gama infinita de movimentos, técnicas e características, tenta-se classificar as Lutas em função de uma série de critérios como: os objetivos de um combate, tipo de contato entre oponentes, suas ações motoras, distância entre oponentes, tipo de meta no enfrentamento. Esses agrupamentos unem as Lutas pelo que têm em comum, assim como as separam por suas diferenças. Segundo Espartero (1999) classificar os Esportes de Luta promove uma organização de elementos ou categorias de acordo com um determinado critério, que permite estabelecer uma diferenciação entre eles, o que facilitaria o ensino e a escolha do mais adequado a ser ensinado.

Na tentativa de classificar as Lutas de acordo com o tipo de contato entre os oponentes, Espartero (1999) criou uma categoria chamada “*Esportes de Luta com agarre*”. Esse agarre seria uma ação básica que representa os objetivos comuns entre as modalidades, tais como a derrubada (*derribo*), as projeções (*proyecciones*) e o controle no solo. Assim o autor subdivide essa categoria, em decorrência da imposição inicial do agarre (Luta leonesa, Luta escocesa, Luta islandesa etc.) ou da não imposição desse agarre (Judô, Jiu Jitsu Brasileiro, Sambo etc.). Além disso, estabelece uma outra subdivisão, de acordo com a finalidade “lutatória”. O objetivo principal da luta é projetar o oponente ao solo, o que caracteriza o fim do combate, ou após a projeção, continua-se a luta no solo.

A categoria seguinte se refere a “*Esportes de Luta com golpes*” subdivididos em: aqueles que utilizam apenas os punhos (Boxe); os com utilização exclusiva das pernas (Boxe Francês); e aqueles em que se usam mãos e pernas conjuntamente (Karatê, Taekwondo). O critério neste grupo é o tipo de golpe (chutes, socos isoladamente ou numa mesma luta).

A terceira categoria é a que trata dos “*Esportes de Luta com Implemento*”, na qual o objetivo é tocar as determinadas áreas do corpo do adversário com a mediação de uma espada, por exemplo, (Kendo, Esgrima) (ESPARTERO, 1999).

A figura a seguir (Fig. 1.1) ilustra a classificação das Lutas por Espartero (1999):

Esportes de Luta		
AGARRE	GOLPES	IMPLEMENTO
<p style="text-align: center;"><i>Imposição Inicial</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Obrigatória (Luta leonesa, Luta escocesa, Judô paraolímpico) ▪ Não Obrigatória (Judô, Sambo, Jiu jitsu) <p style="text-align: center;"><i>Finalidade do combate</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Projeção (Luta leonesa, Luta canária) ▪ Projeção e continuação no solo (Judô, Jiu Jitsu, Luta livre, Sambo) 	<p style="text-align: center;"><i>Uso exclusivo dos punhos</i> (Boxe)</p> <p style="text-align: center;"><i>Uso exclusivo das pernas</i> (Savate ou Boxe francês)</p> <p style="text-align: center;"><i>Uso de punhos e pernas</i> (Karatê, Taekwondo, etc.)</p>	<p style="text-align: center;">Objetivo é tocar o implemento em determinadas áreas do corpo do adversário (Esgrima, Kendo)</p>

Fig. 1.1 – Proposta de Classificação dos Esportes de Luta. Baseado em Espartero, (1999)

Essa classificação é feita considerando-se uma série de variantes, o que a torna confusa, já que para entendê-la deve-se pensar em vários critérios que ao invés de agrupar as modalidades em “famílias”, as separam em grupos e subgrupos a partir de suas diferenças. É uma divisão com base nas especificidades e não nos princípios comuns.

Pensando num contexto esportivo que visa o treinamento para competições, tal proposta apresenta uma riqueza de detalhes que tendem a influenciar diretamente no desenvolvimento das modalidades. Saber se existe a imposição do agarre pode determinar a tática/técnica que um atleta vai utilizar, assim como o treino de uma modalidade que utiliza apenas punhos será diferente do de outra modalidade que permite o uso apenas das pernas.

Já num contexto educacional, onde um dos objetivos do ensino das Lutas é proporcionar aos alunos a vivência e conhecimento do fenômeno e suas manifestações, considerar tantos detalhes para classificar as Lutas tende a dificultar o processo, já que as diferenças enfatizam as especificidades dos conteúdos.

Na categoria do *agarre*, por exemplo, as possibilidades trazidas pelo autor podem mesclar-se numa única modalidade, e pertencer a um grupo não exclui a possibilidade de estar em outro. No caso dos *Esportes de Luta com golpes* as três subdivisões usadas pelo autor, no contexto educacional não seriam de extrema relevância para o ensino, à medida em que todos os movimentos deste grupo são um conhecimento que deve ser explorado, independente das regras de uma modalidade.

Desta forma, a classificação se baseia em regras específicas de modalidades de lutas esportivizadas, desconsiderando novas formas de Luta, reduzindo as possibilidades de ensino em métodos não centrados nas especificidades das Lutas.

Outros autores espanhóis também tentam classificar as Lutas, mas baseando-se nas ações motoras durante um combate. Suas divisões no que se referem à metodologia de ensino se assemelham às de Espartero (1999).

Ramirez, Dopico e Iglesias (2000) consideram o contato (com agarre e sem agarre) a condição responsável pelas ações motoras exercidas dentro de um combate, dividindo as modalidades de luta em três grupos. No primeiro estão as modalidades nas quais existe o agarre (“*Com agarre*”), manifestado por meio das ações de derrubar e/ou excluir, controlar e fixar o adversário no espaço de luta.

O segundo grupo não dispõe de movimentos que dependem do agarre, sendo denominado de “*Sem agarre*”. As ações motoras básicas deste grupo são golpear e impactar. E pelos exemplos de modalidades, podemos perceber que tais ações se referem a chutes e socos. O terceiro grupo possui o mesmo nome do segundo (“*Sem agarre*”). Pelo mesmo motivo, o agarre não é necessário para que a ação motora principal do grupo (tocar) aconteça. Percebe-se neste último grupo que o tocar depende de um implemento (Fig. 1.2).

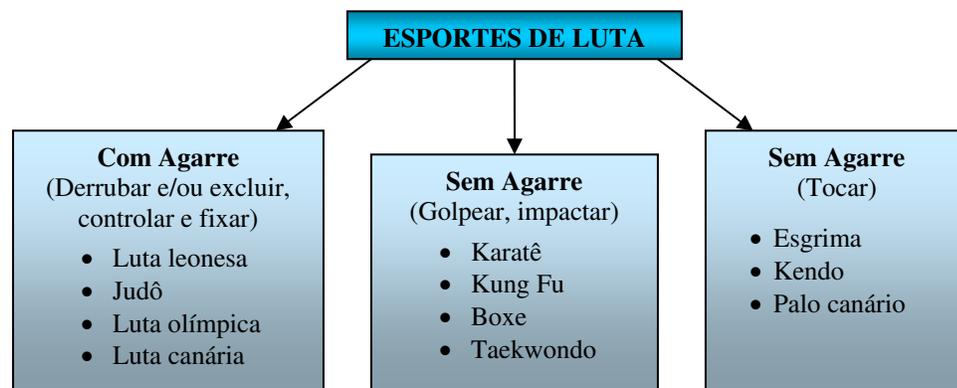


Fig. 1.2 – Classificação dos esportes de luta. Adaptado de Ramirez, Dopico, Iglesias (2000).

Observa-se que a ação motora caracteriza o objetivo do combate, que pode ser derrubar, imobilizar, golpear ou tocar. Em termos práticos não difere relevantemente em relação à classificação de Espartero (1999), pois as modalidades de luta se mantêm em grupos que preservam as mesmas peculiaridades. Além disso, assim como Espartero (1999), Ramirez,

Dopico e Iglesias (2000) classificam os *Esportes de Luta*, ou seja, aquelas modalidades que além de suas regras, são regidas por federações nacionais e internacionais, o que também pode não ser adequado a um contexto educacional que prime pelo ensino do conhecimento como um todo e não por modalidades específicas.

A figura a seguir (Fig. 1.3), também baseada nos critérios motores, fragmenta de maneira mais aprofundada as possíveis ações referentes às Lutas de uma maneira geral. Além de enfatizar as manifestações com ‘agarre’, considera do mesmo modo, as ações dos indivíduos numa situação de combate.

Classificação dos jogos desportivos de luta segundo o critério ‘ação motora’				
Desequilibrar / Derrubar	<ul style="list-style-type: none"> • Somente com ações de braços • Somente com ações de pernas • Com ações combinadas de braços, pernas, tronco e quadril 		Derrubar o adversário	
	<ul style="list-style-type: none"> • A luta finaliza quando qualquer parte do corpo que não seja a planta dos pés toca o solo 			
Fixar	<ul style="list-style-type: none"> • Manter o adversário no solo 			
Excluir	<ul style="list-style-type: none"> • Expulsar o adversário da área de luta 			
Controlar	<ul style="list-style-type: none"> • Após a derrubada do adversário deve-se continuar com as ações no solo 			
Golpear	<ul style="list-style-type: none"> • Punhos • Mãos • Pés 	<ul style="list-style-type: none"> • Antebraços • Cotovelos • Joelhos 	<ul style="list-style-type: none"> • Golpes efetivos • Golpes fictícios (“marcar”) 	Golpear
Tocar	<ul style="list-style-type: none"> • Toque efetivo • Golpe simulado • Somente com a ponta do implemento • Com todo o implemento 		Tocar	

Fig. 1.3 – Classificação segundo o critério ação motora. Adaptado de Henares (2000)

O autor divide as ações motoras de um combate em três grandes grupos, sem exemplificar nem determinar quais as modalidades se inserem em cada grupo. Os grupos são “derrubar o adversário”, “golpear” e “tocar”. No primeiro grupo ele também subdivide o que seria o agarre para Espartero (1999), adicionando ao desequilibrar/derrubar ações como fixar, excluir e controlar, também citadas por Ramirez, Dopico e Calvo (2000), apresentando como cada ação principal pode ocorrer.

No grupo “golpear” ele especifica como essas ações podem ser executadas (partes do corpo e natureza dos golpes) não importando quando é permitido utilizar determinados

membros, mas sim os movimentos possíveis na gama que o grupo oferece. No grupo “tocar” Henares (2000) o faz da mesma maneira elucidando que tal ação pode ocorrer de formas diferentes, além de depender do tipo de implemento que se vai utilizar.

Diferentemente dos outros autores apresentados, Henares (2000) expõe uma classificação de *Jogos Desportivos de Luta* que é uma compilação de classificações de autores espanhóis para modalidades de luta¹⁸.

No que se refere ao título do quadro, Henares (2000, p. 09) coloca que “... os esportes de luta formam um subconjunto, incluído nos conjuntos de jogos de luta e esportes de oposição” e complementa dizendo que o termo *jogos de luta* é algo mais geral onde se inserem os *esportes de luta* “... todos os esportes de luta são jogos de luta, mas não o inverso”, ou seja, os *jogos de luta* podem tornar-se *esportes de luta*.

Embora em seu texto não haja explicação para o uso do termo *jogos*, através da leitura percebe-se que o autor se refere aos *jogos de luta* como as formas não esportivizadas de Lutas, já os *esportes de luta* seriam as modalidades esportivizadas, reconhecidas por federações esportivas.

Desta forma entende-se o quadro como uma classificação que pode ser pensada para o conhecimento Luta/Lutas, independente das modalidades esportivizadas e suas regras específicas, mas também para outras manifestações deste conhecimento, considerando aspectos comuns na dinâmica interna das Lutas.

Nakamoto et al (2004)¹⁹ consideram Luta uma categoria de jogo, regida pela lógica da oposição que possui como características específicas o ataque e a defesa de “alvos intrínsecos” (aos indivíduos) e a possibilidade de ataque simultâneo.

Algumas características permitem que se definam quatro tipos de luta em função da relação dos lutadores com o “alvo” e com a “meta”. O alvo é definido como o objeto a ser atingido e/ou defendido (indivíduos), enquanto a meta é o objetivo que se busca ao atingir o alvo. “Identificaram-se duas formas de relação com o alvo – tocando e segurando – e duas formas de relação com a meta – direta e indireta” (NAKAMOTO et al, 2004, p.1250) (Fig. 1.4).

¹⁸ Ramirez (1994), Hernandez Moreno (1986).

¹⁹ Conceito desenvolvido no GEPEFIC-LUTAS na FEF - UNICAMP, no ano de 2004 orientado pelo professor Dr. Jocimar Daolio, do qual esta pesquisadora era membro.

Relação com o alvo (ação) / Meta	DIRETA	INDIRETA
SEGURAR	O objetivo pode ser imobilizar, controlar o adversário, ou executar nele chaves, torções, estrangulamentos. (Ex: Jiu Jitsu)	O objetivo é projetar ou excluir o adversário em/de determinado espaço. (Ex: Judô, Sumô)
TOCAR	O objetivo é tocar alvos localizados no corpo do adversário com ou sem a mediação de implementos. (Ex: Karatê, Esgrima)	Por meio de golpes no corpo do adversário o objetivo do combate é levá-lo ao solo. (Ex: Boxe)

Fig. 1.4 – Tipos de Luta. Baseado em Nakamoto et al (2004)

Quando a meta é ‘direta’ a finalidade da luta pode ser segurar ou tocar o corpo do adversário (alvo) para pontuar ou terminar o combate. Se a meta é ‘indireta’ significa que as ações de tocar e segurar são um meio para finalizar o combate, seja através de uma projeção (objetiva-se atirar o adversário ao solo), de uma exclusão (segura-se o adversário para tirá-lo dos limites da área de combate) ou de um “knock out”²⁰ (quando o adversário é golpeado até cair no chão)

Estes autores iniciaram essa discussão partindo de leituras que abordam o ensino dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), tais como Bayer (1994) e Garganta (1995), considerando a existência de características invariantes nas Lutas, ou seja, aquelas comuns a todas as modalidades.

Ao estudar estruturalmente os JDC, Bayer (1994) identificou características comuns entre as modalidades, que independente da origem ou contexto no qual fossem praticadas, manteriam as constantes ou invariantes referentes à organização e estrutura geral para a sua prática.

São elas:

- Uma bola ou implemento similar a ser manipulado pelos jogadores;
- Um espaço de jogo delimitador das ações das equipes;
- Parceiros com os quais se joga;
- Adversários com os quais se mede força;
- Alvos – um a atacar e outro a defender;
- Regras a serem seguidas no desenrolar da partida.

²⁰ Palavra em inglês utilizada para definir o fim de uma luta, como no boxe, por exemplo.

Apesar de determinarem a constância de alguns aspectos entre as modalidades coletivas, é uma das invariantes que vai diferenciá-las: as regras, que possuem o poder de delimitar as outras características necessárias para o desenvolvimento do jogo (circunferência da bola, tamanho da quadra, número de jogadores, forma de utilização do implemento) e assim, especificam cada modalidade (MORATO, 2007).

Portanto, da mesma forma que existem denominadores comuns que permitem pensar o ensino dos esportes coletivos como uma prática transferível, Bayer (1994) conclui que cada um possui sua “lógica interna”, ou seja, regras pertencentes a cada modalidade, que vão solicitar de maneira particular a conduta de cada jogador e equipe.

1.3) OS PRINCÍPIOS CONDICIONAIS

O modelo proposto por Bayer (1994) para os JDC, foi aspecto motivador/norteador para que se pudesse buscar na análise dos dados a existência de denominadores comuns também para o fenômeno Luta. Tais denominadores são aqui chamados de *Princípios Condicionais das Lutas*:

- Contato Proposital
- Fusão Ataque/Defesa
- Imprevisibilidade
- Oponente(s)/Alvo(s)
- Regras

Independente da modalidade ou especificidade da luta, esses aspectos são condições indispensáveis para que uma atividade seja caracterizada como Luta, pois são capazes de delinear o conhecimento e diferenciá-lo dos demais.

Contato Proposital: pode ocorrer de várias maneiras (através das mãos, punhos, braços, pernas, corpo inteiro ou mediado por um implemento; contínua ou intermitentemente) e deve acontecer para que haja Luta e para que ela se desenvolva. Esse princípio condicional exige

que os oponentes se toquem (intenção/propósito) de alguma forma (técnica-tática) para conquistarem o objetivo da luta e obter êxito sobre os adversários.

Fusão Ataque/Defesa: assim como nos jogos coletivos e de oposição, tem que haver *ataque e defesa* em uma luta. O que difere as Lutas dessas outras atividades nesse aspecto, é a possibilidade de tais *ações* serem *simultâneas* e até certo ponto “fundidas”, à medida em que é raro observá-las isoladamente, tanto na interação entre os indivíduos (em alguns momentos é difícil saber se os lutadores estão realizando ações ofensivas ou defensivas) ou nas ações de um dos lutadores (que pode defender com a perna e atacar com os membros superiores concomitantemente, por exemplo).

Já nos esportes coletivos ou nos jogos de oposição, enquanto um time ataca, o outro obrigatoriamente está defendendo. Por mais que as equipes se organizem ofensivamente enquanto estão sem a posse da bola (defesa) ou defensivamente enquanto estão atacando, nunca as duas equipes finalizarão simultaneamente no alvo adversário, pois a finalização é dependente da posse de bola ou do implemento de jogo.

Imprevisibilidade: condição devido à relação de interdependência entre os lutadores e principalmente à possibilidade de as ações ofensivas e defensivas serem simultâneas. Não existem estratégias sequenciais completamente previsíveis numa luta, pois as ações de um lutador podem ou não ser respostas às ações do adversário, já que as estratégias de ação, anteriores à realização técnica, também podem ser simultâneas. Por mais que se treine ou se planeje uma forma de atuação numa luta, é a relação entre os oponentes que dita uma nova organização ou reestruturação do planejado, a cada novo momento durante o combate. Essa imprevisibilidade faz com que o “pensar a luta” seja tão importante quanto o “realizar a ação da luta”.

Oponente/alvo: isso implica dizer que o alvo, além de ser móvel, também pode executar ações de ataque. É essa condição que justifica o contato como uma exigência e que fundamenta a imprevisibilidade de um combate. Se os alvos são os próprios lutadores, o contato é o meio pelo qual deverão atingi-los, além de poder ser um fim à medida que determinadas técnicas dependem dele. Com o alvo personificado no adversário, a luta torna-se incondicionalmente imprevisível.

Regras: presentes em qualquer manifestação de Luta. Desde as mais primitivas, quando ainda não havia maneiras de registrá-las, elas já existiam: regras sociais, políticas ou

éticas. As Lutas dependem das regras para sua legitimidade e elas devem ser respeitadas para que aconteça um combate. O que é permitido ou proibido tende a determinar as técnicas e táticas usadas pelos lutadores. É esse princípio condicional que define, se para atingir o alvo devem-se usar as mãos, as pernas; se o contato deve ser direto; se haverá o uso do implemento etc.

Se a regra exige que os lutadores utilizem espadas para atingir uma determinada área do corpo do oponente, cabe a eles organizarem estratégias táticas (razões do fazer) aliadas às técnicas (como fazer) (GARGANTA, 1995) para a resolução do problema gerado pelas regras. Portanto são as regras que vão determinar as técnicas e táticas de uma modalidade.

É por isso que o soco, por exemplo, pode ser executado de inúmeras maneiras, por que cada modalidade, a partir de suas regras específicas desenvolveu técnicas historicamente para solucionar os problemas que surgiam em função dessas mesmas regras, ou seja, de que vale um soco com o objetivo de derrubar o adversário se a regra permite apenas que se encoste nele?

Assim, a partir dos princípios condicionais podemos criar e legitimar inúmeras práticas como parte do conhecimento Luta, o que torna este universo ainda mais amplo e possível de ser ensinado, não somente por meio de suas especificidades, mas principalmente por todas as características que se têm em comum.

1.4) DAS ESPECIFICIDADES AOS PRINCÍPIOS COMUNS

O fenômeno Luta abrange uma série de modalidades institucionalizadas, que passaram pelo processo de criação de técnicas baseadas nas regras de cada uma, isso foi aprendido pelos praticantes, tornou-se tradição e vem sendo transmitido nas mais diferentes culturas. Apesar da esportivização de várias lutas influenciar na sua disseminação, prática e ensino, as regras das modalidades são o fator capaz de criar e preservar muitos aspectos técnico-táticos.

Cada modalidade carrega consigo sua história, origem, vestimenta, tradições e características que competem a cada manifestação de Luta. Mesmo com os princípios condicionais, existem fatores que diferenciam uma modalidade da outra e até uma única

modalidade pode ter diferentes vertentes. Porém, a dinâmica interna e algumas técnicas tradicionais de cada uma, muitas vezes podem ser comuns a outras modalidades.

Ao discutir as possíveis características comuns entre modalidades de luta os entrevistados demonstraram uma convergência de idéias no que se refere ao contato entre oponentes (princípio condicional):

[...] acho que a maioria das lutas que tem contato físico direto, Judô... tanto o Judô quanto o Jiu-Jitsu acho que um completa o outro [...] Jiu-Jitsu brasileiro ele se completa com o Judô porque o Judô também tem luta no solo [...] agora quanto às outras lutas, a luta Greco romana [...] a luta de contato, a Luta livre, o Sumô também é uma luta de contato como várias outras lutas [...] (E1).

[...] em algumas características, em algumas projeções que tenham o contato mesmo, por exemplo, do karatê para o judô tem algumas características bem comuns, bem próximas mesmo [...] (E2).

Os entrevistados citam uma série de modalidades nas quais o contato entre os oponentes pode variar de acordo com o regulamento, mas é parte da lógica interna da luta. Algumas habilidades são recorrentes no repertório de muitas modalidades, podendo ser complementares umas às outras. Isso possibilita uma aproximação das modalidades de contato direto em um mesmo grupo, o que também pode ocorrer com as modalidades que não têm contato direto, mas possuem outras características relacionadas a ele em comum, como o semi-contato ou o contato mediado por um implemento.

As características que permitem aproximações em grupos, citadas pelos entrevistados, em geral, são de caráter motor e embora prevaleçam na iniciação, o ensino das Lutas agrega valores filosóficos, místicos, relacionados à tradição e origem de cada modalidade. Isso é histórico e inerente a cada uma.

[...] a única modalidade que eu vi e tem muita semelhança assim é o Kendo, que é a Esgrima japonesa. Apesar de ela ter mais uma concepção tradicional, ela, a Esgrima do oriente ficou muito mais próxima da Filosofia, muito mais próximo inclusive do místico, do religioso [...] e a esgrima do Ocidente [...] caminhou para área atlética, mas a essência em si das posições, da técnica até da própria guarda elas são muito semelhantes e o treinamento começa muito parecido. (E3)

[...] em relação à Esgrima é diferente da Esgrima Ocidental, é uma Esgrima típica, né, do Japão, dos samurais japoneses, mas usa todos os rituais as vestimentas [...], é uma armadura que se põe sobre um kimono [...] o budismo, né, aspectos filosóficos e religiosos. (E4)

[...] Eu não posso dizer que as empunhaduras, as pegadas, as técnicas dessa modalidade como esporte elas não possam estar relacionadas, mas elas são limitadas, né? (E4)

Quando comparam a Esgrima (ocidental e oriental – Kendo) expõem diferenças em relação aos aspectos tradicionais, filosóficos e religiosos correspondentes à cultura oriental, definindo a Esgrima como esportivizada e o Kendo mais tradicional, atrelado aos costumes originais. Em relação aos movimentos com os implementos, consideram a postura, algumas posições e técnicas comuns na iniciação.

Percebe-se que as características comuns entre as modalidades citadas se relacionam a aspectos culturais, ao contato ou a distância entre oponentes num enfrentamento e, sobretudo a algumas habilidades teoricamente específicas das modalidades. Capacidades físicas como força, flexibilidade, equilíbrio e coordenação aparecem como necessárias para o desenvolvimento das habilidades específicas.

A distância pode ser entendida de duas formas. A primeira se refere a uma única modalidade, na qual podem existir estratégias que variam de acordo com o espaço entre os oponentes (curto, médio ou longo). Desta maneira usa-se a distância como um meio para diversificar o treinamento e as movimentações do karatê.

[...] a gente pode trabalhar a distância curta, quando a gente deixa os dois bem próximos mesmo então, por exemplo, eu colocar um pé junto do outro [...] A distância média dá para trabalhar, por exemplo, com a faixa, amarrar a faixa em um e amarrar a faixa no outro e a faixa ficar estendida, então a gente deixar essa faixa estendida ele vai saber quando é distância média [...] distância longa é quando está a mais do que isso por exemplo um cara que tem que trabalhar muito golpe de braço, ele sabe que ele vai ter que ter uma impulsão do membro inferior para chegar a esse golpe numa distância longa. (E2)

O entrevistado entende a distância como um componente estratégico que está dividido em três categorias – curta, média e longa – que depende da imprevisibilidade da luta e do jogo do adversário. Acreditando que na mesma modalidade é possível pensar a distância de três maneiras, como se cada técnica exigisse um espaço distinto para ser executada.

A outra forma de se entender distância é pensar num requisito para que aconteça um combate. O contato é um princípio condicional e vai depender da distância entre os adversários para ser definido.

Uma modalidade de *curta distância* possui um espaço praticamente nulo entre os oponentes e para a realização das técnicas e alcance dos objetivos da luta é necessário que os praticantes se coloquem em contato direto (contato como um meio para o fim).

A *distância média* seria um espaço moderado que permite a aproximação em situações de ataque entre os oponentes, pois a intenção e o propósito ofensivo vão determinar a distância entre os lutadores. Os golpes caracterizam o contato e não dependem dele para acontecer como na curta distância (o contato é um fim e não o meio).

Já na *longa distância*, definida pela presença de um implemento, deve haver uma distância maior entre os oponentes para que os mesmos possam manipular de forma adequada esse implemento, fazendo com que o contato entre eles seja através de uma espada, por exemplo (contato também é um fim).

Mas o instrumento faz com que você fique distante, a área é questão de território, no judô, por exemplo, que tem que ter a proximidade [...] você pode girar, você tem que tira-lo, né, afasta-lo, jogar pra fora [...] agora no kendo não, você tem que realmente ir pra destruir quem está no território [...] você tem que estar distante e [...] a relação que tem de proximidade com ele é a ponta da shinai [...]. (E4)

A presença do implemento determina a denominação do Kendo como luta de longa distância. Um lutador tem que manter-se afastado para estar protegido. A proximidade também vem em função da ação do ataque e se relaciona com o implemento, como se este fosse uma extensão do corpo de quem luta.

O entrevistado estabelece diferenças entre modalidades de luta através da distância entre os oponentes. Coloca o Judô como luta na qual existe proximidade entre os adversários, podendo ocorrer ameaças de ataque, que refletem uma disputa de território de combate. Segundo o entrevistado, algo similar ocorre no Taekwondo, modalidade de média distância, na qual acontecem aproximações e ações de ataque que podem estar disfarçadas, para iludir o adversário. No Kendo, pela necessidade de distância entre os oponentes (proteção e presença do implemento) um ataque não acontece com o objetivo de disputar o território de luta como nas outras modalidades. No Kendo em especial, as ações de ataque vêm com o objetivo de se pontuar rapidamente para terminar o combate.

[...] no Judô não tem jeito, você tem que segurar para poder tentar derrubar o adversário. (E1)

Como habilidades específicas da curta distância estão verbos como segurar, pegar, projetar, rolar, cair, desequilibrar, que demonstram a necessidade do contato direto entre os oponentes e alunos na prática dessas modalidades. Na média distância estão presentes os chutes, socos e as seqüências combinadas. Na longa distância as empunhaduras, habilidades manipulativas e posturas.

Nas modalidades de contato direto ou curta distância há uma diferenciação baseada na imposição ou não do contato inicial. Neste caso as habilidades e estratégias relacionadas ao início do combate vão diferir de uma modalidade para outra. Entretanto todas as modalidades estão sujeitas às conseqüências da esportivização, tal como o Judô, que foi criado, em objetivos exclusivamente educacionais, e no qual o contato direto era imposto inicialmente, além de uma condição para o começo da luta. Atualmente esse contato leva muitos minutos da luta sendo disputado, modificando não somente a razão original pela qual foi criado o Judô, mas também a leitura da luta.

Considerando as idéias de Bayer (1994) e à luz das classificações apresentadas neste capítulo, a classificação a seguir organiza os movimentos das Lutas de acordo com a distância existente entre os oponentes e, as ações apresentadas no quadro (Fig. 1.5) são, portanto, definidas por um dos princípios condicionas: as regras - que delimitam como deve ser o contato na luta, definindo a distância entre as pessoas que vão lutar.

Essas ações são recorrentes também na fala dos entrevistados e representam a aproximação de elementos comuns em modalidades de luta já existentes (Fig. 1.5).

CURTA DISTÂNCIA	MÉDIA DISTÂNCIA	LONGA DISTÂNCIA
<ul style="list-style-type: none"> • Desequilibrar • Rolar • Projetar • Cair • Controlar • Excluir 	<ul style="list-style-type: none"> • Tocar • Golpear • Mãos, braços, cotovelos • Pernas, joelhos, pés 	<ul style="list-style-type: none"> • Tocar (intermédio de um implemento) • Manipular (implemento)

Fig. 1.5 – Os grupos de aproximação das Lutas

Nesse sentido, partindo das peculiaridades de várias modalidades, relatadas pelos entrevistados, pôde-se chegar a uma definição de Luta que abrange suas manifestações e pontos comuns, que, quando unidos às abordagens, definições e classificações estudadas neste capítulo, permitem uma conceituação deste fenômeno.

Luta

Prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente.

Acredita-se que essa definição contempla os princípios condicionais das Lutas, bem como a dinâmica interna de qualquer manifestação do fenômeno.

Entretanto, existe um ramo das Lutas, também abordado pelos entrevistados, com nomenclaturas distintas, que seguramente é uma expressão do conhecimento Luta: as Formas (katas, katis).

São elementos presentes nas manifestações de Luta, porém, não entram nessas classificações e definições apresentadas, pois se acredita que não possuem os mesmos objetivos e lógica interna inerentes às Lutas, já que podem ser ensaiados como uma coreografia. Porém, há necessidade de se reforçar, inclusive, que as Formas também se caracterizam como uma maneira de manifestação esportiva, através de competições de alto rendimento ou de ensaios esportivos no processo de ensino-aprendizagem para o aperfeiçoamento de lutas entre oponentes.

Nos casos de aprendizagem, treinamentos ou competições de Formas sem a necessidade de interferência direta do oponente, estas são compreendidas como um estado de oposição simulada, pois não compartilham da imprevisibilidade presente nas outras manifestações de combate. Utilizam-se das técnicas tradicionais das modalidades, da sua maneira de execução, dos princípios de ataque e defesa, porém não dependem exclusivamente de um parceiro ou adversário para serem desenvolvidas, apesar de se buscar em suas ações, como objetivo secundário, a aplicação de golpes em um adversário imaginário.

[...] No Judô existem os katas [...] O estudo das formas, formas tradicionais, tem técnicas [...] que eram utilizadas pelos guerreiros, samurais [...] inclusive são técnicas

que não são utilizadas nas competições, porque os guerreiros utilizavam armaduras, [...] então é bem diferente do Judô competitivo, uma tradição de demonstração de onde vieram todas as técnicas [...] (E1).

Se a gente pegar lá os estágios da mobilidade [...] o processo de repetição é o que predomina ali, o primeiro kata do karatê que é o [...] tem 21 movimentos [...] (E2)

As Formas dependem da peculiaridade de cada modalidade, porém se definem em movimentos técnicos de ataque e defesa, ensinados de maneira fragmentada, que podem ser executados individualmente (os adversários seriam imaginários), ou na presença de outros companheiros (em grupo ou duplas como no Judô). Algumas modalidades não possuem Formas como um conteúdo tradicional, mas dispõem de movimentos específicos treinados isoladamente que serão empregados num combate.

A finalidade das Formas também se relaciona à conservação da tradição e cultura da modalidade, como um meio dos praticantes conhecerem as técnicas mais antigas, já não utilizadas com a modernidade.

Com base nas falas dos entrevistados o termo pode ser definido da seguinte maneira:

Formas

Combinação de elementos e técnicas tradicionais, que expressam a essência dos movimentos das Lutas, arranjados numa seqüência pré-estabelecida, podendo ser executada na presença de adversários reais ou imaginários.

Deste modo, entendendo as Lutas e toda sua complexidade e dialogando com os entrevistados, foi possível pensar numa proposta de organização deste conhecimento, com uma finalidade que anseia transcender as categorizações. Muito mais do que ordenar o conhecimento, ou dividi-lo em classes, deseja-se contribuir para os atuais e futuros processos de ensino-aprendizagem das Lutas no que diz respeito a sua disseminação para diferentes contextos e personagens da Pedagogia do Esporte (Fig. 1.6).

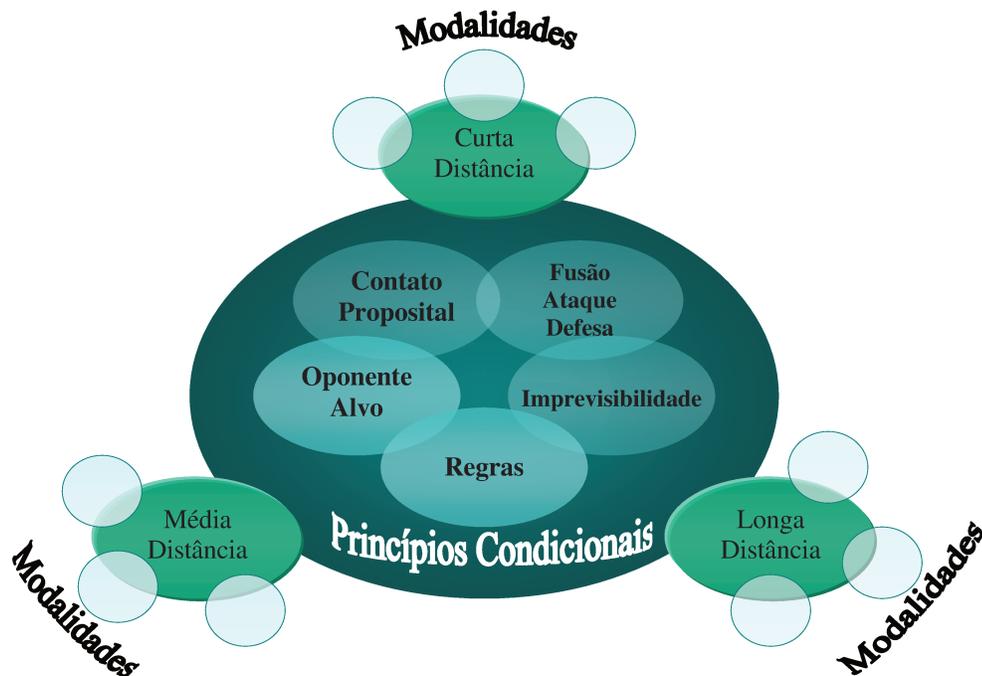


Fig. 1.6 – Sistema de interações das Lutas

O sistema acima representa a complexidade de interações entre os elementos do Fenômeno Lutas e suas manifestações. Desta forma, é possível transcender a linearidade dos quadros apresentados neste capítulo, pensando num ensino global que enfatize os princípios condicionais das Lutas e os aspectos comuns entre as modalidades na iniciação, organizados pela distância entre oponentes (curta, média e longa), antes de ensinar as especificidades das modalidades tradicionais de luta.

O capítulo a seguir utiliza este sistema na elaboração de procedimentos pedagógicos para o ensino das Lutas, traçando um paralelo com a análise dos dados e os métodos de ensino discutidos pelos entrevistados.

Capítulo II

A PEDAGOGIA DAS LUTAS

“Aprender não é ser capaz de repetir o mesmo gesto,
Mas de fornecer a situação, uma resposta adaptada por diferentes meios”
Merleau Ponty

2.1) INTRODUÇÃO

As Lutas geralmente são conhecidas pelos nomes das modalidades específicas. Ouve-se falar do Judô, do Karatê, do Kung fu, da Esgrima, entre outras que fazem parte da esfera das Lutas, porém, cada uma se refere a conteúdos variados e diferenciados, como se um movimento pertencesse exclusivamente a uma modalidade e só pudesse ser ensinado no contexto dessas especificidades.

O termo Lutas vem sendo usado genericamente para designar disciplinas dos cursos de graduação em Educação Física ou como um dos elementos da Cultura Corporal de movimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992) aliado à dança, ginástica, esporte e jogo. Esse pensamento legitima as Lutas assim como os outros conteúdos, conhecimentos da área de educação física, passíveis de serem ensinados e explorados no contexto escolar.

A pedagogia do esporte é uma das pluralidades do fenômeno Esporte e pode estar presente em cenários que tangem desde a iniciação esportiva até o Esporte profissional. As Lutas, nesse sentido, interagindo com essas esferas (Fig. 2.1) podem ser entendidas como um conhecimento global, que na iniciação não enfatiza suas fragmentações figuradas nas especificidades das modalidades.



Fig. 2.1 – As Lutas no contexto esportivo

Acredita-se que o ensino das Lutas na iniciação carece de um tratamento pedagógico, que se esmere na complexidade do conhecimento, bem como nas necessidades dos personagens e contextos da pedagogia do esporte, na educação formal (escola) e não formal (clubes, academias), fazendo com que os alunos conheçam e vivenciem o universo de possibilidades que as Lutas trazem consigo.

Nesta direção, este capítulo parte dos estudos sobre pedagogia do esporte, para discutir o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento Lutas e propor um método de ensino com ênfase em seus princípios condicionais, contribuindo para a pedagogia das Lutas e seus procedimentos pedagógicos.

2.2) PEDAGOGIA DO ESPORTE E AS LUTAS

Universal, amplo, possível, atingível, inatingível, agregador, segregador, emocionante, manipulador, corrupto, difuso, inteligente, profissional, amador, espetáculo: o esporte, com seus múltiplos significados lança ao mundo professores, técnicos, atletas, alunos enfim, pessoas que se envolvem, seduzem, se frustram, se apaixonam com a magnitude deste fenômeno.

Bento (2004) discorre sobre a pluralidade do esporte e sua essência sócio-cultural capaz de oferecer problemas e possibilidades variadas de idéias e investigações. Pensando o esporte como um fenômeno polissêmico e polimórfico e permitindo compreender a proporção dos sentidos e formas de expressão inerentes a ele (BENTO, GARCIA, GRAÇA, 1999).

A pedagogia do esporte atua em todas as dimensões deste fenômeno e a educação é considerada um elemento presente em quaisquer esferas do esporte (SANTANA, 2002), à medida que existe pedagogia no esporte educacional, de participação ou profissional, não havendo dissociação entre essas dimensões. Assim, o autor entende a pedagogia do esporte como um sistema de relações complexas em detrimento de um pensamento reducionista, linear.

Essa linearidade rege muitos métodos de ensino na pedagogia do esporte, criticados por Garganta (1995), Bayer (1994) e Graça (1995). Graça (1995) discute a

preocupação excessiva com a técnica enfatizada nos métodos tradicionais. Garganta (1995), da mesma forma, questiona o ensino das técnicas (como fazer) desvinculado da tática (razões do fazer) e Bayer (1994) critica os métodos tradicionais que se baseiam em princípios simplistas, com ênfase na repetição gestual.

Desta forma, a evolução do fenômeno Esporte sugere uma prática pedagógica que valorize procedimentos, nos quais a preocupação central seja voltada para quem faz o gesto (PAES, 2006) priorizando o que Garganta (1995) chamou de “razões do fazer”, a necessidade pela qual surge uma técnica.

Paes (2006, p. 171) ainda complementa dizendo que “a Pedagogia do Esporte está presente na iniciação e também no treinamento esportivo, na Educação Formal e Não Formal, atendendo assim a todos os segmentos da sociedade”, e conseqüentemente, seus personagens (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais etc.). Esses autores acreditam na necessidade de tratar pedagogicamente o esporte, priorizando a criação, organização e sistematização de procedimentos pedagógicos nos processos de ensino-aprendizagem e treinamento esportivo.

Dentre os conhecimentos do fenômeno Esporte, temos a Luta. Suas manifestações se relacionam com a filosofia, tradições, exercício físico, lazer, alto rendimento, contextos nos quais se inserem os diferentes personagens que buscam por alguma razão a sua prática.

Com o início das investigações relacionadas ao esporte e à educação física, surgiu a necessidade de estudar as Lutas como conhecimento, desmistificando os métodos de ensino, a fim de aproximar este conteúdo não somente dos alunos dos clubes e academias, mas de todos que eventualmente decidissem praticá-lo.

O termo Luta/Lutas pode estar relacionado a diferentes âmbitos de estudo e atuação como a história, a religião, a pedagogia, a fisiologia. Porém, neste momento se faz necessário discorrer sobre os métodos utilizados para o ensino das Lutas no que tange a iniciação esportiva, que antecede a prática especializada dos movimentos e que contribui para o desenvolvimento global dos alunos (PAES, 2002).

2.3) A INICIAÇÃO NAS LUTAS

Villamón e Molina (1999) discorrem a respeito da iniciação nas Lutas, mais especificamente no Judô, questionando a necessidade de se ministrar habilidades técnicas específicas numa primeira etapa, considerando mais conveniente a introdução de habilidades genéricas através de jogos (VILLAMÓN, MOLINA, 1999).

Quando falam da iniciação no contexto escolar referem-se à possibilidade de ensinar “lutas de agarre”, pois por possuírem princípios comuns e não apresentarem golpes como socos e chutes, não são perigosas e podem fazer parte do currículo escolar. (BROUSSE, VILLAMÓN, MOLINA, 1999).

Desta forma enxergam maiores possibilidades educativas a partir das lutas com agarre porque estas, de acordo com Parlebas (1981) possuem uma distância de enfrentamento quase nula, o que diminui o grau de violência de possíveis impactos durante os combates (VILLAMÓN, BROUSSE, 2002).

Definindo a distância de enfrentamentos motores Parlebas (1981, p. 38) coloca:

“Distância codificada que separa os adversários de um jogo desportivo no momento do enfrentamento direto. Regulamentada por um código de jogo, esta distância está ligada ao modo de ‘contato’ autorizado. (...), participa da codificação da comunicação motriz, obrigando às manifestações da agressividade e da violência ao introduzir-se no modelo do ritual competitivo”.

O autor especifica esse conceito apresentando a “distância de guarda” que se produz nos “duelos sociomotores” entre adversários que se enfrentam cara a cara, como é o caso dos esportes de combate. Segundo Parlebas (1981, p. 41) “...é a distância de enfrentamento motor que separa os adversários de um duelo ludo-esportivo no momento que precede o ato ofensivo de um deles”. Assim, o autor caracteriza os tipos de distância que podem existir:

- Esportes cuja *distância de guarda é nula ou quase nula*: o enfrentamento se dá pelo contato permanente, direto;
- Esportes cuja distância de guarda é *reduzida*, os participantes mantêm um espaço próximo entre eles;
- Esportes cuja distância de guarda é *média*, nos quais há o intermédio de uma arma ou implemento entre os participantes.

- Esportes cuja distância de guarda é *grande*, há considerável espaço entre os adversários.

Tais estudos de Parlebas (1981) contribuíram de maneira especial para as reflexões sobre as metodologias de ensino na educação física, sobretudo nas Lutas, mais especificamente na Espanha, onde vários autores de diferentes Institutos Nacionais de Educação Física (INEFs) utilizaram sua abordagem.

De maneira geral esses autores (DOPICO, IGLESIAS, SAN EMETERIO [2001?]; VILLAMÓN, BROUSSE, 2002; VILLAMÓN, MOLINA, 1999) acreditam que as modalidades de luta inseridas nos grupos de distância de guarda reduzida, média e grande possuem habilidades impactantes e violentas e pela falta de segurança que apresentam seus golpes e armas, não são recomendadas para a iniciação nas Lutas. Dopico e Iglesias (informação verbal)²¹ corroboram com esse pensamento, ao considerarem os duelos de distância curta e média como duros e perigosos.

Segundo Molina e Castarlenas (2002) as abordagens de diferentes autores espanhóis que tratam do ensino de esportes coletivos²² e Lutas²³ se aproximam em alguns pontos. A partir desta idéia os autores supracitados sugerem uma nova conceituação do Judô dentro dos esportes, através de suas similaridades com outras modalidades de luta, as quais possuem o agarre em comum.

- Abordam a estrutura e sistematização dos esportes de luta com agarre a partir do seu funcionamento e de suas relações comunicativas durante as diferentes situações de enfrentamento;
- Identificam ações motoras genéricas de luta com agarre (pegar, esticar, empurrar, carregar, arrastar, esquivar, girar, cair);
- Na iniciação do Judô propõem uma primeira etapa na qual não sejam apresentadas as técnicas específicas do Judô, mas sim situações de combate que demandem ações motoras de luta com agarre;

²¹ Aula proferida pelos Profs. Drs. Jorge Dopico e Eliseo Iglesias, na Universidade da Coruña (Espanha) em 21 de Janeiro de 2008 com título de “Análise do Judô como esporte de Luta”, assistida pela pesquisadora durante o Programa de Mobilidade Internacional Santander (Set/2007 à Mai/2008).

²² Bayer (1988), Blásquez (1986), Hernández Moreno (1984, 1994), La Sierra y Lavega (1993), Parlebas (1981).

²³ Amador (1992, 1995, 1997), Castarlenas (1988), Castarlenas (1990, 1993), García Fojeda e, Torres Casadó (1989, 1990a, 1990b), Hernández Moreno (1985).

- Para o desenvolvimento destas situações de combate, incorporam como recurso o jogo.

Percebe-se que os autores tentam deixar o processo de ensino-aprendizagem das habilidades do Judô menos específico, à medida que falam de Lutas com o agarre em comum. Entretanto, mantém o pensamento tradicional e específico no que tange à exclusão de outras possibilidades de luta, além do Judô.

Dopico, Iglesias e San Emeterio [2001?] acreditam que para pensar numa metodologia de ensino das Lutas é necessário definir e entender o que são habilidades específicas de Luta; assim o fazem em função dos objetivos da luta:

- Em função da participação corporal (utilização de pequenos ou grandes grupos musculares);
- Em função do grau de controle do sujeito sobre a habilidade ou da influência do ambiente sobre aquele que aprende (habilidade abertas ou fechadas);
- Em função do caráter do combate (contínuo ou descontínuo)
- Em função da disponibilidade de retroalimentação e participação cognitiva (pensar enquanto executa uma ação);
- Em função do tipo de movimento esportivo (movimentos estereotipados cíclicos e acíclicos). (DOPICO, IGLESIAS, SAN EMETERIO [2001?])

Apesar desses autores estudarem profundamente qual a melhor maneira de contribuir para uma metodologia de ensino das Lutas, eles consideram essencialmente a vertente do Judô, o que reduz o universo de possibilidades para o desenvolvimento global oferecido pelas Lutas. Além disso, remetem à linearidade, ao tomarem a repetição dos gestos técnicos tradicionais que julgam mais adequados à modalidade, como carro chefe de sua proposta de ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ao discutirem uma proposta de abordagem das Lutas tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, consideram legítimo tratar dos aspectos histórico-sociais das Lutas, a compreensão do ato de lutar (como, porquê, com quem, contra quem), a construção do gesto por meio da vivência de situações que envolvam perceber, relacionar e desenvolver capacidades físicas e habilidades motoras presentes nas Lutas

praticadas na atualidade (Capoeira, Karatê, Judô etc.); vivência de situações em que seja necessário compreender e utilizar as técnicas para resoluções de problemas em situações de luta (técnica e tática individual aplicadas aos fundamentos de ataque e defesa) (BRASIL, 1998).

Acredita-se que com a leitura destes parâmetros, professores de educação física poderão em suas aulas abordar o ensino das Lutas de maneira não centralizada nos gestos técnicos, o que as legitima como conhecimento da Educação Física quando a formação do professor numa modalidade de luta específica não é exigida.

Porém, ainda é restrito o número de professores que conseguem por em prática o que é discutido nos PCNs, já que muitos consideram inviável o ensino das Lutas por falta de conhecimento específico numa modalidade, além de não enxergarem possibilidades de ensino fora de um tatame, ou sem os materiais tradicionais das modalidades.

Diferentemente do que afirmam os autores espanhóis, os PCNs entendem as Lutas como entendem os Jogos Coletivos e a Ginástica, patrimônio cultural, legítimo de ser ensinado e consumido nas suas inúmeras formas consumíveis, cabendo aos professores e pesquisadores desmistificarem o paradigma de ensino das Lutas que leva em consideração as especificidades das modalidades e a formação “marcial” do professor.

Pensar nas Lutas como instrumento pedagógico e atrelado ao desenvolvimento global, nos dias atuais, é pensar em um fenômeno a ser estudado, agregando-lhe valores que transcendem objetivos de cunho estritamente terminológico, como Arte Marcial, Esporte de Combate, Duelo, Enfrentamento. As Lutas carregam tudo isso consigo e é preciso considerar a origem, o desenvolvimento e as tendências que as nortearam e norteiam como fenômeno sócio-cultural. Assim sendo, cada aluno, cada professor, espectador ou praticante pode lhes dar o significado que mais lhes convém.

2.4) ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA AS LUTAS

O ensino das Lutas abrange, em sua maior parte, o cenário da educação não-formal (clubes, academias e instituições), em que praticantes que se dedicam a uma única modalidade por muito tempo atuam como professores, mesmo sem a formação em educação

física. Esse fator enfraquece a idéia de entendimento das Lutas como um ramo dessa área, já que podem ser lecionadas por pessoas sem formação acadêmica específica.

[...] dentro do Jiu-Jitsu a maioria dos professores ainda não são formados em Educação Física [...] então aí estaria a dificuldade de organizarem-se até, mesmo os dirigentes não se preocupam com isso, com a formação, talvez até porque não foram informados [...] (E1)

É notório que o professor percebe o prejuízo para a modalidade, na medida em que a falta de formação implica em dificuldade para organizar adequadamente o conteúdo das aulas. Reconhece também que os próprios dirigentes responsáveis pelas modalidades ignoram a deficiência acadêmica dos profissionais, até porque eles próprios, muitas vezes, não têm o conhecimento necessário para sustentar discussões a esse respeito.

No discurso dos professores de modalidades de luta, formados em educação física constata-se que o ensino segue uma organização, sendo diferenciado para crianças e adultos.

[...] É, quando eu trabalho com criança eu tenho uma ênfase extremamente lúdica naquilo, a criança realmente, na esgrima eu tento trabalhar com todo o lado da fantasia [...], a esgrima é um esporte clássico, tem a capa do zorro, é um esporte hoje que faz parte da escola de arte dramática na Europa inteira [...]

Então, eu hoje tenho uma metodologia, não só eu, mas vários mestres usam, que é você começar do jogo propriamente dito, pra você começar a chegar nos detalhes técnicos, né? É aí sim eu começo aperfeiçoando os gestos mais específicos da esgrima, como as posições, a postura, os deslocamentos, (E3).

[...] eu faço um trabalho bem bacana porque no começo, [...] só trabalho ludicamente com eles, até às vezes eu comento com os meus atletas [...] que se algum dia entrar algum japonês mesmo aqui, os caras vão ficar loucos de ver isso, por que eu procuro dar vivências motoras mesmo, então não ensino especificamente o chute do karatê, eu ensino o chutar, faço com que eles chutem a vontade [...]

[...] se você for para as academias hoje todo mundo vai ensinar o kihon, que são movimentos básicos de ataque e defesa que tem no karatê e que são os primeiros movimentos que a gente aprende, eu não vou por esse enfoque eu procuro primeiro ensinar a socar, chutar de qualquer forma, aí eu começo a ir mais para a linha específica da modalidade (E2).

Para trabalhar com as crianças, os entrevistados prezam por um processo lúdico que não enfatiza a execução perfeita das técnicas, embora elas sejam ensinadas também. Há uma seqüência de aulas que possibilita ao professor a organização do seu conteúdo. O aprendizado com base nas explicações lógicas dos movimentos e dos exercícios (razões e porquês do fazer) é

um método bem explorado pelos professores, que consideram necessário lutar para que se aprenda a lutar. Mas essa não é a filosofia de muitos professores sem formação em Educação Física, que fundamentam suas aulas apenas nas suas histórias de vida e no aprendizado que tiveram com seus mestres.

[...] muito exercício segurando o peso da shinai, pra criança a shinai é mais leve, [...] há pré-requisitos, a postura sempre ereta e é muito rígida, né? (E4)

O entrevistado 4 ao ensinar crianças, faz adaptações nos materiais das espadas (shinai), para que se adequem às possibilidades dos alunos, porém acredita que todos devem manter a rigidez tanto da postura física, quanto do método de ensino, independente dos alunos que tenha

Todos os entrevistados asseguram que suas aulas são diferenciadas para crianças e adultos. No caso da iniciação infantil alguns descrevem uma adaptação de materiais representando o implemento. Consideram que tal recurso facilita o ensino em qualquer ambiente, além de explorar a criatividade dos professores e alunos. Quando o material é confeccionado por eles mesmos, os conteúdos das aulas têm mais sentido. Afirmam explorar as capacidades físicas dos alunos através do uso desses materiais, além de estudarem outros métodos de ensino das modalidades. Esse processo estimula uma visão mais crítica dos professores obrigando-os a repensarem constantemente as suas aulas.

O processo tático também passou a ser um componente de ensino. Então, toda vez que eu ensino um movimento de Esgrima, por exemplo, um ataque direto [...] eu simulo as atitudes que ele poderia ter e esperar ou criar para ele executar essa ação [...] Ou as atitudes que o adversário pode estar fazendo em relação a esse movimento e as soluções desse problema [...] (E3)

Na iniciação de adultos, o entrevistado 3 baseia-se no método de “fazer para aprender”, assim como o critério das “razões e porquês” desse fazer, introduzindo elementos táticos antes da execução da técnica, priorizando a resolução de problemas e centralizando sua didática no princípio da imprevisibilidade, que rege o jogo da Esgrima.

Já os outros entrevistados, ao ensinarem adultos, mantêm a tradicionalidade dos métodos de ensino de Lutas, caracterizados por aquecimento, parte principal, que pode abranger técnicas e posições, e luta no final. Os tipos de aquecimento e parte principal da aula podem

variar. Enquanto um utiliza os movimentos da modalidade para resolução de problemas, outro enfatiza a repetição gestual.

[...] aceitar algumas tarefas que são dos iniciantes, tem que se reconhecer como iniciante, então ele tem que ter tarefas lá, não é só pagar a academia, [...] precisa [...] aprender para você ser merecedor daquele ensinamento, ele tem que assumir algumas responsabilidades que os outros mais velhos já passaram [...]o aquecimento [...] é repetitivo [...] parte principal da aula, então ele vai separar, no começo ele não luta né, então durante muito tempo ele não vai colocar a vestimenta própria ele está num outro estágio ainda, até que possa mostrar interesse, tempo, eu sempre procuro [...] mostrar: olha, é rígido mas vale a pena. (E4)

Para o entrevistado 4, alunos iniciantes devem reconhecer que são menos experientes, realizando tarefas de responsabilidade e respeito à hierarquia, devendo demonstrar interesse para que possam ter direito a usar a vestimenta própria e começar a lutar. Desta forma, o ritmo de aprendizagem é determinado pelo interesse e dedicação dos próprios alunos. Assim, demonstra preservar rigorosamente os aspectos tradicionais, religiosos e filosóficos da modalidade, independente do grupo de alunos a quem se destine a aula.

Apesar da sua formação em Educação Física influenciar a criação e adaptação de materiais para suas práticas, o professor opta por manter os mesmos métodos de ensino a ele transmitidos, conservando a rigidez de pensamento e comportamento. A hierarquia dos sistemas orientais é geralmente mantida. Os alunos devem merecer o direito de praticar a modalidade, demonstrando, em alguns casos, temor para com a luta que praticam, por meio da realização de tarefas obrigatórias para os iniciantes, tais como a limpar o tatame, chegar antes para acender as luzes da academia, sair mais tarde para fechá-la, reverenciar os mais graduados e obedecê-los sempre.

No caso da Esgrima, de raiz ocidental, os aspectos culturais se associam às teorias e questões terminológicas, assim como à personalidade e características pessoais dos praticantes. Isso vai determinar com qual segmento da Esgrima o aluno se identifica mais (florete, sabre ou espada) e qual o método de ensino mais adequado para ele.

[...] a Esgrima é um esporte milenar, então ela tem um componente teórico muito vasto, né? Você tem aí a teoria da Esgrima, ela é muito ampla e as terminologias são fundamentais, até para que o aluno saiba o que está fazendo [...] mas a Esgrima ela acaba sendo individual conforme as condições de cada um, [...] o comportamento individual de cada um acaba sendo um componente significativo na Esgrima e essa percepção é o que faz muitas vezes o que eu vou ensinar ou não vou ensinar, [...]

Muitas vezes eu percebo por uma criança que ela é extremamente agitada, [...] no sabre é uma criança que daria certo, no florete nem tanto [...]. (E3)

Esses aspectos culturais, uma vez incorporados pelos alunos, são uma forma de perpetuar as origens e objetivos pelos quais surgiram as modalidades. Entretanto, a rigidez exigida por alguns professores pode prejudicar a plasticidade necessária ao entendimento das Lutas como um conhecimento passível de ser adquirido por todos os personagens e contextos, fora também das academias e clubes.

A análise dos dados demonstra que existe uma rotatividade de alunos nas academias e isso exige que os professores estejam preparados para ensinar iniciantes nas modalidades, desprovidos de quaisquer experiências motoras, quer sejam nas Lutas ou até mesmo na educação física.

O adulto às vezes tem uma certa dificuldade porque [...] quando na idade correta, não desenvolveu certas habilidades que precisam ser desenvolvidas, praticadas e tal. [...] É bem mais fácil você ensinar o adulto que já teve uma experiência motora, principalmente se ele teve uma experiência com lutas [...]. (E1)

Essa facilidade, que se sente ao ensinar um aluno que já foi praticante de Lutas, pode ser explicada pelo que Bayer (1994) descreve como *transfert*, que se constitui na transferência da aprendizagem de uma tarefa para uma outra subsequente.

Pessoas com repertório motor variado tendem a transferir sua bagagem para o aprendizado de qualquer tarefa e não somente às habilidades de luta. No caso de uma modalidade de luta anteceder outra, isso pode facilitar principalmente o processo de iniciação, considerando as características comuns presentes nos grupos de aproximação (curta, média e longa distância) e também fora deles.

O entrevistado 2 considera possível a probabilidade de transferir o que se aprende numa modalidade para outra e exemplifica modalidades que possuem golpes semelhantes, apesar de apresentarem variações características.

[...] se a gente analisa o Taekwondo, o Kung fu... Os contatos, os golpes são praticamente os mesmos [...] Muda uma ou outra variação [...]. (E2)

[...] Habilidades manipulativas, por exemplo, mas o ritmo, o tempo certo, isso é importante, ter um quê que é diferente dos outros e pode ajudar numa outra modalidade [...]. (E4)

No caso do Kendo, as habilidades manipulativas relacionadas com o implemento se aproximam de outras modalidades que dispõem dele e isso pode ser transferido posteriormente, facilitando o aprendizado.

A prática de uma modalidade de curta distância pode facilitar o aprendizado de outra do mesmo grupo, como também tende a facilitar a assimilação de outras habilidades de modalidades do grupo da média ou longa distância, já que a lógica e leitura da Luta, de acordo com os princípios condicionais, tendem a não variar muito.

Pode haver também uma transferência de “vícios” (posturas, formas de execução de determinados golpes) de uma modalidade para outra, o que pode prejudicar ou retardar o aprendizado.

Eu já vi alunos que praticavam o Karatê e fixavam aqueles movimentos bruscos e fica muito difícil você desenvolver dentro do Judô, então fica difícil [...] (E1)

A vivência de outras modalidades costuma facilitar o aprendizado, já que consiste na aquisição de um repertório motor; porém, nos casos de prática especializada prolongada, antecedendo o aprendizado de nova modalidade, pode haver uma transferência negativa de conhecimento, e a rigidez exigida em uma determinada técnica pode prejudicar a leveza demandada por outra, por exemplo. Sendo assim, a leitura da Luta é sempre transferível; já as técnicas nem sempre.

2.5) POR UM ENSINO GLOBAL DAS LUTAS

A figura a seguir (Fig. 2.2) propõe uma organização do conhecimento Lutas a partir dos conceitos discutidos no capítulo anterior, sobre princípios condicionais, grupos de aproximação e Formas.

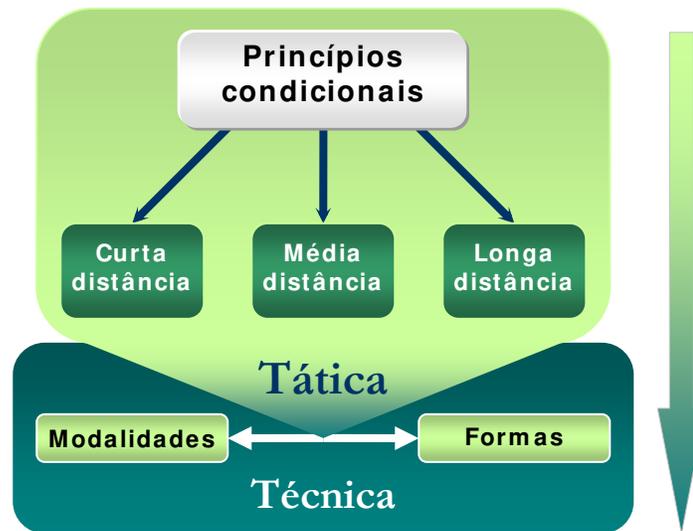


Fig. 2.2 – O ensino das Lutas

A análise dos dados, bem como a teoria estudada, mostram que o ensino das Lutas se inicia no retângulo das modalidades e ali permanece. Assim, independente dos contextos e personagens, o ensino tende a enfatizar as modalidades específicas, restringindo o universo de possibilidades das Lutas e desconsiderando um ensino que prime pela complexidade e legitimidade dos conteúdos da educação física.

Pensando num ensino que comece do global para o específico (de cima para baixo na figura acima), os princípios condicionais (contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente(s)/alvo(s), regras) seriam o alicerce, por onde se inicia o ensino. Esse é o momento no qual serão exploradas as condições para a Luta acontecer; o aluno vai absorver e incorporar a dinâmica da Luta, através de atividades que envolvem a resolução de problemas a partir desses princípios.

O contato proposital é um princípio que pode gerar desconforto em alunos não habituados com a luta. Por isso a introdução de atividades que explorem gradativamente este contato facilitam o entendimento da necessidade do toque para se lutar. Todos os tipos de contato (direto, indireto, contínuo, intermitente, através de implementos) devem ser vivenciados em todas as posições possíveis (em pé, quatro apoios, deitado etc.). Alguns materiais facilitam e exigem o contato entre os alunos, que podem desenvolvê-lo em duplas, trios ou grupos.

As atividades a seguir são exemplos de como os princípios condicionais podem ser desenvolvidos nas aulas de Lutas (ilustrando também, exemplos de materiais e espaços

diversificados). A partir dessas idéias, muitas outras atividades podem surgir, dependendo do que se deseja explorar em determinado momento na aula.



Fig. 2.3 – Atividade de contato contínuo com cordas
Ilustração: Fábio Luiz Diniz

A figura acima (Fig. 2.3) ilustra uma atividade que desenvolve o contato contínuo entre os alunos, à medida que o objetivo é desamarrar a corda da cintura do outro. Caracteriza-se com uma atividade de luta, pois para atingir a meta proposta, deve-se entrar em contato com o oponente (contato proposital), além disso, ao mesmo tempo em que tem de defender sua própria corda, devem atacar a do outro (fusão ataque/defesa). Essas ações são imprevisíveis, já que não se pode saber quais são as estratégias que o oponente vai utilizar para lograr o objetivo (imprevisibilidade). O oponente torna-se o alvo, especialmente porque o objeto de disputa está amarrado nele. São as regras neste caso, que vão determinar se a atividade começa com os alunos sentados no chão, em pé, se podem utilizar somente as mãos, ou os pés também etc.

Os princípios condicionais numa luta são indissociáveis, porém, quem ensina vai determinar a ocasião de se enfatizar cada um. A atividade a seguir (Fig. 2.4) mantém os mesmos princípios da anterior (vence quem mantiver sua corda e desamarrar a dos outros), entretanto, com o aumento de pessoas lutando, a ênfase maior está no contato proposital, visto que todos os alunos devem se tocar contínua ou intermitentemente para alcançar os objetivos.

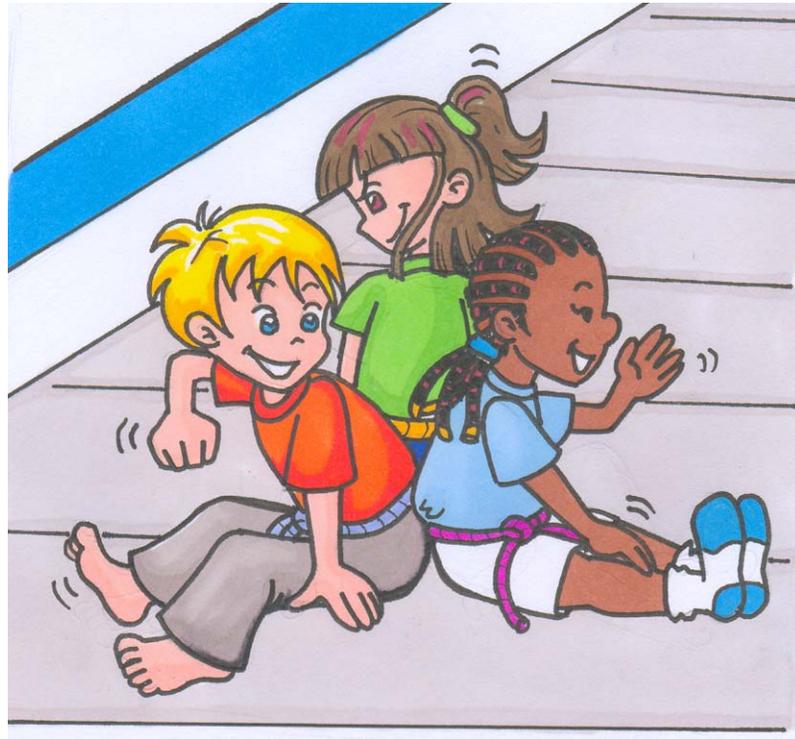


Fig. 2.4 – Atividade de contato contínuo com cordas em trio
Ilustração: Fábio Luiz Diniz

Na ênfase ao princípio de ataque e defesa, o entendimento da dinâmica de luta/jogo deve ser priorizado. Neste momento a utilização de jogos e atividades que partam destes princípios, de forma isolada ou simultânea, vão contribuir para a compreensão do conceito fusão ataque/defesa. A utilização de jogos coletivos de diferentes ordens pode ser um meio facilitador para a transferência da lógica de ataque/defesa nas Lutas; assim, os alunos podem compreender a dinâmica deste princípio condicional e aplica-la diretamente em situações de luta.

A imprevisibilidade está condicionada à existência de outro princípio: o oponente. Portanto, atividades que disponham de oponentes vão solicitar do aluno a tomada de decisões e resolução dos problemas daquele momento, executando um planejamento pré-estabelecido (solução mental para o problema) ou remodelando a idéia de acordo com a nova situação. Quando se define o oponente como o alvo da luta, o aluno pode entender a imprevisibilidade incondicional dos combates, interiorizando este conceito. Na figura acima (2.4) este princípio também é enfatizado, visto que existem dois alvos a atacar (simultaneamente ou não) e apenas um a defender.

A ilustração seguinte (Fig. 2.5) representa uma atividade na qual o objetivo pode ser desequilibrar o companheiro utilizando os braços (fazer com que ele tire um dos pés do solo primeiro). A regra/meta da atividade demanda ações táticas dos alunos (maneiras de executar uma determinada técnica para tirar o equilíbrio do colega), já que o professor impõe a regra, mas não delimita o “como fazer”.

Um ensino com ênfase nos gestos técnicos, mostraria aos alunos uma forma (técnica) de desequilibrar o oponente, entretanto, o ensino global, que enfatiza o raciocínio tático, requiere do aluno uma solução para o problema que o professor coloca nas atividades. Ao perceber que os alunos estão resolvendo as situações-problemas, o professor pode criar variações e alterar os níveis de complexidade das atividades.

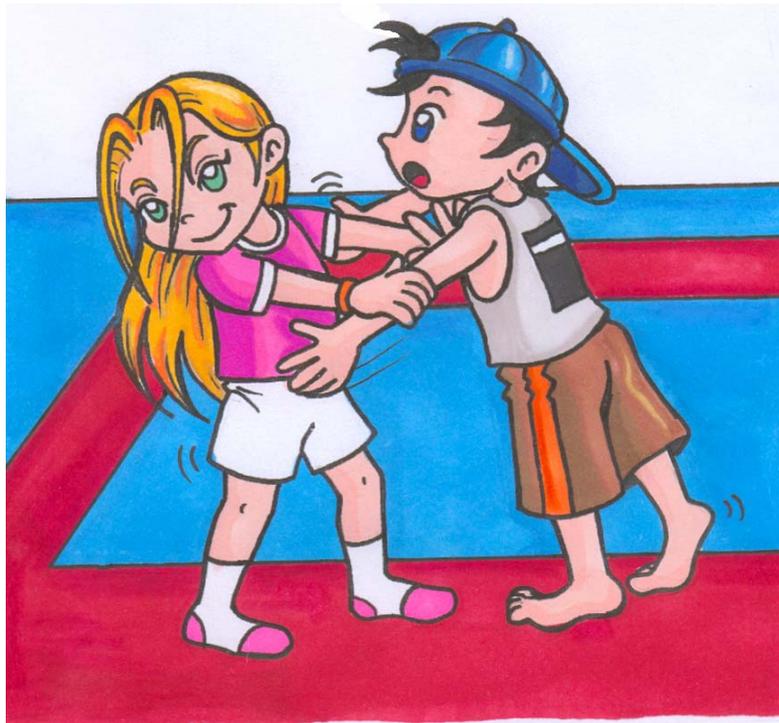


Fig. 2.5 – Atividade de contato intermitente
Ilustração: Fábio Luiz Diniz

As regras vão depender do que se pretende explorar e desenvolver naquele momento. São elas que vão determinar as estratégias dos alunos. Dessa forma, são criadas condições para que os participantes lutem de diferentes maneiras. Transcendendo as regras convencionais das modalidades mais difundidas, os alunos, a partir do delimitado, podem elaborar novas técnicas/táticas que atendam a cada proposição do professor, ou até mesmo suas próprias propostas, na medida em que podem criar regras e modificar o esquema dos combates.

Assim, os princípios condicionais solicitam a elaboração de diferentes situações de luta. E os alunos, a partir desta compreensão estão preparados para aprender as “especificidades em comum”, presentes nos grupos de aproximação. Nesse sentido inicia-se o ensino de Lutas de curta/média/longa distância considerando as características específicas de um determinado grupo e não somente de uma modalidade.

Nas aulas do grupo da *curta distância* habilidades como desequilibrar, derrubar, rolar, cair, agarrar, fixar, excluir etc. podem ser exploradas, através do uso do contato, na busca de um objetivo delimitado pelas regras. As regras vão determinar se um lutador deve derrubar o outro e se isso pode ser feito com o uso de braços e pernas, por exemplo. A partir de então criam-se estratégias para que tais situações se resolvam. Muitas vezes os alunos chegam às técnicas tradicionais de algumas modalidades, fato que pode ser ressaltado e demonstrado analiticamente quando necessário.

Para que os alunos possam desenvolver as atividades de curta distância, é necessário que haja um espaço adequado às exigências da prática. O tatame é o local ideal para que todos lutem livremente, porém, colchões, colchonetes, lençóis ou apenas um gramado, são exemplos de adaptações que tornam a prática acessível nos lugares onde não há disponibilidade de tatames. Além disso, as regras podem se ajustar ao espaço possível, garantindo a segurança dos alunos durante as aulas.



Fig. 2.6 – Atividade em espaço diversificado
Ilustração: Fábio Luiz Diniz

As aulas da *média distância* vão dispor de toques, chutes, socos, esquivas, combinações desses elementos simultaneamente. Entretanto, as regras das atividades demandam o nível de complexidade de execução dessas habilidades. Ao invés de socar, o aluno pode apenas tocar com as mãos determinada parte do corpo do adversário. Num determinado momento ele utiliza apenas os pés, num outro ele combina braços e pernas. A intensidade dos golpes vai depender da proposta das atividades, o chute para acertar uma bexiga é diferente de um chute num saco de bater. As aulas desse conteúdo objetivam a vivência e criação de golpes numa distância moderada, com a exploração dos segmentos do corpo.

Nas aulas de *longa distância* há o cuidado com a utilização ou construção de implementos que sirvam como meio para atingir os objetivos das atividades propostas. Apesar de o oponente/alvo ser uma condição para a luta, ações relativas à manipulação de implementos podem ser desenvolvidas com o intuito de atingir outros alvos. Além disso, depende dos alunos e professores o significado designado ao implemento construído. Habilidades manipulativas, de ambidestria, criação de novos implementos com a utilização de materiais alternativos são possibilidades para as aulas deste grupo.

Para as aulas de média e longa distância o espaço pode ser facilmente encontrado, porque as atividades podem se desenrolar integralmente em pé. Porém, com a disposição de um local onde se possam realizar atividades de curta distância, será possível ensinar sem necessariamente seguir uma seqüência entre os grupos de aproximação, já que estão na mesma linha da figura “O ensino das Lutas”(Fig. 2.2) e podem ser ensinados a qualquer momento do processo.

A ilustração a seguir demonstra uma atividade com o uso de implementos e com ações de ataque e defesa isoladas, visto que um deve tentar atingir um alvo (que não está no oponente) e o colega deve defendê-lo. A ênfase, portanto, está no princípio de ataque/defesa e embora essas ações não aconteçam concomitantemente, os alunos a partir do objetivo da atividade, desenvolvem táticas e técnicas que poderão ser transferidas para uma situação real de luta.



Fig. 2.7 – Atividade com implemento
Ilustração: Fábio Luiz Diniz

Desta maneira o que foi ensinado em cada grupo pode ser transferido durante a aprendizagem de outras modalidades de luta e também para a execução das Formas. Além do desenvolvimento do repertório motor dos alunos, exploram-se suas capacidades de elaboração e resolução de problemas. A compreensão da dinâmica interna das Lutas, uma vez absorvida, tende a ser transferida, tanto na aprendizagem dos gestos de um mesmo grupo, quanto de grupos diferentes. E os vícios de transferência serão diminuídos, já que a ênfase desse modelo de aprendizagem se dá em relação às razões do fazer e não ao como fazer. Assim, os alunos terão uma base motora de Lutas maior (leque aumentado), facilitando a aprendizagem das técnicas específicas de qualquer modalidade.

A partir da vivência dos movimentos de curta, média e longa distância, é possível que os alunos aprendam as Formas, baseando-se na definição do capítulo anterior. As ações de ataque e defesa podem ser dispostas em seqüências, coreografadas ou combinadas, na presença de adversários reais ou imaginários, demonstrando a essência das Lutas.

A figura 2.2 expõe uma seta para as Formas e outra para as modalidades, inferindo que, após o aprendizado dos princípios condicionais e de táticas de diferentes manifestações de

Luta, o aluno está preparado para escolher uma modalidade específica na qual possa se aperfeiçoar, caso queira.

A presença das palavras *tática* e *técnica* nos quadros da figura, se dá pela predominância desses elementos em determinados momentos do ensino das Lutas. Porém, não se pode tratar deles isoladamente, já que a tática e a técnica estão diretamente relacionadas. O que muda neste caso é a ênfase dada a cada uma delas no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a figura 2.2 (O ensino das Lutas) deseja oferecer outras possibilidades para o ensino das Lutas, à medida em que o ensino tradicional, como dito anteriormente, está centralizado apenas no “retângulo” das modalidades, o que restringe e priva os alunos de outras práticas e manifestações culturais e corporais, legítimas, não só da educação física, mas do ser humano.

Capítulo III
*A PRÁTICA DAS LUTAS POR PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA*

3.1) INTRODUÇÃO

Pensar no ensino das Lutas geralmente nos remete a modalidades específicas, principalmente nos clubes e academias (ensino não-formal). Obviamente o ensino varia de acordo com o contexto no qual está inserido, dependendo da formação e ideologia dos mestres/professores e também das intenções que se tem ao procurar essas práticas. Mas de uma maneira geral, a principal ferramenta de ensino é o conjunto de técnicas tradicionais que uma modalidade de luta tem a oferecer.

Cada aluno busca uma determinada modalidade por um motivo especial e dessa forma, as características específicas das modalidades podem ser os maiores atrativos para sua iniciação. Assim cada modalidade usa seus métodos para agregar e conquistar alunos.

Os personagens da pedagogia do esporte (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais) (PAES, 2002) estão sujeitos à adaptação ou não às técnicas das modalidades. Nem todos os alunos que iniciam a prática de uma luta se descobrem lutadores, podendo demonstrar dificuldade na execução de determinadas técnicas.

As pessoas com deficiência (PCD) ao buscarem uma modalidade de luta podem ser levadas a acreditar que não são capazes de lutar na medida em que algumas técnicas tradicionais não são executadas por elas, devido à diferença de padrões de movimento, ausência de determinado sentido, ou outro impedimento que possam apresentar (MUNSTER, ALMEIDA, 2005).

Pensar no ensino global das Lutas, considerando sua dinâmica interna, a leitura e sua resposta, em detrimento das técnicas específicas, num primeiro momento, é um caminho viável para ensinar não só PCD, mas quaisquer personagens, em qualquer contexto da pedagogia das Lutas.

3.2) AS MODALIDADES DE LUTA E O PARADOXO DA DEFICIÊNCIA

As modalidades de luta mais difundidas para pessoas com deficiência atualmente são o Judô e a Esgrima, esportes paraolímpicos.

O Judô tornou-se um esporte paraolímpico em 1988, nas Paraolimpíadas de Seoul, Coréia. Competem os atletas cegos e com baixa visão. As regras nesta modalidade seguem as da Federação Internacional de Judô. Entretanto, existem algumas adaptações para o desporto paraolímpico, a fim de propiciar maiores condições e possibilidades para os atletas durante as competições (GOMES, 2005).

A Esgrima paraolímpica fez parte do programa em 1960, nos Jogos de Roma. Competem somente pessoas com deficiência locomotora nas categorias sabre, florete e espada. A diferença para a Esgrima olímpica é que na paraolímpica os atletas lutam em cadeiras de rodas, fixadas no solo (INTERNATIONAL, 2008).

Essas duas modalidades, por participarem do programa paraolímpico, estão significativamente difundidas, e o seu ensino tornou-se possível graças à adaptação em algumas regras. Porém, existem outros estudos que relatam a prática de modalidades não-paraolímpicas, também acessíveis para pessoas com diferentes tipos de deficiência. Nestes casos, são os próprios professores que estudam e colocam em prática as adaptações necessárias nas regras/conteúdos das modalidades.

Entretanto, como demonstra o estudo de Rocha (2006), ao comparar o ensino do Kung Fu para atletas videntes e com deficiência visual, nem sempre é necessário adaptar regras e conteúdos técnicos da modalidade,

[...] com o devido tratamento pedagógico, adequação dos mecanismos de informação, adaptações relativas ao espaço físico e recursos materiais adequados, as pessoas com deficiência visual podem e devem ter acesso e oportunidades para desenvolverem suas potencialidades [...] (p. 06)

Ou seja, as estratégias de ensino do professor podem ser determinantes no processo de aprendizagem de modalidades de luta para pessoas com deficiência.

O entrevistado 2 relata seu trabalho de graduação/especialização cujo tema foi Karatê para pessoas com deficiência visual:

[...] o trabalho foi o mesmo, estratégia de ensino e aprendizagem do Karatê para os deficientes visuais, então eu tive uns 10 alunos e eu acho que foi muito legal, essa experiência porque até desperta na gente, como eu vou ensinar isso? [...] (E2)

Um aluno com deficiência desperta no professor a inquietação para definir qual a melhor maneira de ensiná-lo. A partir de uma dificuldade ou diferença em relação aos alunos convencionais, surge um novo método. Isso é o que Oliver Sacks (1995) chamou de “potencial criativo”, o paradoxo da doença, o despertar de novas soluções para um problema.

Nessa perspectiva, deficiências, distúrbios e doenças podem ter um papel paradoxal, revelando poderes latentes, desenvolvimentos, evoluções, formas de vida que talvez nunca fossem vistos, ou mesmo imaginados, na ausência desses males. (SACKS, 1995, p.16)

No caso do processo de ensino-aprendizagem, identificamos o potencial criativo tanto dos alunos com deficiência, como do professor que vai ensiná-los. A presença de um aluno com deficiência, além de impelir o professor a investigar as implicações dessa deficiência na prática (movimentos que podem ser maléficos para saúde do aluno, movimentos que ele consegue ou não executar etc.), vai incitá-lo a repensar seus métodos de ensino, adequando-os às características dos alunos. Trata-se aqui de pessoas com deficiência, porém essa retórica se aplica à diversidade humana, às características especiais de cada um, que solicitam dos professores/alunos a revelação de seus potenciais criativos.

O entrevistado 1 relata a experiência que teve com um aluno com paralisia cerebral iniciante na prática do Judô e Jiu Jitsu:

Tive aluno com deficiência, num lado do corpo, paralisia cerebral, mas ele não se adaptou, e inclusive, ele disse que já havia feito algumas lutas, tentou fazer, mas a que ele se identificou melhor foi o Kung Fu, porque também não tinha o contato direto então tinha movimentos mais suaves, mas ele chegou a gostar do Jiu-Jitsu, do Judô e chegou a praticar, mas eu acho que ele deve ter sentido alguma dificuldade, é claro que ele quem decidiu. Mas eu acho que não tem problema nenhum, claro que tem técnicas que ele não vai conseguir aplicar, mesmo porque ele tinha um problema nas mãos, certas posições não têm como ele se segurar, mas isso é adaptado, ele não faz uma, mas pode fazer outra (E1)

Na opinião do entrevistado 1, a PCD deve se identificar com uma modalidade para obter fluência na prática. No caso da pessoa com paralisia cerebral, quando praticou o Kung Fu, modalidade de média distância, a falta do contato direto facilitou o aprendizado, na medida em que o comprometimento de uma das mãos “impedia” o agarre tradicional do Judô.

O entrevistado ainda complementa dizendo que a prática de modalidades de luta por PCD depende da deficiência, assim como da modalidade. Algumas deficiências são mais facilmente adaptadas a determinadas modalidades. Acredita que existem técnicas (tradicionais) provavelmente impossíveis de serem praticadas; porém, enxerga adaptações e outros movimentos capazes de substituir aqueles que o aluno está impedido de realizar.

[...] eu fazia lá toda a demonstração tática, a informação verbal eu procurava fazer isso só que a gente não tem muita experiência então a gente se “embanana” mesmo, faz algumas coisas erradas, sorte que tinham algumas professoras que estavam comigo, então elas iam me ajudando e aí eu falei “beleza”, chegou um momento que eu não precisava que ninguém mais ficasse comigo porque os alunos já adquiriram o aprendizado, então eu tive que criar uma estratégia metodológica para eles aprenderem primeiro só socar, depois deles fazerem meio chute para eles adquirirem o equilíbrio na direção do chute, depois nós começamos o kata [...] (E2)

Inicialmente ter alunos com deficiência pode intimidar o professor pouco acostumado ao envolvimento com essa população. Entretanto, com o tempo, o profissional percebe qual a melhor forma de trabalhar com eles, e o que a sua deficiência demanda para o ensino daqueles movimentos específicos. No caso do entrevistado 2, notar que os alunos já aprenderam o que ele se propôs a ensinar, fez com que se sentisse mais confiante para elaborar estratégias facilitadoras do processo de aprendizagem.

Esse potencial criativo descoberto nos alunos e professores tende a redefinir seus conceitos de “deficiência”, criando uma nova ordem e organização apropriada às suas necessidades e características modificadas (SACKS, 1995). Enquanto os alunos têm de desenvolver suas técnicas para responderem à tática das modalidades, os professores têm de adaptar sua metodologia de ensino utilizando outros canais de comunicação, que muitas vezes não estão habituados a empregar, criando situações que induzam o aluno a incorporar a lógica das Lutas considerando suas potencialidades e não sua deficiência.

Fala-se na criação de técnicas substitutivas às técnicas tradicionais. Se um aluno com paralisia cerebral, por exemplo, não consegue executar o soco “X” tradicional no Karatê, ele através do que incorporou taticamente vai inventar uma técnica que o permita atingir os mesmos

objetivos do soco tradicional. Isso pode ser pensado não somente para alunos com deficiência, mas para todos aqueles que por algum motivo tenham dificuldade na execução das técnicas tradicionais das modalidades.

3.3) IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA

Ao falarem das experiências práticas que tiveram com alunos com deficiência os entrevistados discorrem sobre a necessidade de adaptação ou mudança dos procedimentos pedagógicos para o ensino das Lutas para pessoas com deficiência, embora essas adaptações dependam do tipo e grau de deficiência.

[...] no meu ponto de vista a pessoa com deficiência pode fazer qualquer esporte principalmente em esportes de lutas, eu nem vou entrar em detalhes dos benefícios que elas têm pessoalmente, no sentido até da auto-estima dela, da qualidade de vida dela, enfim, mas eu acho que tudo vai depender do processo pedagógico que o professor tenha de adequação, né? Envolve o tempo que eu demoro para trabalhar com uma pessoa com deficiência, dependendo do grau de lesão não é que ela vai demorar mais, os procedimentos de ensino pedagógicos eles vão ter que ser muitas vezes diferentes, alguns da para você adequar da mesma forma que você trabalha com uma pessoa convencional, alguns não dá [...]

[...] No caso da Esgrima, por exemplo, que é o que a gente trabalha, Esgrima adaptada, dependendo da lesão, se a pessoa até tem lesão exclusiva na mão, eu tenho que adaptar a arma na mão dela e isso por sua vez solicita que o gesto que antes eu consigo dar para uma pessoa convencional obrigatoriamente, de repente ela não consiga executar, porém eu posso adequar um outro movimento semelhante dentro das condições que ela tem que daria, soluciona esse problema da mesma posição [...] e isso vai solicitar uma nova forma de tocar, tá agora o que interessa é ela tocar [...] (E3)

O entrevistado 3 considera possível, dependendo do aluno, manter o que é desenvolvido no ensino convencional, os procedimentos pedagógicos são determinantes no processo de aprendizagem das PCD e serão adequados ao ritmo e possibilidades de cada aluno. O professor auxilia seu aluno a encontrar meios para solucionar os problemas do jogo/luta. O objetivo da luta demanda novas formas de execução de um gesto, criado pelo aluno, em resposta aos problemas que podem surgir num combate.

O objetivo no processo, então, é fazer com que esses alunos dominem a dinâmica interna da modalidade. Se a meta é tocar através de um implemento na Esgrima, quais são as

maneiras que possibilitam ao aluno cumprir esse objetivo? Essas perguntas direcionam os procedimentos pedagógicos dos professores e tornam a prática das modalidades acessível a todos.

É desta forma que o conceito de adaptação descrito por Duarte e Santos (2003) tende a dar sentido à prática: “a capacidade da pessoa estar apta a atender às demandas exigidas pela vida” (DUARTE, SANTOS, 2003, p. 93), dependendo da capacidade de resolver os problemas.

Assim, as Lutas possibilitam a criação de soluções para os problemas do combate através de respostas táticas, de acordo com a compreensão da lógica das modalidades ou das situações propostas, levando o aluno com um determinado comprometimento a utilizar técnicas diferenciadas para resolver o problema que lhe foi apresentado. Adaptar um movimento, portanto, não é somente tornar sua execução mais fácil, mas oferecer outros possíveis meios de resposta aos problemas, tão eficientes quanto os já padronizados (tradicionais).

Além de adaptarem seus métodos de ensino, outros professores se utilizam da ajuda de alunos mais graduados para a instrução de PCD nas aulas. O entrevistado 4 relata ter sido orientado a ajudar um aluno com deficiência auditiva na época em que ele mesmo ainda era aluno:

[...] como eu não era o professor a gente ajudava, a gente como colega ajudava, né? Por demonstração, grito, mas mesmo assim eu não sei do grau de dificuldade auditiva que ele tinha, mas era bem compreensível, fazia bem, eu me lembro também de ter tido uma outra criança também com deficiência motora com problema de perna só, tinha problema de nascença, mas não é uma coisa para eu me preocupar porque eu não tenho visto nenhum. (E4)

[...] porque os alunos, está todo mundo vendo a dificuldade e aqui usamos a filosofia de sempre todo mundo procurar ensinar, procurar orientar, não é sempre o professor que orienta, mas no desenvolvimento das aulas os alunos mais graduados tem a obrigação de ensinar, orientar, então está todo mundo sabendo aqui, não tem problema nenhum.(E1)

Todo o grupo está ciente de que há um aluno com deficiência na academia. Portanto, os próprios alunos ao perceberem que ele está com alguma dificuldade naquilo que estão habituados a fazer tendem a ajudá-lo; e demonstrando o que já sabem, democratizam e descentralizam o ensino.

O entrevistado 4 relata ainda não existir muita preocupação com esta população na modalidade, porque a demanda é baixa e o Kendo pouco difundido.

A análise dos dados demonstra que o papel do professor é fundamental no acompanhamento do aluno com deficiência no que se refere às estratégias de ensino, adaptação dos procedimentos pedagógicos e orientação dos demais alunos para que o desenvolvimento da prática flua naturalmente, sem a necessidade de uma postura assistencialista para com aquele aluno.

3.4) CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIVÊNCIA DAS LUTAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Não só as Lutas como qualquer outra prática corporal, manifestação da educação física ou do fenômeno Esporte, são legítimas de serem ao menos oferecidas às pessoas com deficiência. De acordo com o discurso de alguns autores, intensamente envolvidos com essa população, em grupos de pesquisa e investigações teóricas e práticas (ALMEIDA, 1995; CARVALHO, 2005; MUNSTER, 2004; OLIVEIRA FILHO, 2006), as PCD antes de serem deficientes são meninos ou meninas, adultos, jovens ou crianças: são pessoas, e como tal têm direito de acesso a essas práticas.

Silva (2008) coloca que o acesso às diferentes ordens de conhecimento é garantido por lei às PCD, entretanto, algumas atividades só são acessíveis a eles por meio de adaptações. Essas adaptações vão depender do tipo e grau de deficiência que apresentar cada aluno e podem ser nos equipamentos, nos sistemas de informação e comunicação, no ambiente físico e nas regras (MUNSTER, ALMEIDA, 2006).

Desta forma as Lutas, conhecimento da educação física, já conceituado e classificado em capítulos anteriores nesta dissertação, podem ser ensinadas para PCD considerando-se uma organização do método de ensino, na qual os conteúdos são descentralizados de modalidades específicas na iniciação. Esta metodologia é uma proposta de ensino para quaisquer personagens da pedagogia do esporte. O que tende a variar no processo de aprendizagem das PCD são as estratégias de ensino dos professores, seu conhecimento sobre a deficiência e possibilidades do aluno.

Utilizando os conceitos sobre Princípios Condicionais das Lutas (contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente/alvo e regras), pode-se iniciar o ensino através da vivência de atividades que explorem estes elementos e que levem em conta a deficiência do aluno, promovendo a compreensão da dinâmica interna das Lutas.

Ao explorar os elementos de curta, média e longa distância o professor pode descobrir as potencialidades dos alunos. Dependendo da deficiência, o aluno pode sentir-se mais confortável realizando atividades de um determinado grupo, o que não significa que as atividades dos outros grupos sejam impossíveis de serem praticadas por ele. Um aluno cego, por exemplo, poderá sentir-se confortável com a Luta de curta distância e desconfortável com a de longa, visto que sem o uso da visão e sem adaptações não saberá onde está o alvo a ser atingido. Entretanto, o professor pode modificar as regras das atividades, usar sinalizações sonoras, outros materiais e canais de comunicação que lhe permitam o entendimento e realização das atividades.

Nas entrevistas, em alguns casos, percebemos que os professores acreditam que PCD, muitas vezes não poderão realizar todas as técnicas tradicionais das modalidades, aquelas criadas e idealizadas pelos mestres em suas origens. Porém, a criação de novas formas de execução de uma técnica, ou a adaptação dos movimentos não descaracteriza uma determinada modalidade, apenas torna aquele conhecimento possível para mais pessoas.

O método de ensino aqui discutido, parte dos princípios condicionais para os princípios comuns das Lutas (agrupados pela distância entre oponentes-grupos de aproximação) seguindo para as Formas e modalidades específicas.

Considera-se o aluno e toda potencialidade que ele tem para ser explorada, em detrimento das desvantagens que uma deficiência pode causar. Esse potencial pode ser revelado a partir das possibilidades oferecidas pelos Princípios Condicionais e a vivência das Lutas por PCD, a partir dessa organização, pode ser garantida, como qualquer outro aluno, a escolha por uma modalidade específica vai depender da PCD e de sua preferência, baseado em tudo o que pôde experimentar nas aulas.



Fig. 3.1 – O ensino das Lutas para pessoas com deficiência

Diários de uma sonhadora...
professora

“Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a tornou tão importante”

Antoine de Saint-Exupéry

Durante a graduação minhas pesquisas estavam direcionadas para as pessoas com deficiência visual, inseridas no Judô paraolímpico. Através desse envolvimento, questões relacionadas com o ensino de Lutas para PCD despertaram meu interesse e foi assim que meu projeto de ingressar no programa de pós-graduação foi se delineando.

Nesse ínterim, enquanto escrevia meu projeto em 2005, fui convidada para lecionar numa escola em um programa de Educação não formal (escolinha de esportes) e a “modalidade” era defesa pessoal. Aceitei a proposta, mesmo sem saber ao certo como isto se realizaria. Descobri, em reunião com o coordenador, que dividiria as aulas com outro professor, porque a procura pela modalidade havia sido maior que o esperado, e assim nós trabalharíamos em dupla. Na primeira aula, não sabia o que fazer ao certo, não sabia se dava minha opinião, ou se apenas assistia e ajudava no que fosse preciso. Como estava confusa, resolvi montar o que chamei de primeira aula. Mas nessa hora percebi que o nome “defesa pessoal” era muito restrito para tudo o que eu poderia ensinar às crianças que desejassem aprender a lutar.

Guardei esse meu rascunho e mais tarde quando as turmas foram divididas, tive a oportunidade de planejar as aulas de acordo com as idéias que até então dividia com meu colega. Queria um ensino global, queria que eles conhecessem um pouco de cada modalidade, queria que eles soubessem a história de cada uma, a indumentária, como são as competições. Queria um ensino “tão global quanto possível e tão específico quanto necessário”.

Quando terminei a primeira semana de aula pensei: estaria eu sendo muito romântica? Talvez, mas, naquele momento não encontrei nenhuma resposta, apenas pensei, tudo o que tenho estudado não pode ser em vão, e segui com as aulas e com o planejamento que fiz no início do semestre. A partir de então percebi que antes de ensinar Lutas para pessoas com deficiência, eu precisava entender o que elas significam e como ensiná-las para as pessoas em geral. A partir desse embasamento eu poderia pensar no ensino de PCD.

Em discussões com o orientador já acreditávamos que existiam princípios comuns entre as modalidades de luta, que poderiam ser agrupados de acordo com a distância entre os oponentes e nisso se baseava meu planejamento. Decidi escrever um diário com os objetivos da

aula, seguido de um relatório do que havia acontecido naquele dia, para observar o que funcionou e o que deu errado.

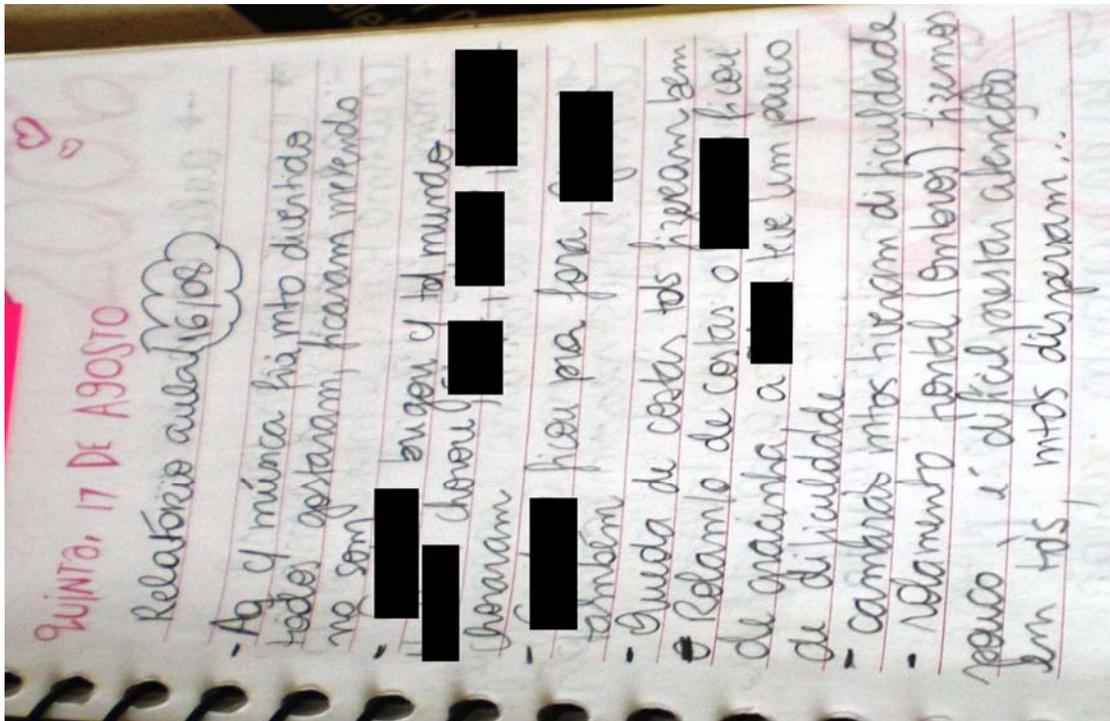


Fig. 4.1 – Diário aula I

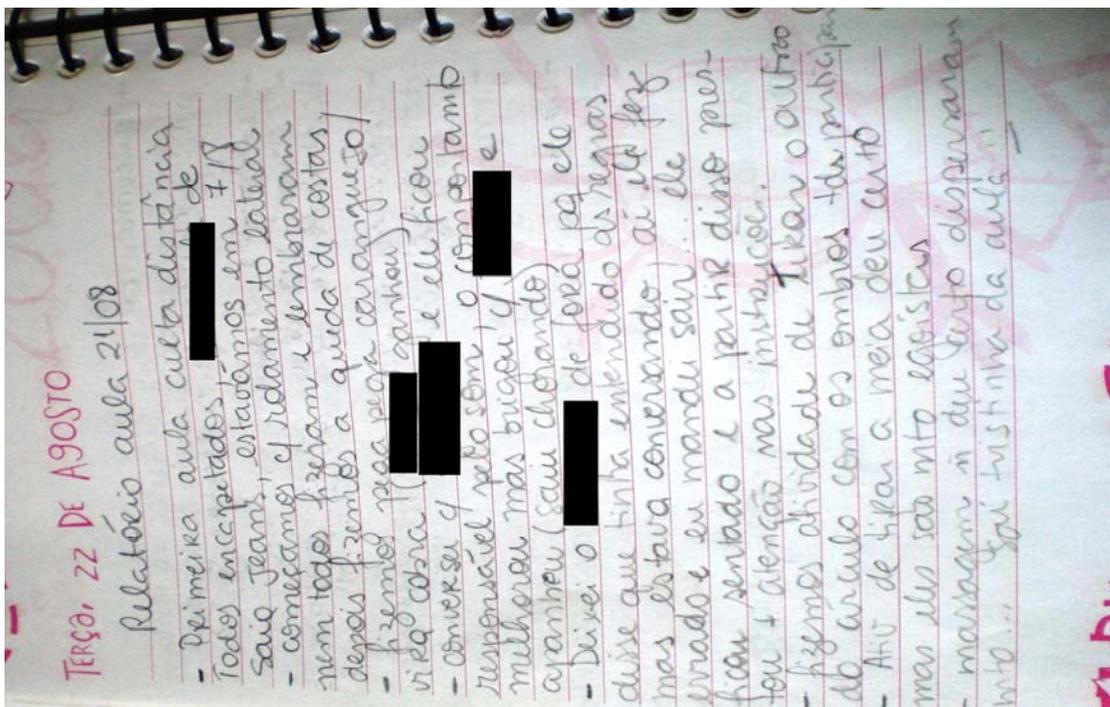


Fig. 4.2 – Diário aula II

Como visto acima, saí das primeiras aulas chateada, questionando os procedimentos, as atividades. De repente muitos alunos se aproveitavam do tema da modalidade (agora Artes Marciais) e agrediam-se uns aos outros, e quando menos esperava, a sala inteira se punha a chorar. Nos relatórios, tentei preservar os nomes dos alunos com uma tarja preta. Assim, toda vez que aparecer a tarja, me refiro ao nome de algum aluno.

As aulas por mim relatadas demonstram a criação de estratégias diante dos problemas que iam surgindo. Como lidar com o comportamento inadequado dos alunos era minha maior angústia e dificuldade. A cada aula eu me planejava para os possíveis problemas e me “replanejava” logo em seguida.

Houve um dia em que fiquei muito insegura, quando um dos meus alunos, aquele que nunca faltava, me disse que nós não estávamos “fazendo Luta”, e como escrevi no relatório abaixo, eu tinha dúvidas se eles gostavam ou não da aula, ou se realmente aquilo que eu estava ensinando era ou não Luta.

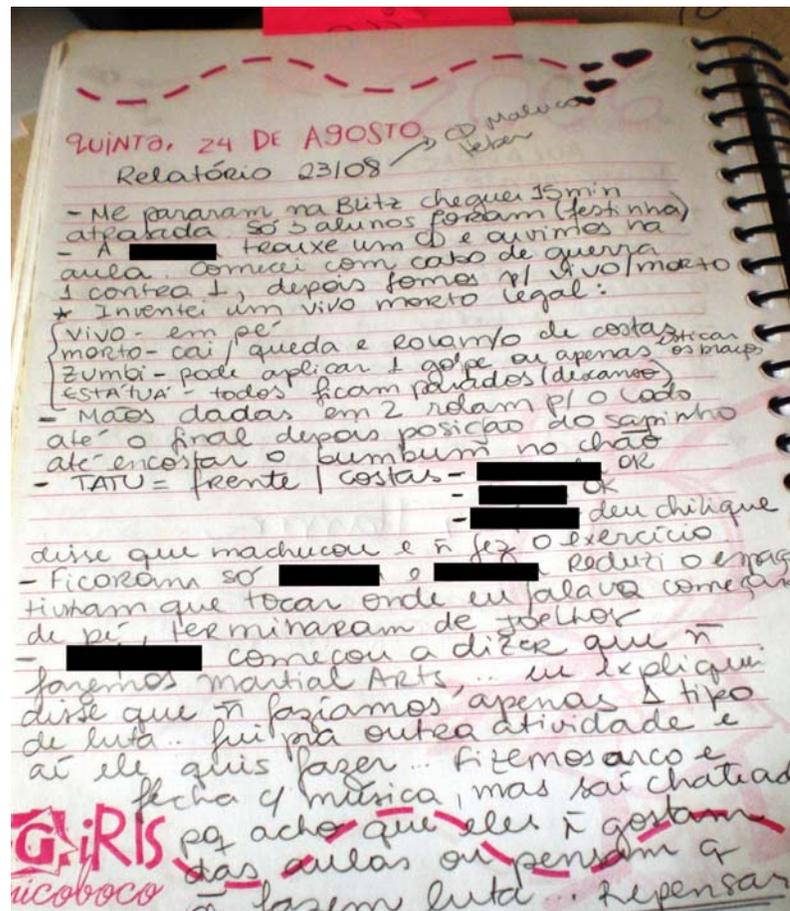


Fig. 4.3 – Diário aula III

Mais indagações me vieram à mente: O que é Luta então? O que meus alunos precisam fazer que não pertença a nenhuma modalidade específica, mas que eu posso chamar de Luta?

Na busca por um ensino global, que partisse do que as modalidades de luta têm em comum, procurei, intrigada, meu orientador. Não o fiz como orientanda, mas como professora, iniciante, inexperiente, insegura. Sentamos e tivemos uma longa conversa, sobre o que já havia tentado e sobre a resposta dos alunos, que eu considerava extremamente negativa.

Fiquei convencida de que muitas vezes, para chegarmos àquele ensino ideal, desejado, como disse anteriormente, é preciso resgatar o método tradicional. Por que o tradicional não é ruim, pelo contrário, ele deu certo, mas às vezes as pessoas o vêem como a única resposta para os problemas, não acreditando em nada que seja diferente daquilo. Porque a possibilidade de inovação e a mudança gera muito desconforto nas pessoas.

Com o emaranhado de idéias na minha mente e com a ansiedade de ministrar uma aula moderna e diferente, eu acreditava que ignorar o tradicional fosse o melhor caminho. Mas, em menos de um mês fui convencida, de que o tradicional e o moderno não se dissociam integralmente, que colocar os alunos em fila, apesar de ser muito criticado pelos “modernos”, em alguns casos é necessário. Não como a solução dos problemas, mas como um meio, um elemento que em determinado momento pode colaborar para o entendimento das regras pelos alunos.

Entendi naquele dia, que para meus alunos me respeitarem, me ouvirem e se disporem a aprender o que eu ensinava, era necessário que eu fosse mais rígida, que exigisse de alguma forma a disciplina deles. Eu deveria então, ir contra tudo aquilo que acreditava e defendia, e, mais do que isso, eu precisava transcender o paradigma tradicional X moderno.

Assim me preparei para a aula, vesti meu kimono, amarrei minha faixa na cintura e fui dar aula a caráter (nunca havia ido de kimono anteriormente), pensei numa aula como as que eu tinha na minha academia (que me ensinaram a filosofia da luta, a ser disciplinada, a respeitar meu Sensei²⁴). Além disso, mesclei o que já tinha escutado sobre outros métodos em outras academias de luta, cujos professores mandavam os alunos “pagarem um castigo físico” caso não cumprissem as suas ordens. Pareceu-me um tanto cômico elaborar uma aula assim.

Cheguei à sala, chamei os alunos e ditei as regras a partir dali. Todos me olharam com um sorrisinho no canto da boca, como se estivessem duvidando das novas leis. Eu me

²⁴ Do japonês Sensei significa professor (literalmente “aquele que veio antes”)

segurei em alguns momentos para não rir junto deles. Então propus um aquecimento com corrida, abdominais, flexões de braços (meus alunos tinham em torno de 8 anos). E quando um deles reclamava de cansaço ou se recusava a fazer um exercício, eu mandava todos “pagarem dez” (flexões, abdominais).

Enquanto faziam os exercícios, eles me olhavam ainda rindo e deixavam de me obedecer para ver até onde eu iria com os “castigos”. Mantive a postura em todos os momentos, percebi que eles estavam realmente surpresos, e aqueles alunos que eu adjectivei como “encapetados” estavam como anjinhos.

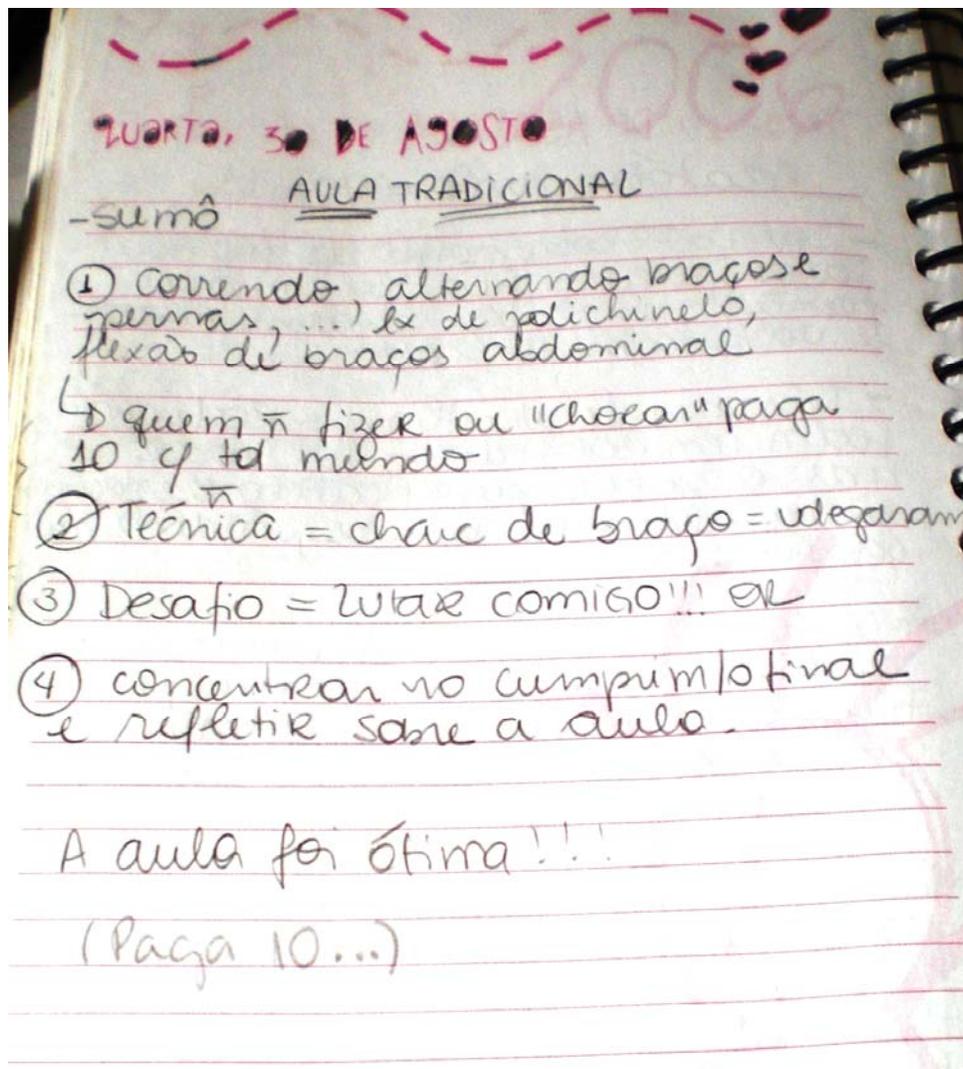


Fig. 4.4 – Diário aula IV

Então os desafiei a lutar comigo e me mantive séria todo o tempo. Conteí das competições que já tinha participado, dos campeonatos que ganhei e perdi e no final das minhas histórias todos me aplaudiram. Fizemos um cumprimento no fim da aula simbolizando a “minha” sabedoria (hierarquia) e todos refletimos sobre a aula. Por mais estranho que pareça eles estavam completamente satisfeitos e tão cansados que a volta à calma saiu perfeita (essa era uma grande dificuldade anteriormente).

Saí da aula com uma sensação tão boa, que refletia o sucesso daquelas novas idéias. Entretanto, no fundo, eu me perguntava se teria que continuar com aquele método para sair satisfeita, e se somente com aulas deste tipo meus alunos vivenciariam o que eu acreditava que devia ser explorado na iniciação em Lutas.

Na aula seguinte sustentei aquele planejamento mudando pouca coisa e quando menos esperava tive uma surpresa: um dos alunos, no momento em que falei “todo mundo paga dez”, se aproximou de mim, tirou uma nota de dez reais do bolso e me disse “tá aí professora, a minha parte já ta paga”. Eu realmente não pude me segurar e todos nós caímos numa longa gargalhada!

Aquilo me mostrou que o ato de punir os alunos com a frase “paga dez”, além de ir totalmente contra a minha idéia de um método de ensino, não duraria muito tempo, já que os próprios alunos puderam perceber que eu tentava representar um papel.

As transformações nos planejamentos iam ocorrendo, pouco a pouco, até que um dia peguei meu diário para rever algumas coisas e percebi que já não tínhamos aquelas aulas tão específicas há várias semanas. Mas mesmo assim os alunos seguiam respeitando as regras que determinamos para nossas aulas. Obviamente eu tinha problemas com comportamento, com situações não planejadas, como qualquer outro professor.

Segui pensando como seria o ensino também para alunos com deficiência, e em alguns momentos das aulas tentava levar para os alunos a experiência de transformar alguma desvantagem (física, sensorial) numa potencialidade.

No relatório a seguir descrevo uma vivência com vendas (com atividades de luta e goalball - modalidade desenvolvida especificamente para pessoas com deficiência visual).

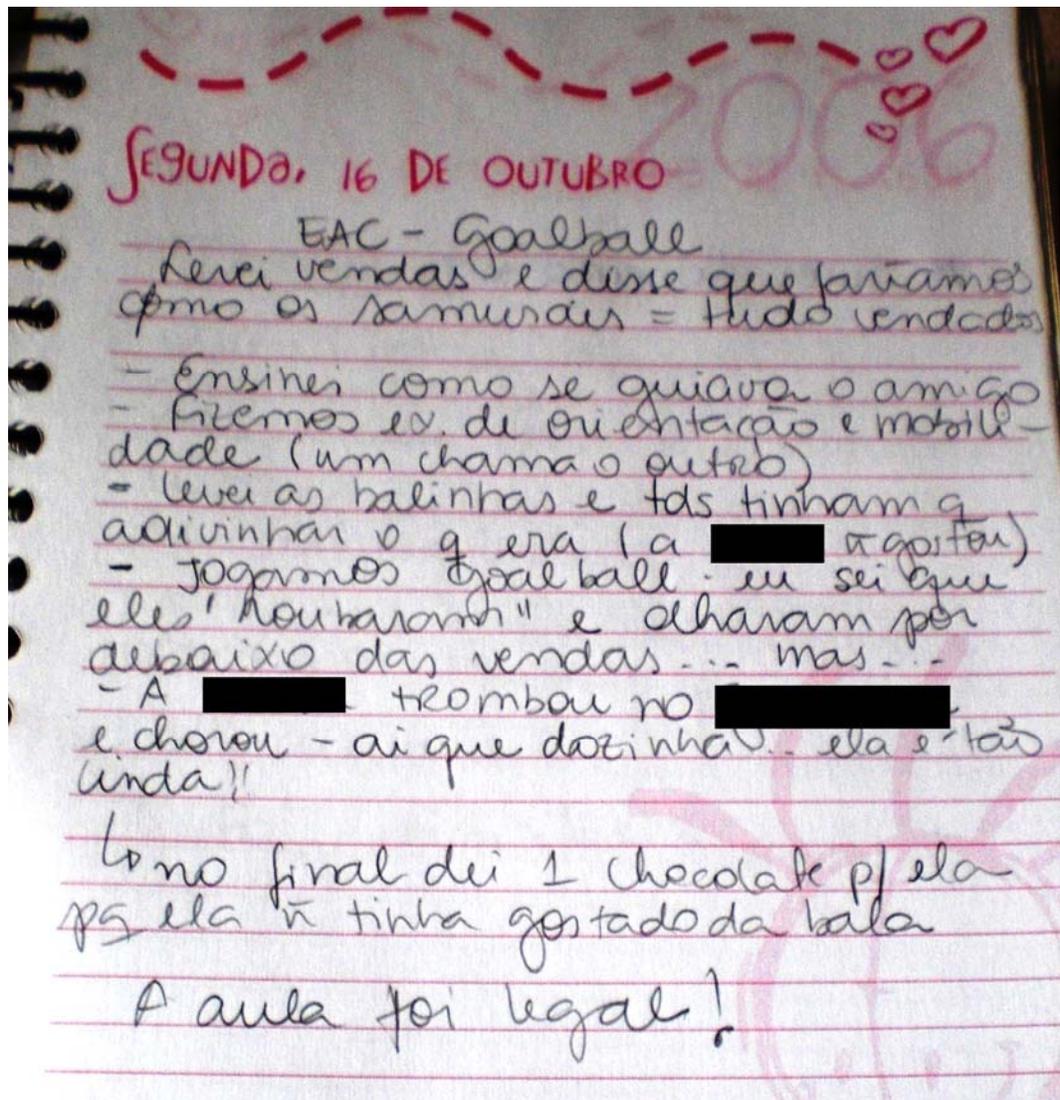


Fig. 4.5 – Diário aula V

Segui com meu diário, com os relatórios e com o planejamento das aulas, às vezes eu tinha que mudar a aula por que eles estavam dispersos, outras vezes não tinha tempo de fazer tudo que planejávamos. Para escrever esta dissertação, entendi que em alguns momentos é necessário “voltar à fila”, ao conservador, para conquistar um determinado espaço. Entendi que o global e o específico andam juntos e que minhas aulas podiam ser globais sem desconsiderar as especificidades das modalidades.

Mais do que isso, entendi que a diferença entre o tradicional e o inovador é que as regras que ordenam o modelo tradicional são conhecidas; e o “conhecê-las” faz com que sejam

seguidas. Entendi então, que as regras não precisam ser rígidas, elas precisam ser claras; e ao querer inovar, eu tentei de me distanciar do que eu considerava tradicional.

Foi assim que as páginas desta dissertação começaram a surgir. Elas relatam o amadurecimento das angústias de uma professora iniciante e agora podem ser uma inspiração para professores (experientes ou não, mas sonhadores) que pretendem ensinar Lutas para crianças, jovens, adultos, independente de serem ou não pessoas com deficiência.

Considerações finais

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores,
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas,
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente”

Henfil

Este capítulo parte das sementes por nós plantadas e acompanha o crescimento de uma pesquisa, que se enraizou, desabrochou, criou forma, deu ramos, galhos, folhas. Descreveremos o processo de crescimento da “árvore da pesquisa” (Fig. 5.1) e esperamos por meio dela, colher os devidos frutos, nascidos de uma muda semeada com a história de vida da pesquisadora, nosso referencial teórico e a análise dos dados.

As sementes são o envolvimento da pesquisadora com os temas Esporte, Luta e pessoas com deficiência e que permearam o desenvolver da pesquisa, despertando o ímpeto de estudar e criar um método de ensino para as Lutas (na iniciação esportiva) que contemplasse os diferentes contextos e personagens da pedagogia do esporte. Nesse caso optamos por enfatizar as pessoas com deficiência, pois acreditamos que nosso envolvimento com esses dois temas poderia contribuir para o processo de aprendizagem desta população.

Antes de tratar de Lutas para pessoas em geral, precisávamos entender o que é Luta, suas manifestações, definições, classificações. Era preciso conhecer e compreender como as Lutas são ensinadas, quais os métodos e idéias de planejamento que regem o ensino deste conhecimento. Desta forma poderíamos saber de que segmento de Luta falar, e assim pensar para quem se destina o ensino, em que ambiente, sob qual perspectiva.

A dissertação parte do tronco da árvore, cuja copa concentra a essência do estudo: as Lutas, neste sentido brotam os capítulos/galhos, repletos de folhas. Apesar de serem artigos separados uns dos outros, eles são interdependentes. Nota-se que não há dissociação entre as folhas de uma árvore. Para que ela esteja completa, seus galhos, ramos e folhas têm que estar em harmonia. Como a árvore, este texto, a partir das raízes, cresceu e amadureceu nutrido com a seiva da teoria/prática e regado com o entusiasmo e expectativa de que muitos possam experimentar dos frutos, que de agora em diante podem ser colhidos.

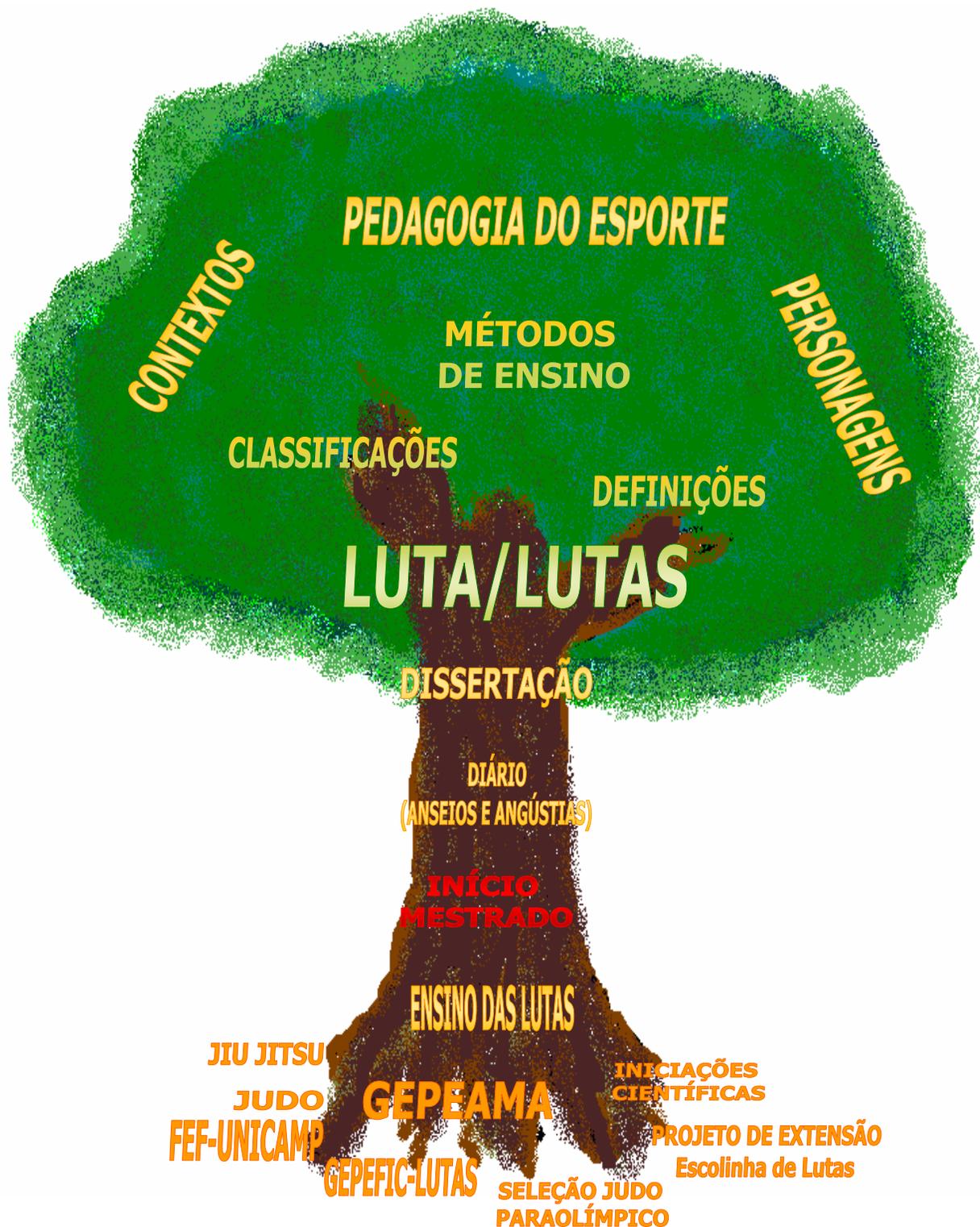


Fig. 5.1 – A árvore da pesquisa

Assim, o capítulo/artigo I (*CLASSIFICAÇÕES E PRINCÍPIOS COMUNS DAS LUTAS*) buscando descobrir de que Luta falaríamos, analisou as manifestações do fenômeno e suas interações. Encontramos as condições para uma determinada prática ser considerada Luta: os princípios condicionais (contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente/alvo e regras). As regras determinam o que é permitido na luta, solicitando ações tático/técnicas dos lutadores e a aproximação desses elementos em grupos (os grupos de aproximação).

Percebemos que os princípios condicionais regem as Lutas, e através deles criamos uma definição para o fenômeno e também para as Formas, uma de suas manifestações. Isso permite que o leitor se situe em relação ao significado que designaremos às Lutas no decorrer do texto.

Partindo das classificações de “esportes de luta” e da fala dos entrevistados, pudemos classificar as Lutas em função da distância entre os oponentes, apontando as ações comuns nos grupos de aproximação. Essa classificação nos permitiu transcender as divisões apresentadas (revisão de literatura) para as ações de Luta, figurando na elaboração de um sistema de interações entre as manifestações da Luta, que demonstrou a complexidade do conhecimento e as relações que podem ser feitas antes de chegarmos ao ensino das modalidades específicas.

Esse capítulo forneceu subsídio para o seguinte (*CAPÍTULO/ARTIGO II - PEDAGOGIA DAS LUTAS*), pois nos permitiu enxergar outras formas de pensar a Luta, que não fossem somente as tradicionais. Isso não significa que ignoramos os métodos tradicionais de ensino, apenas tentamos apresentar outra maneira de entender e ensinar tal conhecimento, visto que existe um universo de possibilidades que pode ser oferecido aos alunos na iniciação.

Além disso, a transferência do que se aprende pode ser utilizada como fator favorável ao ensino de modalidades de luta posteriormente. Porém, a alternativa que oferecemos para anteceder a prática especializada, tende a contribuir para o desenvolvimento global do aluno, que aprenderá a ler a luta e sua dinâmica, podendo elaborar estratégias táticas na resolução de problemas de diferentes ordens.

Exemplos de atividades que exploram os princípios condicionais foram apresentados com o intuito de facilitar a visualização e estimular a criatividade do leitor na elaboração de procedimentos pedagógicos.

Uma direção para o ensino das Lutas foi traçada, considerando a complexidade dos princípios condicionais, grupos de aproximação, Formas e modalidades específicas.

Verificamos a predominância tática no ensino dos dois primeiros e técnica nos últimos, apesar desses elementos serem indissociáveis. Por esse motivo, utilizamos a palavra predominância e não ausência/presença desses elementos.

A partir da proposta apresentada acreditamos ser possível legitimar as Lutas como um conhecimento da Educação Física, passível de ser ensinado nos diversos cenários e contextos para quaisquer personagens da pedagogia do esporte.

Assim, o capítulo/artigo III (*A PRÁTICA DAS LUTAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA*), partindo do entendimento do que é Luta e de como pode ser ensinada, refletiu sobre os processos de ensino-aprendizagem para essa população, dialogando com a teoria apresentada e a fala dos entrevistados. Concluímos que as Lutas podem ser ensinadas considerando a proposta do capítulo II, e o potencial criativo e de adaptação tanto dos professores quanto dos alunos, também serão determinantes nas aulas.

Podemos explorar os princípios condicionais das Lutas considerando a deficiência de um aluno, oferecendo a ele possibilidades e oportunidades de prática e resolução de problemas. Podemos explorar suas potencialidades em detrimento das desvantagens que uma determinada deficiência pode provocar. O tipo de deficiência pode gerar a melhor adaptação de um aluno nos grupos de aproximação (curta, média e longa distância), porém cabe ao professor promover a vivência da dinâmica das Lutas em todas as situações, através da utilização de estratégias e da criação de regras que permitam a utilização de todo o seu potencial.

Esta dissertação ainda trouxe um texto complementar (*DIÁRIOS DE UMA SONHADORA... PROFESSORA*) que relatou a experiência da pesquisadora enquanto professora dos conteúdos discutidos neste texto, demonstrando o início das idéias, os frutos que esperávamos um dia colher e a direta relação entre teoria e prática.

Acreditamos que a partir da desmistificação do conhecimento Lutas e sua legitimação como um conhecimento da educação física, os procedimentos pedagógicos aqui apresentados poderão ser uma ferramenta para o processo de ensino. As Lutas poderão assim, tornarem-se acessíveis para qualquer personagem da pedagogia do esporte, inclusive para PCD, e sua prática contemplada em diversos cenários do contexto esportivo.

Referências

ALMEIDA, J. J. G. *Estratégias para a aprendizagem esportiva: uma abordagem pedagógica da atividade motora para cegos e deficientes visuais*. 1995. 176f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAYER, C. *O ensino dos desportos coletivos*. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BENTO, J. O; GARCIA, R. ; GRAÇA, A. *Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas*. Livros Horizonte: Lisboa, 1999.

BENTO, J. O. *Desporto discurso e substância*. Porto: Campo das Letras, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : Educação Física /Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC /SEF, 1998. 114 p.

BROUSSE, M.; VILLAMÓN, M. ;MOLINA, J. P. El Judo en el contexto escolar In: VILLAMÓN, M. *Introducción al Judo*. Editorial hispano Europea S.A.: Barcelona, 1999.

CARVALHO, A. J. S. *Esportes na natureza : estratégias de ensino do canyionismo para pessoas com deficiência visual*. 2005. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DOPICO, J.; IGLESIAS, E. ; SAN EMETERIO, I. *Habilidades de lucha: introducción a las habilidades específicas de judo*. La Coruña: Cadernos Pedagógicos do Inef Galicia, 2001?.

DUARTE, E.; SANTOS, T. P. Adaptação e Inclusão. In: DUARTE, E.; LIMA, S.M. *Atividade física para pessoas com necessidades especiais: Experiências e intervenções pedagógicas*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2003

ESPARTERO, J. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha In: VILLAMÓN, M. *Introducción al Judo*. Barcelona: Editorial hispano Europea S.A., 1999.

GARGANTA, J. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. In: GRAÇA, A. ; OLIVEIRA, J. (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GOMES, M. S. P. *Análise comparativa entre atletas olímpicos e paraolímpicos de Judô: a luta de solo*. 2005. 40f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. *Perfil Sócio-Cultural das atletas de alto Rendimento de Judô: Uma Análise de Conteúdo dos discursos de esportistas Paraolímpicas*. 2006. 45 f. Iniciação Científica (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GRAÇA, A. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

HENARES, D. A. *Deportes de lucha*. 1ª edição, Barcelona, Espanha: Inde Publicaciones, 2000.

INTERNATIONAL Paralympic Committee (IPC). *Wheelchair fencing*. Disponível em: <www.paralympic.org>. Acesso em: 23 agosto 2008.

MORATO, M. P. *Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas*. 2007. 202f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MOLINA, P.; CASTARLENAS, J.. Bases de una propuesta para la enseñanza del judo en el contexto escolar. In: CASTARLENAS, J.; MOLINA, P. *El judo en la educación física escolar: unidades didácticas*. Barcelona: Editorial Hispano Europea S/A, 2002.

MUNSTER, M. A. *Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica*. 2004. 309f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MUNSTER, M. A., ALMEIDA, J. J. G. de. Atividade física e deficiência visual. In GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. da. (org) *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. Barueri: Editora Manole, 2005. p.28-76.

_____ Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. In. RODRIGUES, D. (Org). *Atividade motora adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006, p 81-91.

NAKAMOTO, H. O. et.al. *Ensino de lutas: Fundamentos para uma proposta sistematizada a partir dos estudos de Claude Bayer*. In: Costa, C.O., Moreno, J.C., Verlengia, R. 3º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física – UNIMEP. 9 a 12 de junho de 2004, Piracicaba/SP, p.1250. [cd-rom];

OLIVEIRA FILHO, C. W.; ALMEIDA, J. J. G. de. Pedagogia do esporte: um enfoque para pessoas com deficiência visual. In. PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (org) *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. Campinas: Guanabara Koogan, 2005. p. 91-110.

OLIVEIRA FILHO, C. W. *Perfil antropométrico e desempenho físico-motor de crianças e jovens com deficiência visual participantes do atletismo nos I. Jogos Escolares da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos*. 2006. 119f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE Jr., D. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

_____ *Pedagogia do Esporte: contextos, evolução e perspectivas*. Revista brasileira Educação Física Esp., São Paulo, v.20, p.171, set. 2006.

PARLEBAS, P. *Elementos de sociología del deporte*. Málaga: Unisport, 1981.

RAMIREZ, F. A. ; DOPICO, J. A. ; IGLESIAS, E. Requerimientos motrices de la lucha leonesa. Consideraciones generales sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje. In: RODRIGUEZ, C. L. *El entrenamiento en los deportes de lucha*. Federación territorial de Lucha. León, 2000.

ROCHA, L. G. F. *Estratégias de ensino-aprendizagem do kung fu para pessoas com deficiência visual: estudo de caso do projeto de extensão em atividade motora adaptada da FEF-UNICAMP*. In: Congresso Cultura Corporal, SESC Vila Mariana. São Paulo, 2006.

SACKS, O. W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, W. C. de. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Org) *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

SILVA, A. J. *Esporte educacional e deficiência: encontros esportivos no contexto escolar*. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

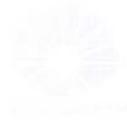
THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLAMÓN, M.; BROUSSE, M. El judo como contenido de la educación física escolar. In: CASTARLENAS, J. ; MOLINA, P. *El judo en la educación física escolar: unidades didácticas*. Barcelona: Editorial Hispano Europea S/A, 2002.

VILLAMÓN, M.; .MOLINA, J. P. La iniciación deportiva en Judo In: VILLAMÓN, M. *Introducción al Judo*. Editorial hispano Europea S.A.: Barcelona, 1999.

Anexo



CEP, 24/04/07.
(Grupo III)

PARECER PROJETO: Nº 108/2007 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0080.0.146.000-07

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “ENSINO DAS LUTAS: DAS ESPECIFICIDADES AOS PRINCÍPIOS COMUNS”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Mariana Simões Pimentel Gomes

INSTITUIÇÃO: FEF/UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 02/03/2007

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 27/03/08 (O formulário encontra-se no *site* acima)

II - OBJETIVOS

Identificar quais são as habilidades básicas e princípios iniciais que vem sendo utilizados no processo de ensino-aprendizagem das modalidades de luta no ensino não-formal e uma possível existência de características comuns entre elas diante dos diferentes personagens e cenários da Pedagogia do Esporte.

III - SUMÁRIO

Trata-se de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na FEF e financiada pelo CNPq. O estudo é de natureza qualitativa e pretende entrevistar, a partir de roteiro semi-estruturado um conjunto estimado de 6 professores/mestres de diferentes modalidades de luta: judô, jiu jitsu, tae kon do, karatê, kendo e esgrima. A escolha dos sujeitos é intencional e por conveniência, via a participação dos mesmos na disciplina Pedagogia do Movimento (FEF/Unicamp). Além da participação na referida disciplina e a diversidade de esportes de combate, não constam outros critérios de inclusão ou exclusão. Não há referência do local específico para coleta, sendo explicitado que a definição irá ocorrer após a análise do CEP. Não há indicação que o roteiro de questões foi ou será avaliado por meio de um estudo piloto ou pré-teste. Quanto à lista das questões, parece necessário uma revisão para o cumprimento dos objetivos pretendidos.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

O estudo mostra-se relevante à medida que se relaciona à proposta do ensino e ampliação do acesso ao esporte. O protocolo está apropriado ao estudo qualitativo. Apesar de alteração no formulário proposto pelo CEP, há apresentação de orçamento com previsão de gasto de R\$52,00 de responsabilidade do próprio pesquisador. A pesquisadora também contará com os equipamentos e recursos materiais disponíveis no Laboratório de Atividade Motora Adaptada. O TCLE foi reapresentado, estando de acordo com as solicitações dos assessores. Os cuidados com o sigilo dos participantes são expressos.

**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na III Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 27 de março de 2007.


Prof. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br

Apêndices

APENDICE A: Transcrição das entrevistas

1. VOCÊ ACREDITA QUE A MODALIDADE QUE VOCÊ ENSINA TEM ALGO EM COMUM COM OUTRAS MODALIDADES DE LUTAS?

Temáticas enunciadas:

**Características comuns entre modalidades de luta
Princípio da transferência.**

PROF I

Sim, acho que a maioria das lutas que tem contato físico direto, Judô... Tanto o judô quanto o Jiu-Jitsu acho que um completa o outro, como é o caso do Jiu-Jitsu praticado aqui no Brasil que é o Jiu-Jitsu brasileiro ele se completa com o Judô porque o Judô também tem luta no solo. Agora quanto às outras lutas a luta greco romana... A luta de contato, a luta livre, o Sumô também é uma luta de contato como várias outras lutas.

Análise inferencial dos temas enunciados

Características comuns: O contato direto entre os oponentes está presente em diferentes modalidades de luta.

PROF II

Não muitas características. Em algumas características, em algumas projeções que tenham o contato mesmo, por exemplo, do Karatê para o Judô tem algumas características bem comuns, bem próximas mesmo. Mas na verdade, apesar dessas lutas que eu pratiquei²⁵ serem focos diferentes né, o Karatê ter que lutar em pé e não ter tanto contato físico e o Judô já ter o contato mesmo, mas sempre tem algumas projeções que são do Karatê, por exemplo, são usadas no Judô. Então acho que a gente consegue transferir um pouquinho o aprendizado de uma para outra modalidade. Mas se a gente analisa o Taekwondo, o Kung fu... Os contatos, os golpes são praticamente os mesmos, o mesmo golpe, né? Muda uma ou outra variação então com certeza tem a transferência.

Análise inferencial dos temas enunciados

Características comuns: Existem características comuns no que se refere ao contato e às habilidades predominantes em determinadas modalidades

Transferência: Considera possível a possibilidade de transferir o que se aprende numa modalidade para outra. Exemplifica modalidades que possuem golpes semelhantes, apesar de apresentarem variações características.

²⁵ O professor relata já haver praticado Judô além do Karate

Sim, de maneira geral eu entendo que o esporte de combate ele tem o componente estratégico muito grande, é diferente de esportes simples, que você trabalha as ações, geralmente você não tem uma atitude de confronto com o outro indivíduo e essa situação cria, faz com que o esporte de combate tenha um espaço tático muito amplo. Então eu comparo muito a Esgrima realmente, a, por exemplo, o Taekwondo, ao próprio Karatê, o Kung Fu que você muitas vezes trabalha em segundas intenções, terceiras intenções, você tem que simular determinados movimentos para que o seu adversário possa pensar que você está errando, para você tirar proveito disso ou ameaçar determinadas regiões para que ele abra uma outra região, ou seja, você sempre trabalha em segundas e terceiras intenções, né? A única diferença é que a esgrima, diferente de outras modalidades de lutas, é que você trabalha com o complemento que é a espada, né? É a arma em si que coloca uma dificuldade maior, ao mesmo tempo em que você tem toda essa estratégia tática com relação ao adversário, mas você tem que ter o domínio do material em si, que solicita aí acho que um bom tempo antes de trabalho com esse material, até realmente para você incorporar, para você transferir toda a tática da esgrima no jogo das armas.

E em relação a modalidades que também possuem esse implemento, que você chamou complemento, você acredita que existe uma proximidade no ensino?

É, eu nunca pude, eu não saberia responder de forma concreta porque eu nunca tive muito envolvido com outras modalidades de luta, né? Teve uma vez que eu tive um contato muito forte com um professor de Taekwondo, no Esporte Clube Banespa, onde eu trabalhava, aliás, a gente era muito amigo e ele ia lá na sala de Esgrima. Ele começou a gostar muito da visão estratégica da Esgrima, que no Taekwondo ele trabalhava muito: aliás, a primeira intenção, né, ele visualizava uma atitude, daí ele aplicava o golpe, por exemplo. E justamente na Esgrima ele começou a perceber a maneira até de ensinar a Esgrima, que na esgrima você tem o mestre da arma que simula sempre os erros do adversário, as situações táticas que você pode executar. E ele tentou traduzir isso para o Taekwondo, ao invés de você trabalhar sempre em dupla, ele colocou uma roupa como se fosse de esgrima e ele estimulava vários movimentos com os seus atletas e eu também comecei a ver uma certa familiaridade, né, dava para você tentar alguma coisa do Taekwondo e puxar para a esgrima. Mas eu não poderia te falar com tanta certeza, porque eu nunca tive profundamente em outras modalidades, a única modalidade que eu vi e tem muita semelhança assim é o Kendo, que é a esgrima japonesa, apesar de ela ter mais uma concepção tradicional, ela é a esgrima do Oriente, ficou muito mais próxima da Filosofia muito mais próximo inclusive do místico, do religioso, e a esgrima do Ocidente que é a esgrima que eu pratico que é a esportiva ela realmente caminhou para área atlética, mas a essência em si das posições, da técnica, até da própria guarda, elas são muito semelhantes e o treinamento começa muito parecido. Agora com outras modalidades específicas de artes marciais como o Kung Fu, o próprio Judô, eu visualizo a familiaridade na estratégia de jogo, mas na forma de ensino, eu acho que eles são diferentes. Mas eu não posso te falar com tanta certeza porque eu nunca tive contato profundo com essas modalidades.

Análise inferencial dos temas enunciados

Características comuns: Considera o pensamento tático e a estratégia fatores comuns entre certas modalidades. Ressalta características coincidentes no Kendo, principalmente em relação ao implemento, habilidades, posições e iniciação na modalidade. Coloca que ambas são chamadas de Esgrima, embora uma seja oriental e preserva a misticidade, religiosidade e tradições do oriente,

enquanto a outra, ocidental é mais esportivizada e “atletica”.

Transferência: Demonstra enxergar transferência do componente tático de uma modalidade para outra, independente da presença do implemento. Através do processo de ensino-aprendizagem o professor pode perceber essa possibilidade de transferência.

PROF IV

Tem muito em comum, embora não fique muito claro nessas constâncias, nessas igualdades, mas tem muito ao redor da própria luta em comum, em relação a esgrima é diferente da Esgrima Ocidental, é uma esgrima típica, né, do Japão, dos samurais japoneses, mas usa todos os rituais, muita coisa em comum, as vestimentas, é uma armadura que se põe sobre um kimono, conhecido como kimono, né, um judogui, um karategui pra começar, o budismo, né, aspectos filosóficos e religiosos.

E você acredita que esse aprendizado que você teve de outras modalidades, pode ter facilitado ou dificultado o seu aprendizado pro kendo, por exemplo?

Bom, na parte propriamente das habilidades, nada, totalmente diferente das duas tem uma proximidade assim com o Karate, pela postura; com o Judô já mudou bastante e não tem mais; tem uma certa proximidade com a espiritualidade, o sentimento assim na academia, calma, relaxamento que apesar de ser relaxamento, com o Aikido é bastante próximo assim do Aikido e algumas outras coisas né...

O implemento pode ser uma característica comum entre as modalidades?

As habilidades manipulativas com a Esgrima Ocidental, eu posso dizer que as empunhaduras, as pegadas, as técnicas dessa modalidade como esporte elas não possam estar relacionadas, mas elas são limitadas, né, em relação a todo o resto de habilidades coordenativas né, manipulativas por exemplo, mas o ritmo, né, o tempo certo, isso é importante ter um “q” que é diferente dos outros e pode ajudar numa outra modalidade.

Análise inferencial dos temas enunciados

Características comuns: Considera comuns fatores como a história, os rituais, aspectos filosóficos e religiosos.

Transferência: As habilidades manipulativas (implemento) se relacionam à Esgrima ocidental, e isso pode ser transferido posteriormente, porém, considera o ritmo e outras habilidades coordenativas muito distintas e não passíveis de transferência.

2. QUAIS SÃO AS HABILIDADES E PRINCÍPIOS INICIAIS QUE VOCÊ ENSINA PARA UMA PESSOA QUE VAI COMEÇAR A PRATICAR “SUA” MODALIDADE?

Temáticas enunciadas:

Método de ensino
Transferência
Habilidades específicas das modalidades.

PROF I

Bem, aí nós temos as crianças e os adultos. As crianças, iniciamos com as habilidades que precisam ser desenvolvidas, não só no Judô mas em outras modalidades. As habilidades motoras orientadas para a prática da luta, isso tanto no Judô como no Jiu-Jitsu. O adulto, às vezes, tem uma certa dificuldade porque não tem, quando na idade correta, não desenvolveu certas habilidades que precisam ser desenvolvidas, praticadas e tal. Mas inicia-se procurando o desenvolvimento das habilidades motoras.

É bem mais fácil você ensinar o adulto que já teve uma experiência motora, principalmente se ele teve uma experiência com lutas, então é bem mais fácil para você desenvolver qualquer uma delas, tanto o Judô quanto o Jiu-Jitsu.

E você acredita que pode existir algum tipo de vício de uma modalidade para outra?

Não, no caso do Jiu-Jitsu brasileiro que a luta é mais ao solo não, mas no Judô existe dificuldade sim, eu já vi alunos que praticavam o karatê e fixavam aqueles movimentos bruscos e fica muito difícil você desenvolver dentro do judô, então fica difícil. No caso eu só tive essa experiência no karatê.

No caso de um aluno que praticou luta greco-romana, se ele viesse a lutar o Judô ou o Jiu-Jitsu, isso facilitaria ou dificultaria também?

Acho que facilitaria porque as lutas são bem parecidas no caso Judô, Jiu-Jitsu e a luta greco-romana.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Diferencia a iniciação para crianças e adultos, enfatizando habilidades motoras que considera gerais (não-exclusivas de sua modalidade), porém orientadas para a prática da luta. Existem dificuldades no momento de ensinar um adulto que não teve muitas experiências motoras, e a vivência de outra modalidade de luta pode facilitar uma prática posterior.

Princípio da transferência: Na presença de contato direto entre as modalidades, o aprendizado de uma luta pode ser facilitado pela prática anterior de outra. Entretanto quando duas modalidades não dispõem desta característica incomum, pode haver uma transferência negativa de “vícios” (posturas, formas de execução de determinados golpes) que pode prejudicar ou retardar o aprendizado. Enfim, a vivência de outras modalidades tende a facilitar o aprendizado, já que consiste na aquisição de um repertório motor, entretanto, a prática prolongada de uma modalidade que não tem contato direto, por exemplo, tende a dificultar a assimilação de movimentos do Judô.

PROF II

Então, eu faço um trabalho bem bacana porque no começo, eu tenho um grupo de crianças que treinam comigo, que eu só trabalho ludicamente com eles, até às vezes eu comento com os meus atletas: acho que se algum dia entrar algum japonês mesmo aqui, os caras vão ficar loucos de ver isso, por que eu procuro dar vivências motoras mesmo, então eu não ensino especificamente o chute do karatê, eu ensino o chutar, eu faço com que eles chutem à vontade sem ta, por exemplo, o ... que é um chute lateral, eu não falo para eles “olha tem que chutar o pezinho assim” eu faço com que, eu ensino eles a chutarem de qualquer forma, conforme eles vão amadurecendo no chutar, no socar aí sim, eu vou começar a especificar, então meu trabalho é um pouquinho diferente, se você for para as academias hoje todo mundo vai ensinar o kihon que são movimentos básicos de ataque e defesa que tem no karatê e que são os primeiros movimentos que a gente aprende. Eu não vou por esse enfoque, eu procuro primeiro ensinar a socar, chutar de qualquer forma, aí eu começo a ir mais para a linha específica da modalidade.

<i>Análise inferencial dos temas enunciados</i>

<p>Método de ensino: Para crianças desenvolve um método de ensino global, que considera o todo em detrimento das partes, sem centrar-se na técnica específica dos gestos realizados pelos alunos. Enfatiza a aprendizagem dos movimentos através da ludicidade e não da tradicionalidade como realizado na maioria dos centros de ensino de lutas.</p>

<p>Habilidades específicas das modalidades: Chutar, socar.</p>

PROF III

É, quando eu trabalho com criança eu tenho uma ênfase extremamente lúdica naquilo, a criança realmente, na Esgrima eu tento trabalhar com todo o lado da fantasia que existe na esgrima. A esgrima é um esporte clássico, tem a capa do zorro, é um esporte hoje que faz parte da escola de arte dramática na Europa inteira, então com a criança eu trabalho muito com a fantasia e dá muitos resultados porque a criança, ela começa a aprender brincando. Geralmente a pessoa adulta, ela quer pelo contrário, ela quer praticar, ela quer jogar esgrima né, e hoje eu tenho um método diferente. Eu começo, eu realmente eu coloco a roupa e ela começa a jogar e aos poucos eu começo a trazer ela para o treinamento da Esgrima, que antigamente era muito clássico, ou seja, você começava da guarda de Esgrima, repetia o movimento, você era muito enfático no gesto específico, era muito técnico e isso era muito maçante, né? Então, eu hoje tenho uma metodologia, não só eu, mas vários mestres usam, que é você começar do jogo propriamente dito pra você começar a chegar nos detalhes técnicos, né? E aí sim eu começo aperfeiçoando os gestos mais específicos da Esgrima, como as posições, a postura, os deslocamentos, né? Aí eu começo paralelamente a isso, quando eu percebo que o atleta já tem uma bagagem relativa de habilidades, isso também não é muito amplo, eu já começo a introduzir a visão tática, porque a esgrima tática é fundamental, e durante muitos anos a tática na Esgrima mesmo internacional, ela ficou muito na base da experiência e hoje com a evolução, enfim, dos planos de treinamento, né, o processo tático também passou a ser um componente de ensino. Então, toda vez que eu ensino um movimento de Esgrima, por exemplo, um ataque direto, e ao mesmo tempo eu simulo as atitudes que ele poderia ter e esperar, ou criar para ele executar essa ação, né? Ou as atitudes que o adversário pode estar fazendo em relação a esse movimento, e as soluções desse problema pra

que paralelamente ele tenha habilidade, mas ele também percebe que essa habilidade, ela tem que acontecer dentro de uma situação competitiva, porque se não é falso, na hora em que ele vai para a realidade do combate, ele acaba sendo, a gente até fala que isso fica muito bonito na disposição de um teatro, mas não de um esgrimista na solução de problema, e a esgrima, ela trabalha com as soluções de problemas, e essa estratégia tática, ela hoje é treinada. Então, hoje eu ensino dessa forma, mas de forma geral e paralelamente eu trabalho com as crianças, as habilidades com quem está iniciando com as habilidades de forma física, em forma de Esgrima geralmente eu trabalho com um pouco de força de membros inferiores. Quanto à questão física mesmo, muita flexibilidade, na Esgrima a flexibilidade é fundamental, começo a trabalhar aos poucos, gradativamente. Só que eu observo muito o que o aluno tem naturalmente, né? Eu costumo fazer uma avaliação antes para ver como essa pessoa se encontra fisicamente, o que ela tem a priori...Pela experiência, o que ela tem de habilidades, as capacidades físicas que a gente pode aproveitar e aí eu tento desenvolver. Mas duas coisas que eu vou trabalhando paralelamente e isso complementa o treinamento, que é realmente o trabalho de força, que eu trabalho dentro da própria sala, com os circuitos físicos, muitas vezes, ou até muitas vezes acabo direcionando um pouco para a musculação, e o trabalho de flexibilidade, que é fundamental para a Esgrima sim, mas de forma geral. Aí, depois, quase toda a parte eu envolvo a Esgrima para o componente técnico e tático, porque é o grande grosso da Esgrima, né? É isso que eu trabalho.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Método para crianças com ênfase lúdica explorando aspectos da fantasia que a modalidade pode oferecer. Para adultos se baseia no “fazer para aprender”, assim como nas “razões e porquês” desse fazer, colocando elementos táticos antes da execução da técnica, priorizando a resolução de problemas e centralizando sua didática no princípio da imprevisibilidade, que rege o jogo da Esgrima.

Habilidades específicas das modalidades: Posturas e deslocamentos. Considera algumas capacidades físicas, como força e flexibilidade essenciais no desenvolvimento da modalidade.

PROF IV

As habilidades iniciais psico-coordenativas. Não requer habilidade, só a empunhadura, então, apesar disso, de ser a empunhadura com a mão esquerda, né? Sempre com a mão esquerda, então muito exercício segurando o peso da shinai, pra criança a shinai é mais leve, mais ou menos a empunhadura com a mão esquerda, então eu acho isso legal como um facilitador da ambidestria e a direita sem pressão, sem usar força do braço direito, que a maioria também tem, mas é só, assim há outra, há pré-requisitos, a postura sempre ereta e é muito rígida, né? A postura na verdade é muito rígida, depende de treinamento para desenvolver esse potencial de ritmo, explosão, né?

Análise inferencial dos temas enunciados

Habilidades específicas das modalidades: Empunhadura, habilidades manipulativas com a *shinai*²⁶ e posturas.

Método de ensino: Para criança faz adaptações nos materiais das espadas (*shinai*), para que se adequem às possibilidades dos alunos, mantém a rigidez tanto da postura física, quanto do método de ensino, considerando aspectos tradicionais, religiosos e filosóficos da modalidade independente do grupo de alunos que tenha.

3. E O QUE VOCÊ CONSIDERA PRIMORDIAL PARA SER ENSINADO DURANTE A INICIAÇÃO?

Temáticas enunciadas:

Método de ensino
Habilidades específicas
Aspectos culturais

PROF I

Primordial? Como já disse a você, essa habilidade de equilíbrio, muito usado no Judô, coordenação, isso precisa ser desenvolvido, e aí existe uma gama de exercícios pra que ele possa adquirir equilíbrio e coordenação. Sem dúvidas, no Judô é bem implícita a tradição, a cultura dos japoneses, da cultura dos orientais, do cumprimento. Como a modalidade teve origem no Japão, então a gente procura passar tudo isso, as terminologias todas que podem ser utilizadas nas regras, nas técnicas dos japoneses, mesmo porque a modalidade foi desenvolvida no Japão, tanto o Judô quanto o Jiu-Jitsu. Então a gente procura sempre a terminologia, desde a primeira aula ele já vai ouvindo, e aí ensina os cumprimentos, o respeito pelos mais graduados e assim por diante.

Análise inferencial dos temas enunciados

Habilidades específicas: Cita capacidades físicas como equilíbrio e coordenação, presentes na estrutura das atividades de iniciação.

Aspectos Culturais: Cultura oriental, tradição cultural, terminologia dos golpes e respeito pelos mais graduados são peculiaridades tanto do Judô quanto do Jiu Jitsu, que segundo o professor devem ser exploradas na iniciação em ambas as modalidades.

²⁶ Espada utilizada no Kendo

PROF II

É. Nos aspectos históricos eu acho legal a gente de vez em quando comentar alguma coisa. Claro, não dá para comentar toda a aula, né? Eu acho legal, porque traz algumas questões filosóficas da modalidade que podem ser transferidas para esse aluno no decorrer da sua vida, né? E que ele possa levar para sua vida, né? Eu acho uma coisa bacana, como eu falei, eu acho legal primeiro a pessoa aprender a chutar, a socar, depois com certeza a prioridade é a gente ensinar a técnica um pouco mais específica da modalidade, então é um pouco para o kihon... mesmo que são os movimentos básicos de ataque e defesa, a partir daí que ele aprendeu o ... aí eu entro no kata, então eu vou ensinar os primeiros katas lá que é o ..., o ... daí por diante eu vou ensinar luta, mas eu não vou especificamente pra luta de troca de golpes, eu vou com as lutas combinadas, eu ensino para os alunos todas as lutas combinadas, para depois de um tempo, isso depois de um mês, um mês e pouco que ele está treinando, aí ele vai começar aprender a movimentação da luta, a luta propriamente dita.

<i>Análise inferencial dos temas enunciados</i>

<p>Habilidades específicas: Chutes, socos, combinações de movimentos, movimentos básicos de ataque e defesa, níveis gradativos de seqüências combinadas de golpes, movimentação de luta.</p> <p>Aspectos Culturais: Aspectos históricos e filosóficos são expostos, porém não são enfatizados todas as aulas. Objetiva-se que o aluno incorpore os ensinamentos da cultura e tradição oriental do Karatê em sua rotina, modo de vida.</p>

PROF III

A não, sim, as ações de Esgrima, enfim, a Esgrima é um esporte milenar, então ela tem um componente teórico muito vasto, né? Você tem aí a teoria da esgrima, ela é muito ampla e as terminologias, elas são fundamentais, até para que o aluno saiba o que está fazendo. Eu não sei como é em outras modalidades, mas na Esgrima realmente, a gente tem aulas teóricas da Esgrima ou eu passo apostilas, porque quando eu ensino o movimento eu uso o nome do movimento e isso é fundamental o aluno saber e não só pela esgrima em si, também na parte de arbitragem, porque ele vai precisar entender a arbitragem, ele precisa entender que ação que ele está executando e a parte regulamentar da Esgrima. Então, a teoria, ela no meu caso, não só eu, a maioria dos mestres, né? Que realmente são acadêmicos, eles tentam aliar isso, paralelamente ao trabalho prático e claro, a gente tenta passar isso da forma mais lúdica possível, passa com vídeos, constantemente a gente está passando, eu faço palestras pra eles com o data show, mas aí eu tenho sempre uma apostilinha, alguma coisa para que eles vão acompanhando paralelamente. É existe um mestre no sul que usa um método chamado *brassar* que é um método francês que a criança, ela começa esgrima toda a parte prática, mas ela trabalha com módulos, então ao mesmo tempo em que ela tem um módulo que ela tem que aprender os movimentos básicos da esgrima, ela também tem um módulo teórico que ela tem que conhecer e isso é passado para o aluno. Aí, se ele passar isso aí, aí tem no final tem uma apresentação. Se ela passar essa fase ela passa para uma outra fase, aí ela entra em outros componentes, mais complexos e assim por diante né? Na Esgrima não existe faixa como tem no Judô. Então isso foi inventado, mais ou menos para você estabelecer níveis evolutivos, não só de conhecimento prático, mas também de conhecimento teórico e eu realmente, aliás, isso pra mim é fundamental, porque conforme os esgrimistas

evoluem e depois de certo tempo eles já tem uma certa experiência, o conhecimento teórico é fundamental para que você consiga também entender a tática, mas a tática quando você fala em alto rendimento, porque o diálogo parte de questões especificamente táticas da discussão de movimentos: “Olha, tal atleta faz tal movimento em tempo tal” então nessa ação você tem que fazer um ataque sobre um engajamento. Sobre essa preparação dele você vai fazer um *doblê*, então são termos que o teu aluno tem que estar familiarizado, se ele não conhecer não tem como ele evoluir, né?

No caso da iniciação, você poderia elencar as habilidades que ensina, você falou dos deslocamentos, das posturas, que mais?

Bom de forma geral, eu trabalho assim eu não me preocupo tanto no lúdico, tanto ao gesto em si né, mas algumas habilidades que são fundamentais para que esse gesto saia depois, então muitas vezes eu percebo que uma criança tem dificuldade em coordenação, eu faço muitas atividades paralelas e brincadeiras que faça com que ela tenha uma melhoria dessa coordenação dele. Depois quando eu vou ensinar o movimento da esgrima que envolve a coordenação, tempo, espaço, isso facilita. Então realmente eu trabalho muito com a questão da coordenação. Na Esgrima é fundamental essa coordenação de olho, pé e pé e mão, porque na Esgrima você trabalha, tem determinados movimentos que ao mesmo tempo em que você está observando um campo, mas a sua mão ela tem que estar fazendo outra ação independente disso, né, você está de olho na mão dele, mas a sua mão tá aqui, então você tem que ter uma visão espacial muito grande. Eu trabalho muito com percepção de espaço também e tudo com brincadeiras, com bolinha, um joguinho, coisas que eu fui inventando, né? A agilidade na Esgrima é muito importante, o tempo de reação também que é treinável, então desde pequeno eu já começo a trabalhar brincadeiras que façam com que eles tenham que desenvolver essa capacidade de reação de movimentos, solução de problemas, e enfim eu trabalho mais por aí mesmo.

Dessa forma, como eu falo pra você, por ser a Esgrima um esporte individual, determinadas coisas dá para você trabalhar coletivamente, mas a Esgrima ela acaba sendo individual conforme as condições de cada um, porque a Esgrima ela tem muito, por isso que eu te falei, eu não conheço muito bem os outros esportes, mas o comportamento individual de cada um acaba sendo um componente significativo na esgrima e essa percepção é o que faz muitas vezes o que eu vou ensinar ou não vou ensinar, o que eu devo enfatizar mais ou enfatizar menos, né? Muitas vezes eu percebo por uma criança que ela é extremamente agitada, na esgrima dependendo, no sabre é uma criança que daria certo, no florete nem tanto, então muitas vezes eu tento ao mesmo tempo controlar esse agito dela, mas eu também aproveito isso porque é uma criança que ela vai ter muito mais explosão, às vezes que vai ser uma criança que quer determinar, uma criança que quer resolver o problema, isso canalizado acaba sendo um saldo positivo pra ela numa competição de Esgrima, né? E acaba criando um estilo próprio, né? Por isso que é interessante que na Esgrima você não encontra nenhuma pessoa jogando igual, todos são diferentes porque a personalidade na Esgrima acaba sendo um fator significante.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Cita métodos de ensino clássicos e define a teoria da Esgrima como um fator determinante para a evolução do praticante. Ressalta o “Método Brassar” que estabelece níveis de conhecimentos teórico-práticos a serem desenvolvidos com os alunos na iniciação. Considera a aplicação de métodos como esse, uma maneira de avaliar as condições de progresso na Esgrima, comparando com o sistema de faixas presente em muitas modalidades de luta.

Na iniciação utiliza materiais diferentes, jogos individuais e coletivos para explorar as habilidades e capacidades específicas, assim como aulas e palestras que visam o entendimento do

regulamento, a terminologia e a teoria em geral que considera fundamental para a compreensão da tática.

Habilidades específicas: Percepção de espaço, coordenação olho-pé-mão, visão espacial, tempo de reação.

Aspectos culturais: Personalidade do praticante. A partir de suas características um aluno pode ter seus traços de personalidade explorados e aproveitados para as três categorias da Esgrima (Sabre, Espada e Florete).

4. NO QUE SE REFERE À DISTÂNCIA ENTRE OS Oponentes, COMO VOCÊ DEFINIRIA SUA MODALIDADE?

Temáticas enunciadas:

Habilidades específicas

Método de ensino

PROF I

A distância, no caso do Judô, é um contato direto porque você necessita no caso segurar o adversário, tê-lo nas mãos; não é o caso, como na Greco-Romana, que de início não há necessidade do contato direto. Você vai disputar um contato. No Judô não, eu preciso ter um contato para iniciar a luta.

Porque hoje o professor Jigoro Kano já criou o kimono, para justamente o adversário poder segurar, mesmo porque existia o perigo de ele se machucar. Sem ter contato ele achava que era muito perigoso. No antigo Jiu-Jitsu, por exemplo, eles se machucavam por não ter contato, mesmo porque beneficiava-se... Tendo batidas o Jiu-Jitsu utilizava batidas com os pés, com as mãos, para depois ter o contato e derrubar. O professor Jigoro Kano como tinha objetivos mais educacionais já criou o judogui justamente pra isso, pra você segurar e não ter perigo de machucar o companheiro. Quanto ao desenvolvimento, eu acho que o Judô não tem jeito; você tem que segurar para poder tentar derrubar o adversário. Então eu acho que aí já houve mudanças na regra sobre isso, mas não tem jeito, os atletas ainda ficam muito tempo na disputa de uma pegada.

Análise inferencial dos temas enunciados

Habilidades específicas: Judô e Jiu Jitsu são modalidades de contato direto entre os praticantes, uma vez que existe a necessidade de segurar o adversário para iniciar a luta. Estabelece uma comparação com a luta Greco-Romana, na qual se começa o combate sem um contato direto, o qual deverá ser disputado. A vestimenta “judogui” foi idealizada para promover o contato entre os lutadores de Judô. Atualmente no Judô os atletas despendem muito tempo na disputa da pegada. Modalidades sem contato direto eram consideradas perigosas antigamente em função dos

golpes de “batida”. O Judô foi pensado para ser desenvolvido no âmbito educacional, primando pela segurança dos alunos.

PROF II

Então. É... o Karatê ele tem três como é? É o nosso grupo de estudos, ele tem as três, ele tem a curta, a média e a longa distância, tá. Num primeiro momento eu acho que a gente tem que ensinar a distância curta, eu procuro trabalhar sempre distancinha curta. Por que? Porque a distância curta a gente trabalha muito com o tempo de reação, e isso faz com que a criança vá aprimorando o seu tempo de reação mesmo. E aí com o tempo claro, se a gente pegar a criança hoje, eu gosto de falar de criança por que eu gosto de dar treino pra criança, mas a criança às vezes acaba não assimilando o que é uma distância curta, o que é uma distância média, o que é uma distância longa, então eu procuro sempre trabalhar na curta, agora se você falar pra mim: no pessoal de treinamento o que você trabalha? eu trabalho as três estratégias, a curta, a média e a longa, porque pra competição é necessário ele ter essas três estratégias bem visíveis no decorrer da luta, porque dependendo de cada atleta que eles vão lutar eles vão trabalhar um tipo de distância.

E se você fosse explicar para uma pessoa que não entende muito de luta, o que seria essa distância curta, essa distância média e essa distância longa?

Bom, eu acho que a gente pode trabalhar a distância curta quando a gente deixa os dois bem próximos mesmo; então, por exemplo, eu colocar um pé junto do outro, estar lutando os dois com os pés próximos um do outro, ali nós vamos trabalhar distância curta. Ou eu trabalhar um na parede e o outro de frente para ele, eles vão trabalhar por que? Porque o cara que está na parede não tem condições de sair dessa movimentação, então o tempo todo ele vai começar a assimilar. A distância média dá para trabalhar, por exemplo, com a faixa. Amarrar a faixa em um e amarrar a faixa no outro e a faixa ficar estendida, então a gente deixar essa faixa estendida ele vai saber quando é distância média. E a distância longa é quando está a mais do que isso. Por exemplo, um cara que tem que trabalhar muito golpe de braço, ele sabe que ele vai ter que ter uma impulsão do membro inferior para chegar a esse golpe numa distância longa. E também quando ele vai chutar, para ele dar o chute ele precisa de uma distância maior para dar um golpe longo. Então, dessa forma, acho que ele consegue assimilar assim.

Análise inferencial dos temas enunciados

Habilidades específicas: Entende a distância como um componente estratégico que está dividido em três categorias – curta, média e longa – que depende da imprevisibilidade da luta e do jogo do adversário.

Método de ensino: Divide o ensino do Karate classificando as atividades em função de suas distâncias de guarda (curta, média e longa). Este seria um meio facilitador do ensino e da assimilação das habilidades pelos alunos.

PROF III

Na Esgrima existe uma coisa chamada medida, a medida funciona como a distância combatível entre dois atletas, entre dois esgrimistas. A medida, na Esgrima, eu diria que seria um dos

componentes que se não for, está entre os mais importantes componentes dentro da estratégia combatível, porque um passo a mais, uma entrada indevida, você está tocado, porque o tempo de reação na Esgrima é muito rápido, algo semelhante, para você ter uma idéia, ao tênis de mesa. Eu acho que o único esporte que está ali com velocidade de reação e solução é o tênis de mesa. E na Esgrima nós temos três medidas: que é a medida de braço, que você toca o esgrimista ao longo do braço, a medida de a fundo, que é o movimento mesmo a longa distância, e a medida mais longa, que é marchar a fundo, um salto a frente ou a fundo. Toda ação de Esgrima tem que acontecer dentro desse espaço, ou seja ao mesmo tempo criar condições para que você quebre a medida adversária e consiga tocar sem que ele perceba, mas ao mesmo tempo não se esconde né? A ponto de você entrar na medida do adversário e aí sim ele ter possibilidade de te tocar com facilidade, então desde pequeno um dos pontos fundamentais eu trabalho a medida não só em exercícios, por exemplo em duplas, onde eles movimentam pra frente e pra trás; tem vários exercícios, mas eu tento constantemente frisar isso para o aluno verbalmente pra que ele realmente preste atenção quanto a questão da medida, seja numa preparação de movimentos, porque toda a ação de Esgrima (eu não sei como é os outros esportes), o que estabelece o toque é a preparação anterior. É justamente nessa preparação anterior que eu percebo se eu consigo que vai dar para entrar ou não vai dar para entrar, envolve a minha medida, uma entrada errada eu estou tocado, eu constantemente trabalho essa consciência da distância com eles, é fundamental.

Análise inferencial dos temas enunciados

Habilidades específicas: Define o espaço de movimentação na Esgrima como “medida”. Esta medida é a distância combatível entre dois esgrimistas, e todas as ações desta modalidade devem acontecer dentro das medidas. Para pontuar, o intuito do atleta deve ser quebrar a medida do adversário e o que estabelece o toque é a consciência de distância bem desenvolvida. A ‘medida’ possui três classificações: medida de braço, o toque acontece ao longo do braço; a medida de a fundo que é o movimento a longa distância e a medida mais longa que é marchar a fundo, um salto a frente ou a fundo.

Método de ensino: Trabalha a medida com diferentes tipos de exercícios, utilizando principalmente informações verbais para que o aluno se concentre na preparação que antecede o toque (pontuação na Esgrima).

PROF IV

A, de longa distância, de longa.

Longa, por quê?

Às vezes muito longa, porque para essa área do ataque em si tem algumas variações quando clincha... Algumas competições a gente vê quando está entrando em uma situação meio próxima. Mas o instrumento faz com que você fique distante. A área é questão de território no Judô, por exemplo, que tem que ter a proximidade. Por ser uma luta próxima você já está junto do seu adversário e estão disputando um território que você pode girar, que é um território não muito delimitado. Você está junto com ele, você tem que tira-lo, né, afasta-lo, jogar pra fora ou outras lutas ,né, de proximidade, de encontro de meia distância, como o Taekwondo. Agora, no Kendo não é uma questão de... Que vai além até dessa questão de você ter o seu território. Você tem que realmente ir pra destruir quem está no território. Tem que manter o espírito assim e por menor proximidade já tem que estar ocorrendo o ataque, diferente de outros, outras modalidades que já está próxima ao judô. Então estão ameaçando, ameaça né, e você não sabe se vai atacar ou não

tem mais como ficar próximo o Taekwondo também tem uma certa proximidade, o Karate que já tem uma certa proximidade mas que maqueia ... né o ataque faz parte da técnica. O Kendo não, você tem que estar distante e a distância, assim a relação que tem de proximidade com ele é a ponta do shinai você mesmo tem que estar aparentemente protegido

Análise inferencial dos temas enunciados

Habilidades específicas: A presença do implemento determina a denominação do Kendo como luta de longa distância. Um lutador tem que manter-se afastado para estar protegido. A proximidade vem em função da ação do ataque. Estabelece diferenças entre modalidades de luta através da distância entre os oponentes. Coloca o Judô como luta na qual existe proximidade entre os adversários, podendo ocorrer ameaças de ações de ataque, que refletem uma disputa de território de combate. O similar ocorre no Taekwondo, modalidade de “meia distância”, na qual ocorrem aproximações e ações de ataque que podem estar disfarçadas. Pela necessidade de distância entre os oponentes no Kendo (proteção e presença do implemento) um ataque acontece com o objetivo não de disputar o território de luta como nas outras modalidades, mas sim para que esse território seja destruído, ocupado definitivamente.

5. ESSA MODALIDADE POSSUI “FORMAS” OU SEQUÊNCIAS DE MOVIMENTOS COMO O KATA²⁷? ELES SÃO ENSINADOS NA INICIAÇÃO? DE QUE MANEIRA?

Temáticas enunciadas:

Formas

PROF I

No Judô existem os katas, sim, nós temos aí, tanto no faixa preta até o décimo grau nós temos o desenvolvimento de oito katas para fazer as provas, os exames para as promoções, e desde o início alguns professores, eu acho que já devem ensinar algumas técnicas do kata desde o início e alguns golpes já estão incluídos no kata, porque no primeiro kata são 15 golpes, 15 técnicas e que você aprende, durante o aprendizado até a faixa preta. E essas técnicas você aprende tanto na forma de kata como na forma competitiva, então o desenvolvimento do kata é apenas uma prática que tem que ser contínua do início até décimo grau.

E no Jiu-Jitsu isso não ocorre?

No Jiu-Jitsu não tem, no Jiu-Jitsu, na regra internacional, pela federação internacional existem alguns katas. Alguns até bem parecidos com os do Judô, alguns até tirados do Judô, o professor Jigoro kano quando criou, já criou todas as formas de kata, o que não aconteceu com o Jiu-Jitsu e

²⁷ Kata em japonês significa seqüência de técnicas formais.

agora, desde a fundação da federação internacional, existia um estudo da formação de alguns katas não todos no Judô, mas principalmente os mais antigos, que eram da origem do Jiu-Jitsu, mas de, acho que algumas, do Karatê tem o que mais acho que tem... É o Judô.

O que significa o kata no Judô?

O estudo das formas, formas tradicionais, então tem técnicas dentro do kata, por exemplo, que eram utilizadas pelos guerreiros, samurais como técnicas e outras mesmo. Então o professor... Inclusive são técnicas que não são utilizadas nas competições, é muito difícil porque os guerreiros utilizavam armaduras, então eles aplicavam as técnicas com armaduras, então é bem diferente do Judô competitivo, então ele quis manter uma tradição, de demonstração de onde vieram todas as técnicas. Então é mais como uma tradição da cultura, da luta.

Análise inferencial dos temas enunciados

Formas: No Judô as formas são chamadas de *katas*. Os katas são o estudo das formas, consistem em técnicas tradicionais que foram mantidas a fim de que a cultura da luta fosse preservada e conhecida pelos seus praticantes, técnicas essas usadas por guerreiros e samurais que vestiam trajes de guerra e armaduras. Não são técnicas competitivas, porém treinadas e utilizadas como forma de apresentação e avaliação dos judocas.

PROF II

Se a gente pegar lá os estágios da mobilidade a gente procura nosso processo de repetição. É o que predomina ali. Então, sempre quando eu estou ensinando o kata... eu pra criança, por exemplo, eu dou sempre o processo de repetição. Então o kata, o primeiro kata do Karatê, que é o ... tem 21 movimentos. Então eu vou ensinando sempre 4, aí eu faço o processo de repetição, aí eu vou pra mais quatro aí já são 8 movimentos e aí sempre através do processo de repetição mesmo, não tem jeito, e a criança já começa assimilar o aprendizado do kata.

E aquele lance, num primeiro momento eu não enfatizo a correção da técnica. Eu faço com que ele aprenda o kata, a partir daí que ele assimilou todo esse aprendizado. Aí eu vou começar a corrigir a técnica do movimento.

Análise inferencial dos temas enunciados

Formas: Processo de repetição de movimentos de ataque e defesa realizados individualmente (sem a presença de um adversário). Ensinados de forma fragmentada e baseada na combinação de técnicas e golpes do Karatê.

PROF III

Existem na Esgrima os movimentos técnicos que são clássicos do mundo inteiro. Claro, cada escola tem as suas particularidades de detalhes, né? Mas as posições são as mesmas, então você tem na Esgrima as oito posições de Esgrima que seriam as posições de arma que você ao mesmo tempo fecha determinadas linhas, né? Que seria, por exemplo, a sexta, a sétima e a oitava, que seria como se você criasse uns espaços tridimensionais de fechar espaços, né? Quando você joga com o adversário para que ele não possa te tocar, ta? Essas mesmas posições, elas também se

transformam em posições de ataque para o adversário, onde você aumenta, essa mesma posição você também pode fazer ela pra frente buscando a arma do adversário e elas são definidas e claro, ela tem as variações dela, mas são posições específicas para que depois se transformem em atitudes táticas.

Mas essas posições na hora de serem ensinadas ou treinadas, elas necessitam de um adversário em frente ou elas podem ser treinadas sozinhas?

Sim, elas são treinadas inicialmente sozinhas, mas imediatamente elas tem que ser transformadas como se tivesse um adversário na frente, porque ela vai ter que, ela não é fechada e definida, ela muda em detalhes em função de onde se apresenta a arma do adversário. A quarta, por exemplo, um exemplo isso aqui é quarto, isso aqui é quarto.... Dependendo de onde eu to em relação a distância inclusive ta, mas a posição, ela é educada para que o adversário possa mecaniza-la ta bom, porque isso são ações mecanizadas, uma vez elas estabelecidas, ela em realidades de combates não são pensadas, a tática sim, a tática você pensa, a técnica uma vez estabelecida, enfim ela tem que acontecer.

Análise inferencial dos temas enunciados

Formas: Na Esgrima existem oito posições definidas que objetivam criar espaços tridimensionais para fechar e proteger os alvos. Entretanto essas posições não são fechadas, elas mudam em função da localização da arma do adversário. São posições específicas que se transformam em ações táticas. Podem ser treinadas individualmente, porém sua execução depende da imprevisibilidade de um combate. A intenção é que os esgrimistas interiorizem todas as posições para que estas estejam disponíveis para solução dos problemas que surgem no jogo.

6. DESCREVA UMA AULA SUA NA INICIAÇÃO DA MODALIDADE

Temáticas enunciadas:

Método de ensino
Aspectos culturais

PROF I

Bem, isso aí existem diferenças para desenvolver uma aula da criança para o adulto, mas no caso da criança sempre desenvolvendo as habilidades motoras básicas, desenvolvendo aí exercícios e brincadeiras para os movimentos de equilíbrio, coordenação, enfim. E depois a aula propriamente dita, que envolve as técnicas de caída, que você vai fazer desde o início e nas outras aulas, mesmo porque uma das características do Judô é cair, não tem jeito, quem pratica Judô tem que cair. Então é uma prática contínua, então no início após o aquecimento a prática das quedas, as caídas e depois o desenvolvimento da aula de técnicas novas, de aprimoramento, de aperfeiçoamento, depois as práticas realmente do Judô e finalizando a aula com alongamento, coisa comum.

No caso do Jiu-Jitsu muda alguma coisa?

No caso do Jiu-Jitsu não a mesma coisa, a diferença é aquela que no Jiu-Jitsu, a diferença entre o Jiu-Jitsu e do Jiu-Jitsu brasileiro. No Jiu-Jitsu brasileiro, como eu já disse, não está organizado, não tem uma seqüência pedagógica. Então, às vezes, tem professores que começam a aula direto, não tem aquecimento, eles acham que como é luta no solo não há necessidade de muito aquecimento, alguns fazem, alguns professores já formados fazem uma série de exercícios para poderem passar para a aula.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Diferencia o ensino para crianças e adultos. Para crianças: aquecimento lúdico, parte principal da aula com técnicas básicas da modalidade, ao final promove prática da luta de Judô pelos alunos, terminando com alongamentos. Fases de desenvolvimento na modalidade: técnicas básicas, introdução de novas posições, aprimoramento e aperfeiçoamento das técnicas, seguidas das práticas propriamente ditas. O Jiu Jitsu Brasileiro carece de organização e seqüência pedagógica, planejamento das aulas baseado no empirismo dos professores. A formação do professor em Educação Física é determinante para uma organização adequada de aulas e conteúdos.

PROF II

Pra criança eu sempre começo com brincadeira, o aquecimento sempre é lúdico, sempre é lúdico e aí eu procuro voltar meu aquecimento sempre para o objetivo da aula. Eu sempre procuro fazer isso, por exemplo, o meu objetivo da aula hoje, nós vamos começar a fazer a movimentação de lutas, nós vamos fazer alguns ataques e defesas de lutas, o que eu faço? Eu procuro voltar o meu aquecimento pra isso, então nós vamos correr, de repente eu faço alguma movimentaçãozinha de tal forma, pega- pega, quem for pego vai ficar movimentando, o outro tem que passar por debaixo da perna dele para poder livrar, então eu vou sempre direcionando o aquecimento. A parte principal da aula eu sempre procuro dar estímulos para a criança com questões, até questionamentos mesmo, então eu vou lá e ensino um ataque de braço então o que eu vou fazer nesse ataque de braço eu vou perguntar pra ele qual, o que a gente pode fazer com esse ataque, aí ele tem que mostrar para o amiguinho então eu coloco os dois lá e ele vai e mostra, então esse ataque serve pra que? Aí eu deixo e a criança pode o tempo todo, sei lá eu posso dar um soco em cima, eu posso dar um soco embaixo, eu posso trocar a perna e bater, eu vou criando situações para que estimule essa criança corticalmente também, não adianta só fazer a parte prática, tem que estimular todo o sistema nervoso e a parte final eu sempre, na volta à calma às vezes eu nem dou a volta à calma, às vezes eu termino com brincadeira porque criança eu acho que é muito legal eles brincarem mesmo. Então eu termino a aula fazendo alguma outra brincadeira, ou de vez em quando eu dou a volta à calma lá com alongamento, alguma brincadeira lenta.

Agora, pro adulto, que a maior parte dos meus adultos são atletas, então a minha parte principal, o início da aula, eu já começo com o aquecimento, deu uma “alongadinha” o aquecimento já é específico da luta, então eu vou lá já dou luta mesmo, eles vão aquecer lutando, trocando golpe um com o outro, quando vai para a parte principal, na aula o que eu trabalho? Trabalho as estratégias táticas das lutas. Então eu vou criando situações reais que ocorrem numa competição então a parte sempre... estratégias táticas e aí e volta à calma a gente enxerga com alongamento mesmo. Ta legal? A diferença é bem grande de um para o outro.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Diferencia o ensino de crianças para adultos. Crianças: aquecimento lúdico e direcionado para os objetivos das aulas; parte principal baseada nas razões do fazer um determinado gesto, o ensino dos golpes vem acompanhado pela necessidade de aprendizado dos mesmos, o que considera estímulos ao sistema nervoso; parte final varia com a agitação dos alunos. Adultos: Aquecimento com a prática da luta; parte principal explora as estratégias táticas e imprevisibilidade dos combates.

PROF IV

Posso, pra começar dos rituais, dos rituais que estão ligados a filosofia, mas a gente conversa mais ou menos assim de aceitar algumas tarefas que são dos iniciantes, que tem que se reconhecer como iniciante, então ele tem que ter tarefas lá, não é só pagar a academia, se é num lugar que se vai pagar, isso não basta, precisa aprender para você ser merecedor daquele ensinamento, ele tem que assumir algumas responsabilidades que os outros mais velhos já passaram, como é ele que vai abrir, ele tem que chegar cedo antes de todo mundo, ele que pega o pano para limpar a academia, ele que acende as luzes, vou embora e ele que tem que fechar tudo essas são as coisas iniciais. Na aula em si, postura, aprender a andar, saber quando andar mais depressa, andar, porque não é o andar comum, é o andar com bastante isso, as empunhaduras da shinai, o aquecimento a gente já faz como o aquecimento, não é rigoroso, é mínimo, é comum e é repetitivo faz mesmo um aquecimento, estilo comanda um puxando todo mundo fazendo o mesmo aquecimento. Daí dessa parte principal da aula então ele vai separar, no começo ele não luta né, então durante muito tempo ele não vai colocar a vestimenta própria, ele está num outro estágio ainda, até que possa mostrar interesse, tempo, aí ele vai dando o tom da própria aprendizagem. Aí ele entra com o grupo que já está mais adiantado. Até então, se for iniciante com o grupo iniciante. A gente tem claro um planejamento em comum para esse grupo. Agora, se for iniciante na academia aí eu sempre procuro deixar muito mais atenção para o iniciante né, conquista-lo, mostrar olha é rígido mas vale a pena.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Aquecimento repetitivo, alunos iniciantes devem reconhecer que são menos experientes realizando tarefas de responsabilidade e submissão, devem demonstrar interesse para que possam ter direito a usar a vestimenta própria e começar a lutar. Dessa forma o ritmo de aprendizagem é determinado pelos próprios alunos.

Aspectos culturais: Questões relacionadas aos rituais e tradição da modalidade são primordiais na iniciação e um aluno só está preparado para receber os ensinamentos do Kendo se ele incorpora as responsabilidades de um iniciante.

7. PENSANDO NA DIVERSIDADE HUMANA, NAS DIFERENTES PESSOAS QUE POSSAM A VIR PROCURAR A SUA ACADEMIA, VOCÊ JÁ TEVE ALGUM ALUNO COM DEFICIÊNCIA?

Temáticas enunciadas:

**Potencial Criativo
Método de ensino**

PROF I

Tive aluno com deficiência, num lado do corpo, paralisia cerebral, mas ele não se adaptou, e inclusive ele disse que já havia feito algumas lutas, tentou fazer, mas a que ele se identificou melhor foi o Kung Fu, porque também não tinha o contato direto. Então tinha movimentos mais suaves, mas ele chegou a gostar do Jiu-Jitsu, do Judô e chegou a praticar, mas eu acho que ele deve ter sentido alguma dificuldade. É claro que ele quem decidiu. Mas eu acho que não tem problema nenhum, claro que tem técnicas que ele não vai conseguir aplicar, mesmo porque ele tinha um problema nas mãos, certas posições não têm como ele se segurar, mas isso é adaptado, ele não faz uma, mas pode fazer outra.

Mudou muita coisa no desenvolvimento da aula quando ele estava presente?

Não mudou não porque os alunos, está todo mundo vendo a dificuldade e aqui usamos a filosofia de sempre todo mundo procurar ensinar, procurar orientar, não é sempre o professor que orienta, mas no desenvolvimento das aulas os alunos mais graduados têm a obrigação de ensinar, orientar, então está todo mundo sabendo aqui, não tem problema nenhum.

Você acha que as pessoas com deficiência podem participar em qualquer modalidade de luta?

Acho que depende muito da deficiência. Ele pode, é igual esse aluno que esteve aqui e me procurou. Ele fez diversas lutas (Karatê, Kung fu, Judô) agora não sei hoje não sei onde ele está, se está fazendo alguma modalidade ou se está procurando. É claro, acho que é aquela adaptação.

E no caso do deficiente visual por exemplo?

No caso de deficiente visual eu nunca tive experiência de nenhum caso de aluno assim com deficiência visual, mas no Japão tinha equipes no kodokan fazendo Judô, deficientes visuais e no Judô como é uma modalidade de contato, você segura. Eu acho que é uma das mais indicadas para o deficiente visual.

O senhor quer dizer que as modalidades que não tem mais contato podem ser mais difíceis?

Eu acho que sim porque aí depende de você orientar-se pelo adversário para poder atingi-lo. No Judô não, como você tem o contato direto, você ali através da sensibilidade existe a possibilidade do contato, inclusive existem métodos de treinamento para atletas de alto nível com os olhos vendados para poder desenvolver essa habilidade de sentir o adversário e tal, então eu acho que o deficiente visual se adapta muito bem com o Judô.

Análise inferencial dos temas enunciados

Potencial criativo: A pessoa com deficiência deve se identificar com uma modalidade para obter fluência na prática. No caso da pessoa com Paralisia cerebral a falta do contato direto facilitou o aprendizado. É possível que pessoas com deficiência pratiquem modalidades de luta, porém isso depende da deficiência, assim como da modalidade. Entende que existem técnicas que provavelmente não sejam passíveis de serem praticadas, porém enxerga adaptações e outros

movimentos que possam substituir aqueles que não puderam ser executados. O Judô pela presença do contato direto é a modalidade mais apropriada para o DV, pois este pode se orientar pelo próprio adversário. Atletas de alto rendimento videntes treinam vendados para desenvolverem a capacidade de sentir o oponente.

Método de ensino: Existem técnicas que necessitam de adaptação para que a PCD aprenda. Todo grupo está ciente de que há um aluno com deficiência na academia. Alunos mais graduados ajudam e também orientam.

PROF II

Então isso é bem... porque até conversando com o Prof. “X” o meu trabalho de graduação, especialização foi estratégia de ensino e aprendizagem para pessoas com deficiência. Então a gente tinha um grupo aqui no PEAMA que tinha uns dez deficientes visuais praticando Karatê e aí tanto que o trabalho foi o mesmo, estratégia de ensino e aprendizagem do Karatê para os deficientes visuais, então eu tive uns 10 alunos e eu acho que foi muito legal essa experiência porque até desperta na gente, como eu vou ensinar isso, né? Muitas vezes, tanto que quando eu entrei no PEAMA eu entrei para dar aula de Karatê mesmo, num primeiro momento, imagine, no segundo ano de faculdade você imagina que situação, segundo ano de faculdade entrar num programa para dar aula de Karatê. Eu tinha pouca experiência para dar aula porque eu sabia dar aula na academia de Karatê. Como professor eu tinha pouca experiência e eu me deparei com 10 cegos. Naquele momento minhas pernas tremiam porque eu falava “putz como é que eu vou fazer isso?”

E nessa hora antes de você estudar? O que mudou na sua aula, o que você fez de diferente?

Então, no primeiro momento eu falava “Meu Deus o que que eu vou fazer”? Aí, como tinha algumas professoras comigo eu demonstrava o movimento, eu fazia lá toda a demonstração táctica, a informação verbal, eu procurava fazer isso, só que a gente não tem muita experiência então a gente se “enbanana” mesmo, faz algumas coisas erradas, sorte que tinha algumas professoras que estavam comigo, então elas iam me ajudando e aí eu falei “beleza. Chegou um momento que eu não precisava que ninguém mais ficasse comigo porque os alunos já adquiriram o aprendizado. Então eu tive que criar uma estratégia metodológica para eles aprenderem primeiro só socar, depois de eles fazerem meio chute para adquirirem o equilíbrio na direção do chute, depois nós começamos o kata, o kata que foi o lance mais legal, porque no kata eu acabei criando uma situação. Como tem variações constantes de direção, como que eu passava a informação pro lado que eles iam até eles adquirirem um aprendizado, eu ia pro lado do movimento, então na hora em que eles escutavam a contagem eles ouviam e sabiam para que lado tinham que ir. Depois, quando ocorreu o aprendizado eles faziam o kata sem contagem, eles iam embora tranquilamente.

E eles chegaram a fazer luta?

Chegaram a fazer luta que eu comecei a ensinar, é... Como que, a luta como que eu fazia, tinha aquelas luvas de boxe, é manopla que chama, num primeiro momento eles tinham que tatear a luva, por exemplo, eles iam fazer um soco com o braço direito, então eles apoiavam, tocavam com a mão esquerda na luva de boxe e executavam o soco, o tempo todo e aí foram aprendendo os movimentos de braço, depois o chute eu dava uma mão pra eles e direcionava o chute, então ficava mão com mão igual tá aqui e colocava a luva para ele saber a direção do chute, porque senão eles me acertavam também, aí não tava nem sentindo e eles executavam o chute para dar

noção de direção para eles. Depois, com o tempo, eu tocava na luva de boxe e eles já sabiam onde estavam, chutavam, executavam e a luta em si nós chegamos até a fazer, a lutar, mas eu deixava sempre a distância longa eu não deixava a distância curta porque dava até medo deles se machucarem né. Então para integridade deles mesmo acabava uma distância bem longa

Você acredita que qualquer pessoa com qualquer deficiência pode praticar luta?

Então aí isso é questão de estudar, né? Eu acho que a gente tem que estudar o que essa pessoa apresenta, não é assim sair lutando, não tem condições, tem que estudar essa pessoa, conhecer um pouquinho da patologia que ela apresenta. Eu acho que com a grande maioria a gente consegue sem dúvidas, mas não são para todos que a gente vai dizer “meu esse cara pode lutar tranquilamente”. Não é bem assim, eu acho que a gente tem que estudar a pessoa mesmo e ter condições, eu acho que é um pouco de empenho da pessoa se dedicar eu acho que qualquer um, qualquer diversidade pode praticar desde que a gente tenha conhecimento para executar uma arte marcial, por exemplo, uma luta, eu acho que é esse o enfoque.

Análise inferencial dos temas enunciados

Potencial criativo: Um aluno com deficiência desperta no professor a inquietação para definir qual a melhor maneira de ensinar, seguida da investigação da deficiência do aluno, assim o professor pode se sentir seguro para dar aula. O professor deve ter domínio do conhecimento a ser ensinado. O aprendizado pode depender do empenho do aluno, assim como do tipo e grau de deficiência que tem.

Método de ensino: Conteúdos organizados e fragmentados para facilitar o ensino. Estímulos à auto-eficácia do professor. Uso de estratégias verbais/sonoras no desenvolvimento das aulas. Assistência no início e independência no decorrer do processo.

PROF III

Eu acho assim, no meu ponto de vista a pessoa com deficiência pode fazer qualquer esporte principalmente em esportes de lutas, eu nem vou entrar em detalhes dos benefícios que elas tem pessoalmente no sentido até da auto estima, da qualidade de vida, enfim, mas eu acho que tudo vai depender do processo pedagógico que o professor tenha de adequação, né? Envolve o tempo que eu demoro para trabalhar com uma pessoa com deficiência, dependendo do grau de lesão. Não é que ela vai demorar mais, os procedimentos de ensino pedagógicos eles vão ter que ser muitas vezes diferentes, alguns podem se adequar da mesma forma que você trabalha com uma pessoa convencional, outros não. No caso da Esgrima, por exemplo, que é o que a gente trabalha, Esgrima adaptada, depende da lesão. Se a pessoa tem lesão exclusiva na mão eu tenho que adaptar a arma na mão dela. Isso por sua vez solicita que o gesto que eu consigo dar para uma pessoa convencional obrigatoriamente, de repente ela não consegue executar. Porém eu posso adequar um outro movimento semelhante, dentro das condições que ela tem, que daria para solucionar esse problema da mesma posição que daria para uma pessoa convencional e isso vai solicitar uma nova forma de tocar, ta. Agora, o que interessa é ela tocar e esse procedimento técnico, que aí no meu ponto de vista vai depender muito do professor, encontrar meios para conseguir isso, então eu acho que o que vai mudar aí é o processo de ensino, encontrar adaptações, adequar procedimentos para que você possa ensinar essa pessoa a aprender. É possível, na minha prática eu percebo que isso é fácil, fácil não, é possível ser realizado, envolve paciência, envolve estudo e conhecimento da própria deficiência do indivíduo, porque muitas

vezes ele não consegue executar determinado movimento. Não porque ele não queira ou porque ele não tenha condições por algum motivo, mas a deficiência não permite, a lesão é tão ampla que não dá, mas isso não impede de ele fazer uma outra adequação, um outro gesto, eu acho que é possível sim.

Análise inferencial dos temas enunciados

Método de ensino: Adaptações nos procedimentos pedagógicos pensando no tipo e grau de deficiência. Em alguns casos pode-se manter o que é desenvolvido no ensino convencional. O professor auxilia seu aluno a encontrar meios para solucionar os problemas do jogo. O objetivo da luta demanda novas formas de execução de um gesto, criado pelo aluno, em resposta aos problemas que surgem num combate. Ensinar uma pessoa com deficiência envolve paciência, estudo e conhecimento da deficiência.

PROF IV

Na academia de manhã tem um com disfunção auditiva ...

O que muda?

É, nessa modalidade nunca teve, como eu não era o professor a gente ajudava, a gente como colega ajudava, né? Por demonstração, grito, mas mesmo assim eu não sei do grau de dificuldade auditiva que ele tinha, mas era bem compreensível, fazia bem. Eu me lembro também de ter tido uma outra criança, também com deficiência motora, com problema de perna só, tinha problema de nascença, mas não é uma coisa para eu me preocupar porque eu não tenho visto nenhum.

E você acredita que é a presença de uma pessoa com uma deficiência vai mudar muito a seqüência da sua aula?

Eu espero que não mude muito, mas com certeza vai mudar, com certeza as diferenças nos chamam mais a atenção, não tem como, eu que tenho que me policiar para continuar dando a mesma, mais atenção aos outros, você entendeu? Porque aquilo faz jus a minha a atenção, o respeito e o carinho, eu tenho que ir para o nível dele, eu tenho que procura-lo porque se ele me procurou eu tenho que retribuir a atenção.

E no caso da deficiência visual, por exemplo?

Legal, em outras lutas já tivemos né? Em outras lutas tem um monte, Capoeira, Taekwondo, em Educação Física infantil, mas o que a gente quer, o que importa é que tenha interesse pra você e de um jeito acabar afugentando é que essa modalidade também não ajuda, também não é muito divulgada. Não é geralmente ... ainda próprio preconceito dessas pessoas dessas crianças de achar que não pode lutar e hoje a gente tem tantos casos de luta para cegos por exemplo, né, muito legal.

Análise inferencial dos temas enunciados

Potencial criativo: Na modalidade declara não conhecer muitos casos de pessoas com deficiência. Cita situações em que os alunos auxiliavam uns aos outros e utilizavam meios “intuitivos” para lidar com a deficiência do colega.

Método de ensino: Acredita na mudança de procedimentos pedagógicos e na tentativa de seguir prestando atenção em todos os alunos igualmente e não concentrar-se apenas no aluno com deficiência. Entretanto deve-se retribuir a escolha da academia. Não existe muita preocupação com esta população na modalidade porque a demanda é baixa e o Kendo pouco difundido. Há preconceito das próprias pessoas com deficiência em relação aos esportes de luta. A prática desses

esportes para pessoas com deficiência visual está bastante difundida.

Inferências coletivas – Capítulo I

Características comuns: O contato entre os oponentes é uma característica presente em todas as modalidades, ele pode variar de acordo com o regulamento, mas é parte da lógica interna da Luta. Algumas habilidades, provavelmente as que surgiram em função deste contato, são recorrentes no repertório das modalidades, podendo ser complementares umas as outras. Isso possibilita uma aproximação das modalidades de contato direto, ou curta distância em um mesmo grupo, o que pode se repetir para as modalidades que não detêm esse contato direto, mas possuem outras características relacionadas a ele em comum, como o semi-contato ou o contato mediado por um implemento.

As características que permitem aproximações em grupos são de caráter motor, movimentos e ações que se repetem e se assemelham em modalidades de luta. Embora prevaleçam na iniciação, o ensino das lutas agrega valores filosóficos, místicos, relacionados à tradição e origem de cada modalidade. Isso é histórico e único.

Outras questões relativas à tática e estratégias da Luta foram abordadas como algo comum às modalidades e não depende exclusivamente do contato entre os oponentes.

Habilidades específicas: Capacidades físicas como força, flexibilidade, equilíbrio e coordenação aparecem como necessárias para o desenvolvimento das habilidades específicas. Nas modalidades de contato direto ou curta distância há uma diferenciação baseada na imposição ou não do contato inicial,. Neste caso as habilidades e estratégias relacionadas ao início do combate vão diferir de uma modalidade para outra. Entretanto, todas as modalidades estão sujeitas às conseqüências da esportivização, como o Judô, que foi criado com base em objetivos exclusivamente educacionais, no qual o contato direto era imposto inicialmente, além de uma condição para o começo da luta. Atualmente esse contato leva muitos minutos da luta em disputa, modificando não somente a razão original pela qual foi criado, mas também a leitura da luta.

A distância pode ser entendida de duas formas. Numa única modalidade podem existir estratégias que variam de acordo com o espaço entre os oponentes (curto, médio ou longo). Desta maneira usa-se a distância como um meio para diversificar o treinamento e as movimentações do Karatê. A outra maneira de se entender distância é pensar numa condição para que aconteça um combate. Uma modalidade de curta distância possui um espaço praticamente nulo entre os oponentes e para a realização das técnicas e objetivos da luta é necessário que os praticantes se coloquem em contato direto. A distância média seria um espaço moderado que permite a aproximação em situações de ataque entre os oponentes. No início da luta deve existir um espaço para preparação dos movimentos de ataque que não tendem a decidi-la. Os golpes caracterizam o contato e não dependem dele para acontecer como na curta distância. Já na longa, definida pela presença de um implemento, deve haver uma distância maior entre os oponentes para que eles possam manipular de forma adequada o implemento, fazendo com que o contato entre eles seja através da espada, por exemplo. Como habilidades específicas da média distância estão presentes os chutes, socos e as seqüências combinadas e da longa distância as empunhaduras, habilidades manipulativas e posturas.

Formas: As formas dependem da peculiaridade de cada modalidade, porém, definem-se em movimentos técnicos de ataque e defesa, ensinados de maneira fragmentada, que podem ser

executados individualmente (os adversários seriam imaginários), ou na presença de outros companheiros (em grupo ou duplas, como no Judô). Algumas modalidades não possuem Formas como um conteúdo tradicional, mas dispõem de movimentos específicos treinados isoladamente que serão empregados num combate.

A finalidade das Formas relaciona-se a conservação da tradição e cultura da modalidade, como um meio de os praticantes conhecerem as técnicas mais antigas, já não utilizadas com a modernidade.

Inferências coletivas – Capítulo II

Transferência: Pessoas com repertório motor variado tendem a transferir sua bagagem para o aprendizado de qualquer tarefa e não somente às habilidades de luta.

No caso de uma modalidade de luta anteceder a outra isso pode facilitar principalmente o processo de iniciação, considerando as características comuns presentes nos grupos de aproximação e também fora deles. A prática de uma modalidade de curta distância pode facilitar o aprendizado de outra do mesmo grupo, como também tende a facilitar a assimilação de outras habilidades de modalidades do grupo da média ou longa distância, já que a lógica e leitura da Luta tendem a não variar; o que muda é o regulamento e as especificidades.

Nos casos de prática prolongada antecedendo o aprendizado de nova modalidade, pode haver uma transferência negativa de conhecimento, e a rigidez exigida em uma determinada técnica pode prejudicar a leveza demandada por outra, por exemplo.

Método de ensino: O ensino das modalidades de luta é diferenciado para crianças e adultos, embora nenhuma faixa etária tenha sido definida como fim da infância. Para as crianças preza-se por um processo de ensino lúdico que não enfatiza a execução perfeita das técnicas, apesar das mesmas serem ensinadas. Há uma seqüência de aulas que possibilita a organização do professor em relação ao conteúdo. O aprendizado baseado nas razões e porquês do fazer é um método explorado pelos professores que consideram necessário lutar para que se aprenda lutar, embora essa não seja a filosofia de muitos professores que não têm formação em Educação física e fundamentam suas aulas no empirismo de suas histórias de vida.

A adaptação de materiais representando o implemento é um recurso que facilita o ensino em qualquer ambiente, além de explorar a criatividade dos professores e alunos, dando sentido à prática à medida que o material é confeccionado por eles. Exploração das capacidades físicas através do uso desses materiais. Utilização e estudo de métodos já usados para o ensino das modalidades, o que promove uma visão mais crítica dos professores fazendo com que eles repensem suas aulas.

Para adultos mantém a tradicionalidade dos métodos de ensino de Lutas, caracterizados por aquecimento, parte principal que pode abranger técnicas e posições e luta no final. Os tipos de aquecimento e parte principal da aula podem variar, enquanto um utiliza os movimentos da modalidade para resolução de problemas, outro enfatiza a repetição gestual.

Aspectos culturais: O ensino das modalidades de origem oriental tenta preservar os aspectos culturais inerentes a elas, levando para as aulas parcelas de história, filosofia, rituais e respeito. A hierarquia dos sistemas orientais é geralmente mantida. Para um aluno poder usar a vestimenta, ele deve merecê-la, demonstrando responsabilidade para com a Luta que pratica. Essa

responsabilidade se dá pela realização de tarefas que um iniciante deve fazer, tais como limpar o tatame, chegar antes para acender as luzes da academia, sair mais tarde para fechá-la, reverenciar os mais graduados e obedecê-los sempre.

Esses aspectos culturais, uma vez incorporados pelos alunos, são uma forma de fazer perdurarem as origens e objetivos pelos quais surgiram as modalidades. Entretanto a rigidez exigida por alguns professores pode prejudicar a plasticidade necessária para o entendimento das Lutas como um conhecimento passível de ser ensinado para todos os personagens e contextos, fora também das academias e clubes.

No caso da Esgrima, de raiz ocidental, os aspectos culturais se associam muito mais a personalidade e características pessoais dos praticantes, do que às razões pelas quais surgiu a modalidade. Isso vai determinar com qual segmento da Esgrima o aluno se identifica mais (florete, sabre ou espada).

Inferências coletivas – Capítulo III

Adaptações: Todos os professores acreditam na necessidade de adaptação ou mudança dos procedimentos pedagógicos para o ensino das Lutas para pessoas com deficiência, embora essas adaptações dependam do tipo e grau de deficiência. Em alguns casos um dos professores considera possível manter o que é desenvolvido no ensino convencional. O papel do professor é fundamental no acompanhamento do aluno com deficiência no que se refere às estratégias de ensino e não a um assistencialismo àquele aluno.

As Lutas possibilitam a criação de soluções para os problemas do combate através de respostas táticas, de acordo com a lógica da modalidade ou da situação proposta. Um aluno com um comprometimento motor vai utilizar técnicas diferenciadas para resolver o problema que lhe foi apresentado.

Potencial criativo: A presença de um aluno com deficiência nas aulas de Lutas pode despertar o potencial criativo tanto dos alunos, quanto dos professores. Enquanto os alunos têm de desenvolver suas técnicas para responderem à tática das modalidades, os professores têm de adaptar sua metodologia de ensino utilizando outros canais de comunicação, que muitas vezes não estão habituados a utilizar, criando situações que permitam ao aluno incorporar a lógica das Lutas considerando suas potencialidades e não sua deficiência.

Fala-se na criação de técnicas substitutivas às técnicas tradicionais. Se um aluno com paralisia cerebral espástica não consegue executar o soco “X” tradicional no Karatê, ele, através do que incorporou taticamente, vai inventar uma técnica que lhe permita atingir os mesmo objetivos do soco tradicional. Isso pode ser pensado não somente para alunos com deficiência, mas para todos aqueles que por algum motivo tenham dificuldade na execução das técnicas tradicionais daquela modalidade.

APENDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: Ensino das Lutas: das especificidades aos princípios comuns

Pesquisador responsável: Mariana Simões Pimentel Gomes

Orientador: Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Eu, _____
 _____ portador do RG: _____, concordo em participar voluntariamente da presente pesquisa, sabendo que, para coleta dos dados, deverei responder as questões formuladas.

É de meu inteiro conhecimento que o projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de identificar quais são as habilidades básicas e princípios iniciais no processo de ensino-aprendizagem das modalidades de luta a fim de verificar a possibilidade de existência de características comuns entre elas.

Entendo que tenho como garantia, como participante da pesquisa, acesso à metodologia do trabalho, tendo total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que não haverá qualquer prejuízo a minha pessoa.

É também de meu inteiro conhecimento que os dados por mim relatados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e serão mantidos em sigilo para assegurar minha privacidade em relação a esses dados confidenciais.

Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados pelos telefones (19) 3521-6618 / 3289-2043/ 96271055 ou pelo e-mail marianaspg@gmail.com

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

_____, ____ de _____ de 200_ .

 Assinatura do entrevistado

 Assinatura do pesquisador